

Entrevista



Foto: Roberto Guedes

Marconi Medeiros Presidente da Fecomércio aponta retomada "vigorosa" da economia. [Página 4](#)

Geral

Território paraibano perde 2,7 mil hectares de vegetação

Relatório do Desmatamento revela que a área de Caatinga foi a mais atingida na Paraíba no ano passado. [Página 3](#)

Paraíba

Covid-19 grave entre crianças é rara, mas assusta famílias

Apenas 2% dos casos de pacientes de 0 a 9 anos, na Paraíba, evoluíram para a forma mais severa da doença. [Página 5](#)

Estado registrou 46 casos de feminicídio no ano passado

Com o isolamento social, aumentaram os casos de violência doméstica e as ligações para o 190 saltaram 4,9%. [Página 7](#)

Diversidade

Candidato à API quer atrair a nova geração da imprensa

Marcos Wéric encabeça chapa única na eleição da Associação Paraibana de Imprensa e fala sobre suas propostas. [Página 19](#)

Almanaque

Ordem Rosacruz: altruísmo na busca pela evolução

Com uma Grande Loja em JP e outra em CG, fraternidade soma mais de 300 mil afiliados no Brasil. [Página 25](#)

Colunas

// Theodore Van Kirk, o último tripulante vivo do bombardeiro B-29 que desovou a bomba atômica sobre Hiroshima. 'Dutch' Van Kirk morreu de morte natural aos 93 anos. // [Página 2](#)

Sitônio Pinto

// A justificativa divina para o extermínio da humanidade se baseia na multiplicação da maldade no mundo. Deus andava desgostoso, arrependido de ter criado a humanidade. // [Página 10](#)

Estevam Dedalus

// A governança é o combustível que proporciona a sincronia das forças unidas para que fraquezas sejam superadas, ameaças sejam expelidas, acertos sejam potencializados. // [Página 17](#)

Chico Nunes

Paraíba é o quinto maior exportador de calçados do país

Responsável por 14% do mercado brasileiro, setor cresce a passos largos e pode fechar 2021 com uma produção recorde de quase 121 milhões de pares. [Página 17](#)



Foto: Mano de Carvalho/Divulgação

As soluções possíveis para o Rio Paraíba

Para enfrentar problemas como a poluição e o desmatamento, pesquisa financiada pelo Governo do Estado vai estudar toda a extensão do rio que corta um conjunto de municípios responsável pela geração de quase 80% do PIB paraibano. [Página 15](#)

Foto: Wander Roberto/Inovafoto/CBV



Esportes

Favoritismo Fazendo dupla com Alisson (D) no Vôlei de Praia, paraibano Álvaro Filho (E) fala da expectativa para os Jogos Olímpicos de Tóquio. [Página 21](#)



Ilustração: Tônio

Luiz Ramalho

Composições do autor de "Foi Deus quem fez você" são digitalizadas, com 170 músicas inéditas; compositor morreu há 40 anos e data será lembrada na Tabajara a partir de amanhã. [Página 9](#)



Pensar O papel da sexualidade e do sexo nos humanos - e também nos animais - é discutida por psicoterapeutas, ginecologista, sexóloga, psicóloga e bióloga, à luz da ciência e das relações afetivas.



Editorial

Presunção

A cena não é difícil de ver nas ruas da cidade de João Pessoa: uma motocicleta, em velocidade média, pilotada por homem de corpo torneado, sem capacete, camisa e máscara. Uma espécie de representação mal-ajambrada de "O Estado sou eu". A frase, como se sabe, é atribuída a Luís XIV, o Rei-Sol, que governou a França e Navarra entre 1643 e 1715.

Este tipo de gente guia a máquina por um território que considera "Sem lei nem rei", para lembrar aqui o romance homônimo do genial escritor pernambucano Maximiano Campos. A certeza da impunidade está expressa no sorriso mais cínico irônico que o dito cujo dispensa às pessoas que o criticam com os olhos, por dirigir daquela maneira abusiva.

Imagina-se que uma criatura com esse porte e comportamento deve ser partidária da violência. Somente o braço forte do Estado pode deter um indivíduo com tais características. O cidadão comum, caso ouse questioná-lo sobre o não uso de máscara de proteção sanitária, certamente será agredido verbal e fisicamente pelo "selvagem da motocicleta".

Os passeios de motocicleta do presidente Jair Bolsonaro e seu grupo tático móvel de seguidores também transmitem esse gênero de recado absolutista: eu tenho a força e o controle sobre tudo o que anda, voa, nada ou rasteja no meu território (o país). O poder absoluto personificado em um homem de jaqueta preta, sem máscara, de sorriso debochado.

O Estado democrático foi erigido para conter a peleja do autoritarismo. A supremacia do coletivo, em detrimento do individualismo. O estabelecimento de direitos e deveres para todos como um dique contra o culto da personalidade. A divisão dos poderes da República simboliza, também, a ruptura da tirania; a queda do despotismo.

Contra o mito, a realidade das ruas. Um país que ainda amarga altos índices de deformidades de vida. Que precisa avançar pelos campos materiais e pelas searas solidárias. Afastar-se do escambo político e aproximar-se mais do processo de construção de uma sociedade na qual a alegria de viver nasça, prioritariamente, da liberdade e da justiça social.

Artigo

Rui Leitão

ruileitao@hotmail.com | Colaborador

O movimento cultural na Paraíba

Apesar da situação política, das fortes restrições às liberdades públicas, da rígida censura imposta aos canais de informação, o ano de 1968 foi um dos mais fecundos para a produção cultural de nosso país. A criatividade era estimulada a pensar a realidade brasileira e as relações sociais em conflito. Vivia-se um momento cultural politizado. A contestação ao regime, dedicando atenção especial aos temas ideológicos, alimentava o espírito das expressões culturais, fossem escritas, cantadas, lidas ou representadas.

Na Paraíba, essa efervescência cultural era sentida nos eventos acontecidos em João Pessoa. Lançamento de livros, montagem e apresentação de peças teatrais e exposições de artes plásticas, fizeram do mês de julho rico nesse processo de renovação cultural, que o mundo inteiro experimentava, com um novo comportamento da intelectualidade e suas manifestações. O Departamento Cultural da Universidade Federal da Paraíba, dirigido pelo conceituado escritor Juarez da Gama Batista, foi o grande propulsor desse instante de agitação cultural de nosso estado.

Logo no início do mês, o escritor Antônio Freire lançava o livro "Fruto da Terra", uma coletânea de suas melhores crônicas, focalizando fatos, coisas e personalidades da Paraíba. Era a primeira promoção do departamento cultural da UFPB, que aconteceu no hall da reitoria da universidade. Outro livro que causou forte repercussão nos meios intelectuais paraibanos foi "Cinema e Província", de Wills Leal. Seu lançamento aconteceu festivamente no clube Astrea, com a presença das mais destacadas personalidades

do nosso mundo cultural.

José Altino apresentou no Teatro Santa Roza, um álbum de xilogravuras intitulado "Danação". Guy Joseph concluiu um álbum composto por serigrafias, tendo como temática: "o homem diante das perspectivas criadas pela crise mundial". A obra de Guy Joseph recebeu o nome de "América, América". Celene Sitônio, professora do Dpto. Cultural da UFPB, fazia sua primeira exposição de artes plásticas. Breno Matos expôs, no Santa Roza, peças executadas em chapa de ferro colorido e em acrílico, reconhecidas pela crítica nacional como arte de vanguarda brasileira.

/// A contestação ao regime, dedicando atenção especial aos temas ideológicos, alimentava o espírito das expressões culturais ///

Luis Ramalho classificava para a finalíssima do Festival Nacional da Música Popular Brasileira, na TV Excelsior, no Rio de Janeiro, sua composição "Retiro da Lua", defendida por Roberto Rabelo. No teatro, Anco Márcio montava a peça "A Menina e o Vento", de

Maria Clara Machado, com um elenco de estreantes na dramaturgia paraibana, composto por Yara Janner, Edmilde Cyrilo, Martha Janner, Zélia Moura, Manoel Marrocos, Eriberto Dedeu e Niedja Amaral, com especial participação do ator Roosevelt Sampaio. O guarda-roupa e cenários ficaram a cargo de Raul Córdula, com música do maestro Pedro Santos.

Como se vê, foi um mês de intensa produção cultural, mas o fato mais marcante foi a montagem de uma peça escolhida e encenada pelo grupo de teatro da Faculdade de Filosofia da UFPB, com o apoio total do Dpto. Cultural daquela universidade, que contratou o consagrado teatrólogo carioca Rubem Rocha Filho para ser o seu diretor. Foi uma experiência inovadora no teatro paraibano.

Crônica

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

O voo de Kirk

Theodore Van Kirk, o último tripulante vivo do bombardeiro B-29 que desovou a bomba atômica sobre Hiroshima. "Dutch" Van Kirk morreu de morte natural aos 93 anos, em Stone Mountain, Georgia, nos Estados Unidos. Van Kirk foi o navegador do B-29 "Enola Gay", que soltou a bomba sobre a cidade japonesa, em 6 de agosto de 1945. Mais de 60 mil pessoas morreram na explosão, e 40 mil posteriormente, em consequência da radioatividade.

Muito se tem discutido sobre a necessidade estratégica do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki. Os defensores do ato de guerra alegam que o bombardeio antecipou a rendição do Japão, poupando milhares de vidas norte-americanas. É plausível que, não fossem as bombas, os "marines" teriam desembarcado ilha por ilha até chegar ao Japão, onde a luta seria mais acirrada. A população japonesa já estava advertida e convocada para resistir com lanças à invasão americana, dizem os defensores do bombardeio atômico (queira ver "Hiroshima, meu amor", de Alain Resnais).

É possível que o Japão lutasse até o último cadáver.

Mas não foi só por causa das bombas de Hiroshima e Nagasaki que o Japão se rendeu. A capitulação teve lugar a 15 de agosto de 1945 - nove dias depois do bombardeio de 6 de agosto, em Hiroshima, e seis dias depois do bombardeio de 9 de agosto, em Nagasaki, onde morreram 80 mil pessoas. Nas duas cidades, o total de mortos pode ter chegado a 180 mil, além dos feridos e afetados pela radiação - que se fez sentir por muitos anos. Até os vegetais e os peixes nasciam deformados.

No entanto, o Japão só se rendeu nove dias após a explosão da primeira bomba. Há quem diga que o argumento dissuasório foi o bombardeio convencional de Tóquio com mais de mil aviões, ocorrido depois dos bombar-

deios atômicos. Diante dessa demonstração de força, o governo japonês se convenceu da inutilidade da resistência e capitulou - o que a Alemanha já havia feito mais de três meses antes, a oito de maio.

As cidades de Hiroshima e Nagasaki foram escolhidas como alvos porque ainda não tinham sido atingidas pelos bombardeios, e estavam intatas. Mostrariam, assim, os efeitos que as bombas atômicas poderiam fazer num aglomerado humano. Quase todas as vítimas eram civis, isto é, mulheres, crianças e velhos - pois os homens válidos estavam na front.

As bombas eram diferentes: a de Hiroshima era uma bomba de urânio, e a de Nagasaki era feita de plutônio - um derivado do primeiro. Diz-se que o urânio foi extraído do Brasil, do município de Santa Luzia, no estado da Paraíba, onde existe uma província do minério. Na época, as fontes conhecidas de urânio eram poucas. A mais acessível era a da Paraíba.

O avião de Van Kirk foi batizado pelo seu comandante, o coronel Paul Tibbets, como "Enola Gay", em homenagem à mãe dele. A bomba conduzida pela superfortaleza voadeira B-29 levava o nome de "Little Boy", de 20 kilotons; a de Nagasaki, "Fat Man", de 13 kilotons. Cada kiloton equivale a mil toneladas de TNT. Os norte-americanos só dispunham desses artefatos. As bombas teriam custado 128 bilhões de dólares, e o governo dos EEUU não tinha mais verbas para a produção de novos engenhos a curto prazo.

O bombardeio de Tibbets e Kirk fez um voo solitário da ilha de Tinian até Hiroshima, escoltado apenas por dois caças - pois a força aérea japonesa estava praticamente destruída e não oporia resistência. Kirk navegou com absoluta precisão até o alvo. Ele concluiu seu voo.

/// A população japonesa já estava advertida e convocada para resistir ///

Domingos Sávio

savio_fel@hotmail.com

Humor

NOVO APLICATIVO PRA RELAXAR...



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV



A UNIÃO
Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762



Documento revela que 34% da área desmatada no estado ficava em locais protegidos pelo Código Florestal

Paraíba perdeu mais de 2,7 mil hectares de vegetação em 2020

Segundo Relatório do Desmatamento, quase todos os alertas registrados no ano passado ocorreram em área de Caatinga

Márcia Dementshuk
Especial para A União

O sistema de alertas de desmatamento, degradação e regeneração de vegetação nativa MapBiomas apresentou na última sexta-feira (16) o relatório do Desmatamento no Brasil em 2020 com enfoque na Região Nordeste. Nessa região, o siste-

ma registrou 10.687 alertas de desmatamentos nos quatro biomas existentes (Caatinga, Cerrado, Floresta Amazônica e Mata Atlântica), somando uma área total desmatada de 352.006 hectares. É como se uma área um pouco maior de uma cidade de João Pessoa e meia desaparecesse. Em média foram detectados 20 novos

desmatamentos por dia.

Até o ano de 2019, os dados na Caatinga eram escassamente monitorados. Com a implementação do sistema Sad-caatinga, revela-se que o território paraibano sofreu com a perda de 2.756 hectares de vegetação em 2020, e 34% dessas áreas estavam em locais protegidos pelo Código Florestal (áreas de pre-

servação permanente, nascentes ou reservas legais). Foram 367 alertas, quase todos na Caatinga, com exceção de apenas dois na área de Mata Atlântica. Foram detectados desmatamentos em 102 municípios. O município de Bernardino Batista, quase divisa com o Ceará, teve a maior área desmatada, 95,3 hectares. Em Cuité foram 84

hectares.

Houve um aumento de 143% de desmatamento de 2019 para 2020 em toda a Região Nordeste. Dos 1.793 municípios da região, foram registrados focos de desmatamento em 1.104. Os estados onde as áreas desmatadas são maiores são o Maranhão (167.366 hectares) e a Bahia (108.315).

Município de Bernardino Batista, quase na divisa com o estado do Ceará, teve a maior área desmatada: 95,3 hectares

MapBiomas reúne dados de 11 sistemas para geração de alertas no Brasil

O MapBiomas tem o objetivo de mapear as transformações dos ambientes naturais ao longo do tempo, no território brasileiro e conta com a parceria de diversas instituições. Há 11 sistemas no Brasil, gerando alertas, que, integrados pela MapBiomas são processados com maior agilidade e publicados em uma única plataforma. Contudo, até o ano

de 2019 não havia disponível no Brasil sistemas eficientes de monitoramento da Caatinga, o que levou o MapBiomas a desenvolver um sistema próprio que começou a operar em 2020, o SAD Caatinga.

O Consórcio dos Governadores do Nordeste, Consórcio Nordeste, é parceiro do MapBiomas para a promoção dos

dados de cobertura e uso da terra e para o uso do monitoramento do desmatamento. O presidente do Consórcio Nordeste e governador do Piauí, Wellington Dias, acompanhou a apresentação do relatório e declarou que o Comitê Científico do Consórcio Nordeste trabalha ancorado em uma rede de especialistas e cientistas em todas

as áreas da ciência, inclusive na área das políticas voltadas para o meio ambiente. O objetivo é "organizar o conhecimento como ponto de partida para estruturar uma política sustentável; buscar em cada estado experiências exitosas que possam ser implantadas em outros estados do Nordeste e buscar a unidade federativa".

Para Tasso Azevedo, coordenador Geral do MapBiomas, o Consórcio Nordeste já é um grupo organizado e tem maiores condições de criar uma sistemática de providências em relação ao desmatamento de forma a montar o fluxo capaz de gerar em escala o embargo das áreas com indicio de ilegalidade.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

AUMENTO DO FUNDO PARTIDÁRIO PARA R\$ 5,7 BILHÕES: O MOMENTO É ADEQUADO PARA TAMANHO REAJUSTE?

Aprovado na Câmara Federal e no Senado, o projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias de 2022 tem, entre suas previsões, o aumento de R\$ 2 bilhões para R\$ 5,7 bilhões do fundo que financia campanhas políticas. A polêmica proposta tem gerado a desaprovação de agentes políticos e da população. Afinal, seria o momento de o Congresso aprovar um reajuste dessa magnitude, em meio a uma crise sanitária sem precedentes, que afeta também o segmento econômico e as próprias finanças públicas? Registro a declaração do líder da oposição no Senado, Randolfe Rodrigues (foto), do Rede: "Não é adequado, pelo dramático momento que o país vive. Nós estamos hoje com mais de 530 mil mortos na pandemia. Precisamos de um esforço gigantesco de todos os brasileiros, e um esforço, sobretudo, de recursos públicos. Aumentar o fundo eleitoral de R\$ 2 bilhões para cerca de R\$ 6 bilhões, a esta altura, soa como um acinte aos brasileiros.". Relator do projeto que barra os supersalários no serviço público, o deputado Rubens Bueno (Cidadania -PR) considerou que houve um retrocesso: "A Câmara, que deu um passo para frente ao votar o projeto que barra os supersalários no serviço público, deu 10 passos para trás ao incluir, na LDO, esse aumento absurdo para financiar campanhas. Falta dinheiro para vacinas, para Segurança, para Educação e, agora, aprovam um absurdo desse".

NA BASE GOVERNISTA

Da presidente nacional do Podemos, Renata Abreu, referindo-se ao critério a ser seguido pela nova direção do partido na Paraíba, no que diz respeito à formação de chapas para a disputa de cadeiras na ALPB e na Câmara Federal: "O principal requisito é que estejam na base do governador João Azevedo".

"NENHUMA INTENÇÃO"

Esta semana, o deputado Raniery Paulino disse que, se pudesse, escolheria Nilda Gondim (MDB) como candidata ao Senado, por ser do seu partido - nem Efraim Filho (DEM) nem Aginaldo Ribeiro (PP). A senadora, porém, voltou a dizer que não tem "nenhuma intenção de ser candidata".

"NO PRIMEIRO TURNO"

Da presidente do PMN na Paraíba, Lídia Moura, reportando-se ao fato de que o governador João Azevedo ganhou capilaridade política em sua primeira experiência em cargo eletivo: "João Azevedo é um quadro que surpreendeu a Paraíba. Agora, é capaz de ganhar uma eleição ainda no primeiro turno".

A PARTIR DE JANEIRO

O projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) de 2022, aprovado na quinta-feira pela Câmara Federal, prevê aumento de remuneração de servidores públicos - ao contrário do Orçamento 2021 que está vigente. Assim, as restrições legais a reajustes salariais no serviço público acabam a partir de janeiro de 2022.

CONCORDA, MAS NEM TANTO ASSIM

Em entrevista a uma rádio, Romero Rodrigues (PSD) afirmou ser "simpatizante de Bolsonaro", porém disse não concordar com todas as ideias do presidente. Deu a entender que poderia apoiar outra candidatura a presidente, fora do espectro da direita. Teria o desgaste público de Bolsonaro feito ele repensar suas prioridades?

PORTAS ABERTAS

O senador Veneziano Vital do Rêgo abriu as portas do MDB para filiados do Podemos que quiserem deixar a legenda, após mudanças na direção estadual determinadas pela Executiva Nacional do Podemos - a esposa dele, Ana Cláudia, era vice-presidente. "Já conversei com alguns", revelou.

Marcone Medeiros,
Presidente da Fecomércio

Retomada da economia na PB está sendo "vigorosa"

Segundo empresário, as vendas de janeiro a maio de 2021 superam, em muito, as do mesmo período do ano passado

Juliana Cavalcanti
julianacavalcanti@epc.pb.gov.br

Após o comércio brasileiro registrar queda nas vendas ao longo do ano passado, devido a pandemia da covid-19, já é possível observar uma melhora a partir do mês de abril de 2021.

Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em maio deste ano, o volume de vendas do comércio varejista nacional cresceu 1,4%, em relação ao mês anterior, na série com ajuste sazonal. Esta é a segunda alta consecutiva, após subir 4,9% em abril.

No entanto, o comércio virtual se destaca desde 2020, pois 81% dos donos de pequenos negócios na Paraíba utilizam redes sociais, apli-

cativos ou internet para vender seus produtos, segundo a 11ª edição da pesquisa "O Impacto da pandemia de coronavírus nos Pequenos Negócios", realizada pelo Sebrae em parceria com a Fundação Getúlio Vargas (FGV).

O estudo revelou ainda que a cada 10 em-

presas brasileiras, sete já comercializam seus produtos e serviços pela internet. A entrada no comércio eletrônico surgiu como uma oportunidade não apenas para sobreviver em meio ao isolamento social e se manter no mercado, mas também para conquistar novos clientes.

De acordo com o presidente da Federação do Comércio de Bens e de Serviços da Paraíba (Fecomércio Paraíba), Marcone Medeiros, a recuperação do comércio está acontecendo de forma muito intensa. O gestor adiantou que em todos os meses do primeiro semestre deste ano, no comércio, serviços e turismo do Estado, as vendas superaram as do mesmo período de 2020. Confira a entrevista a seguir:

“Para os pequenos empresários temos feito, tanto em João Pessoa, como em Campina Grande, e no Sertão, plataformas onde esses lojistas possam fazer suas vendas remotamente.”



Marcone Medeiros: “Além de agradecer o esforço do empresário, dos trabalhadores e da sociedade, temos que agradecer também aos profissionais de saúde”

Foto: Roberto Guedes

A entrevista

Qual o diagnóstico da Fecomércio sobre as vendas do primeiro semestre deste ano?

Os números do primeiro semestre de 2021 surpreenderam todos do comércio do Estado. As vendas de janeiro, fevereiro, março, abril e maio superaram em muito as vendas do mesmo período do ano passado. Acredito que está havendo uma retomada da economia de forma muito vigorosa, desde o início deste ano.

Em cima destes números e confiantes na ampliação da vacinação que vem crescendo no Estado, a Fecomércio espera que 2021 continue sendo de crescimento econômico. Também acreditamos na força do povo para superar esses tempos difíceis. Temos que acreditar neles e agradecer não só aos empresários, mas aos trabalhadores e a sociedade paraibana porque cresceram as vendas e a arrecadação de impostos.

Além de agradecer o esforço do empresário, dos trabalhadores e da socie-

dade, temos que agradecer também aos profissionais de saúde.

Qual a expectativa do setor para o segundo semestre de 2021?

A nossa expectativa é em cima desses números e de pesquisas do Instituto de Pesquisa da própria Fecomércio, como por exemplo, a pesquisa do índice de confiança da sociedade paraibana no Estado, que diz que ele vem crescendo, como vem crescendo também o índice de confiança do empresariado, o que é muito bom.

A tendência e a nossa expectativa é que no segundo semestre a gente obtenha um crescimento entre 2,5% e 4% a mais em relação ao primeiro semestre.

Foram registradas muitas demissões e várias lojas fecharam as portas no Estado. Qual a estratégia da Fecomércio para fortalecer o setor e recuperar empregos?

Temos verificado que o número de contratações

“A nossa preocupação é que as empresas possam continuar contratando. O que nós vimos agora no primeiro semestre de 2021 foi um número de contratações de mão de obra com carteira assinada bem maior do que 2020. Estamos no caminho certo e agora no segundo semestre a tendência é aumentar”

com carteira assinada, embora não sejam números muito altos, mas todas as contratações em 2021 superaram as contratações do ano de 2020. Esses são dados do Caged e da Secretaria do Trabalho do Ministério da Economia.

A nossa preocupação é que as empresas possam continuar contratando. O que nós vimos agora no primeiro semestre de 2021 foi um número de contratações de mão de obra com carteira assinada bem maior do que 2020. Estamos no caminho certo e agora no segundo semestre a tendência é aumentar.

Muitas lojas fecharam, mas muitas abriram tam-

bém. Se você reparar muitas empresas de atacados abriram no Estado da Paraíba dentro desse ano de pandemia, esse ano e no ano passado. Dados da própria Secretaria de Estado da Receita mostram que o número de empresas ativas vem aumentando em 2021 também. Empresas ativas são aquelas que estão recolhendo seus tributos.

Ao mesmo tempo em que as lojas físicas enfrentaram dificuldades, o comércio virtual teve um salto nas vendas na pandemia. Como a entidade tem orientado os lojistas locais para aproveitar esse novo comportamento do

consumidor, já que muitas vendas são registradas em lojas com origem fora do Estado?

Estamos orientando os empresários e temos, inclusive, prestigiado plataformas para vendas por e-commerce. A Fecomércio tem junto com o Sebrae e junto com os órgãos de classe do comércio estimulado as vendas. Então, por exemplo, hoje, além da venda presencial nas lojas, restaurantes e hotéis, temos também as vendas online, através de plataformas: o e-commerce como a gente conhece.

O empreendedorismo também tem sido um caminho adotado por muitos paraibanos que perderam renda por conta da covid-19. Porém, o Sebrae aprontou que 26% dos pequenos negócios da Paraíba fecham as portas após completar cinco anos de funcionamento. Como a Fecomércio pode ajudar esses pequenos lojistas a sobreviver no mercado?

Para os pequenos em-

presários temos feito, tanto em João Pessoa, como em Campina Grande, e no Sertão, plataformas onde estes lojistas possam fazer suas vendas remotamente.

Para quem segue no mercado de trabalho, como está a relação entre funcionários e empresários? Houve muito registro de negociações salariais, mudança na carga horária ou de funções?

A relação entre as empresas e os trabalhadores do comércio da Paraíba são as melhores possíveis. Todos estão conscientes da sua responsabilidade, principalmente no que tange a atender bem a sociedade paraibana, mas também preocupados em atender as recomendações das autoridades sanitárias.

Não houveram muitas negociações salariais, mudança na carga horária ou de funções. O empresário, o trabalhador e a sociedade paraibana são muito conscientes das suas responsabilidades e muito resilientes.



Casos de covid-19 são mais leves entre as crianças, mas assustam famílias

Médicos apontam que, na faixa etária mais jovem da população, a doença não costuma se apresentar com sintomas mais grave

Beatriz de Alcântara
alcantarabriz@gmail.com

Febre, dor de cabeça e diminuição do olfato foram alguns dos sintomas que Vitor Gabriel, de 10 anos, apresentou antes do diagnóstico da covid-19. Os sintomas fizeram com que os pais de Gabriel o levassem ao médico para a realização da testagem. Ao todo, foram 12 dias com a presença dos sintomas até que a doença fosse embora. Vitor Gabriel faz parte de uma estatística baixa relacionada aos casos de covid-19 em crianças e adolescentes. A faixa etária dele compõe o grupo com menos confirmações e quadros mais leves, mas isso não deve relaxar os cuidados. Na Paraíba, cerca de 1% dos casos confirmados entre 10 e 19 anos de idade evoluíram para casos graves; no grupo de 0 a 9 anos, o número foi de 2% dos casos.

Os dados da Secretaria de Estado da Saúde da Paraíba indicam quase 15 mil crianças entre 0 e 9 anos com casos confirmados da doença até o dia 12 de julho e em relação ao grupo infantojuvenil de 10 a 19 anos foram 29.544. Dessas confirmações, 311 casos são graves no grupo de 0 a 9 anos de idade e 293 no de 10 a 19 anos. Com relação aos óbitos, de um a 4 anos de idade foram 6 vítimas fatais da doença. Entre 5 e 9 anos foram 2 crianças e entre 10 e 20 anos somavam-se 15 óbitos até o dia 12 de julho.

A nível de Brasil, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) di-

vulgou em estudo que em 2020 as crianças e adolescentes de 0 a 19 anos representaram 2,46% do total de hospitalizações por covid-19 e 0,62% do total de mortes. Em 2021, até o dia 9 de julho, as hospitalizações de crianças e adolescentes correspondiam a 1,5% e 0,33% dos óbitos considerando o total de casos relacionados ao novo coronavírus.

45.000

Esse foi aproximadamente o número de casos de covid-19 registrados até 12 de julho na faixa etária do 0 aos 19 anos

Segundo a médica pediatra Antônia Elísia, os casos de covid-19 pediátricos representam minoria. "Existem apenas 3,4 milhões de casos pediátricos descritos no mundo. A gente observa, na verdade, que em relação à pediatria, tanto a letalidade é baixa como a mortalidade também. Na pediatria, essa mortalidade está muito mais relacionada ao bebezinho abaixo de um ano de idade e aos adolescentes. A criança de um a mais ou menos de 10 anos de idade tem uma incidência menor e geralmente os quadros são mais leves", afirmou.

De acordo com a mãe de Vi-

tor Gabriel, a enfermeira Jeane Barros, os cuidados que estavam sendo tomados antes do contágio seguiram mais intensificados após passado o susto com a doença. "O uso de máscaras, lavando as mãos com frequência e também passando sempre o álcool em gel nas mãos (quando não há a possibilidade de lavar)", disse ela. Além da febre, da cefaleia e da diminuição do olfato, o jovem de 10 anos também sentiu dores musculares.

A pediatra Antônia Elísia aponta que o quadro de Vitor Gabriel é o mais comum dentre os casos pediátricos de 1 a 10 anos de idade. "Um dos quadros clínicos mais frequentes na criança é a febre, e depois a tosse. A maioria dos quadros de covid-19 começa comum ao quadro clínico de síndromes gripais. Às vezes coriza no início, a tosse é seca e depois pode se tornar mais produtiva. Alguns têm manifestações tipo diarreia, náusea, vômitos e dores abdominais", explicou.

Na família de Juliana Abath tiveram três casos de covid-19 que confirmam os dados. Os dois filhos, Gabriel e Pedro, de 7 e 8 anos respectivamente, foram infectados pelo sobrinho Theo, de 7 anos, que era assintomático. Gabriel, o mais novo, apresentou apenas tosse de maneira esporádica. No caso do mais velho, Pedro, ele teve febre, náuseas e dores pelo corpo. O teste nas crianças foi feito depois que a mãe de Theo, o sobrinho de Juliana, positivou para a covid-19.



Vitor Gabriel, de 10 anos, foi infectado pelo coronavírus e apresentou sintomas mais leves da doença, como febre, perda de olfato, dores de cabeça e musculares

"Estávamos isolados, eles não iam nem à escola. Meu sobrinho foi testado e deu negativo antes de vir pra nossa casa. Dois dias depois a família dele começou a adoecer e ficamos na expectativa, provavelmente a janela imunológica nos enganou. Foi negativo

porque foi testado cedo demais. O segundo teste deu positivo, mas já estávamos todos infectados. Agora seguimos com os mesmos cuidados de antes, isolados, com contato desprotegido apenas com parte da família que também está isolada", comentou Juliana.



Casos graves e risco de óbito

Em alguns casos raros e mais graves é possível que a covid-19 se desenvolva em uma síndrome inflamatória multissistêmica. São os casos que podem levar as crianças ao óbito. A pediatra enfatiza que um indicador de que o quadro da doença causada pelo novo coronavírus está passando de leve para moderado é a falta de ar, comumente chamado de cansaço. Ao apresentar esse sintoma, os pais devem ficar atentos e essa criança passa a necessitar de observação, seja em casa ou no hospital.

A inflamação multissistêmica é rara, mas quando acontece, tende a ocorrer alguns dias após a covid-19. Conforme pontuou Antônia Elísia, "alguns trabalhos mostram uma média de até 4 semanas após o quadro diagnosticado de covid-19 na criança. Pode atingir crianças imunodeprimidas e com comorbidades (principalmente). Nesse quadro, uma clínica importante é que geralmente nunca falta a febre, está presente em 99,9% dos casos. Ela atinge outros órgãos, por ser multissistêmica, inclusive o aparelho urinário, causando um processo inflamatório renal e também ter sintomas semelhantes à doença de Kawasaki", alertou.

A presidente do Comitê de Imunização da Sociedade Paraibana de Pediatria, Maria do Socorro Martins enfatiza que "menos de 2% (dos casos pediátricos) se hospitalizam e as complicações da doença são observadas principalmente nas crianças com comorbidades". Ela reforça que a SIMP (Síndrome Inflamatória Multissistêmica Pediátrica) não se manifesta na fase aguda da covid-19, mas semanas após a infecção.



Os irmãos Gabriel e Pedro, o primo deles, Theo, assim como seus pais, testaram positivo e, juntos, conseguiram vencer a covid-19

'Andropausa' é ainda um tabu entre os homens

Popularmente chamada de 'menopausa masculina', a deficiência androgênica do envelhecimento masculino pode ocorrer a partir dos 40 anos de idade

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Muito pouco se escuta falar em 'andropausa', mas o que todos precisam saber é que a ela pode atingir cerca de 16 milhões de brasileiros, segundo pesquisa da Sociedade Brasileira de Urologia (SBU). Essa patologia – causada pela falta de hormônio nas pessoas do sexo masculino com idade acima de 40 anos – também é conhecida popularmente (e de forma equivocada) como 'menopausa masculina'. Na verdade, o nome correto é Deficiência Androgênica do Envelhecimento Masculino

(DAEM) ou hipogonadismo tardio do adulto, que acontece com a baixa no nível de testosterona nos homens.

De acordo com a SBU, não é correto chamar a DAEM de 'andropausa', pois diferente da menopausa que ocorre em todas as mulheres, essa deficiência não acontece em todos os homens que começam a envelhecer. "Existe essa associação por causa dos sintomas, que muitas vezes se assemelham e da faixa etária. Entretanto, ao contrário das mulheres que obrigatoriamente vão entrar na menopausa (com ou sem muitos sintomas) no caso do homem, o fato de chegar

nessa faixa etária não significa que vão ter a andropausa, já que em muitos homens não há diminuição dos sintomas e nem queda dos hormônios masculinos", explica o professor de Medicina do Centro Universitário de João Pessoa (Unipê), Augusto José de Aragão. Portanto, não é um aspecto obrigatório aos homens, como é em todas as mulheres que passam dos 40 anos, por exemplo.

Falar dessa deficiência hormonal entre os homens, que são cerca de 98 milhões no país, ainda continua sendo um paradigma, sobretudo porque mais da metade (51%) da população masculina do país



Fotos: Divulgação

Alteração hormonal não atinge, necessariamente, todos os homens, mas, quando o faz, apresenta diversos sintomas semelhantes aos da menopausa na mulher

não vão ao médico regularmente. Pesquisa aponta que 83% deles não conhecem os sintomas da DAEM e 48% nunca ouviram falar em reposição hormonal masculina. "Mais do que preconceito, o que há é um conceito errôneo de que está com problemas porque está ficando velho, quando na verdade se trata de um problema físico que tem controle e correção dos sintomas", elucida o médico urologista.

Entre os principais sintomas da DAEM está a tão temida entre os homens: impotência sexual, a diminuição da libido e a falta de ereções matinais espontâneas, que devem estar presentes em todas

as faixas etárias a partir da puberdade. Além da perda de memória, dificuldade de concentração, perda da massa muscular (que leva a redução da disposição física), aumento da gordura visceral, e sono pouco repousante. Ainda há uma alteração do humor, com sintomas que se confundem com desânimo e depressão. Também há uma diminuição dos pelos do corpo, que se tornam rarefeitos e com crescimento mais lento deles, assim como da barba. Segundo o urologista, muitas dessas queixas se confundem com o avançar da idade dos homens e não com o déficit hormonal.

É preciso superar o medo e o estigma que não se pode "falhar"

O professor João Moura, 48 anos, conta que foi difícil aceitar que poderia estar com deficiência de testosterona em seu organismo, mas deixou o preconceito e o machismo de lado e procurou um urologista. "Eu nunca tive problema de impotência, mas comecei a perceber que vivia em profunda tristeza, um desânimo permanente e falta de libido. Então, fui ao médico e após os exames ficou constatado que o meu nível de testosterona estava abaixo do recomendado. Daí, há seis inicieei fazer tratamento com injeção desse hormônio. Agora, vivo tranquilo e mi-

inha libido está a todo vapor", conta o educador.

Para amenizar a deficiência androgênica, o tratamento é feito com reposição de hormônios, (que deve ser prescrito por um urologista, endocrinologista ou nutrólogo), alteração do estilo de vida (estimulando a realizar atividades físicas regularmente), controle do sobrepeso ou obesidade. Também pode ser realizado para evitar doenças como hipertensão arterial, Diabetes Mellitus, apneia do sono, osteoporose e anemia, já que a testosterona também é responsável pela produção dos gló-

bulos vermelhos do sangue. Vale ressaltar que a administração da testosterona só pode ocorrer com acompanhamento médico, pois feita de forma clandestina pode ocasionar problemas de saúde, como infertilidade irreversível, doenças cardíacas e atrofia dos testículos. Homens com câncer de próstata ou de mama não podem fazer reposição hormonal.

Seu Antônio Galiza tem 68 anos de idade e conta – com um pouco de vergonha, talvez por fazer parte de uma geração em que o homem não podia "brochar" – que desde os 59 anos começou a não

ter tanta virilidade em suas relações sexuais e como é casado há 45 anos sua esposa o encorajou a procurar um médico. "Confesso que foi bem difícil dizer ao doutor que eu não estava funcionando, mas ele foi bem legal e me disse que é normal em alguns homens, então fiz tratamento e sigo minha vida sem ter que tomar o tal do 'azulzinho'", relata o construtor.

De acordo com a SBU, a diminuição da produção de testosterona pode ser de até 12% a cada 10 anos de vida do homem e que cerca de 20% deles, após os 40 anos, apresentam diminuição na

produção desse hormônio. Essa deficiência pode ser ocasionada também pela disfunção da hipófise (glândula que controla as funções hormonais) ou do hipotálamo (local onde se produz os hormônios).

O diagnóstico da DAEM é feito de forma clínica, após a consulta com o urologista, em que é realizada uma avaliação da próstata, de exames laboratoriais, que incluem dosagens hormonais – como a prolactina que mede a libido – e para detecção de diabetes, colesterol e triglicérides. Também é feito a análise das funções do fígado e avaliação de osteoporose por um reumatologista.



A importância dos hormônios para a vitalidade masculina

Os hormônios sexuais são indispensáveis para a vitalidade masculina, força muscular, cognição e para uma boa qualidade de vida. A DAEM – conhecida erroneamente como 'andropausa' – tal qual como na mulher, traz ao homem uma série de transtornos de saúde, podendo causar problemas

cardíacos, ossos frágeis, como também queda da libido. A testosterona é o principal hormônio envolvido nos sintomas da deficiência de hormônios.

O médico Lizandro Leite reforça que fazer reposição hormonal com testosterona ajuda bastante na qualidade de vida das pessoas do sexo masculino e alívio dos sintomas. "Há relatos muito positivos feitos pelos homens que procuram esse tipo de tratamento, que geralmente é feito com o uso do hormônio de forma injetável, intramuscular

ou com uso de gel ou adesivo", descreve.

O especialista em nutrologia e hormônios ressalta que os homens costumam procurar menos o médico e, na maioria das vezes, só buscam quando realmente não suportam mais os sintomas ou para cuidar de problemas agudos. "Por se tratar de um tema que mexe com a intimidade, existe ainda um certo tabu no meio masculino. Em geral, as esposas que os levam, que fazem o trabalho de convencimento de procurar um especialista", garante o médico.

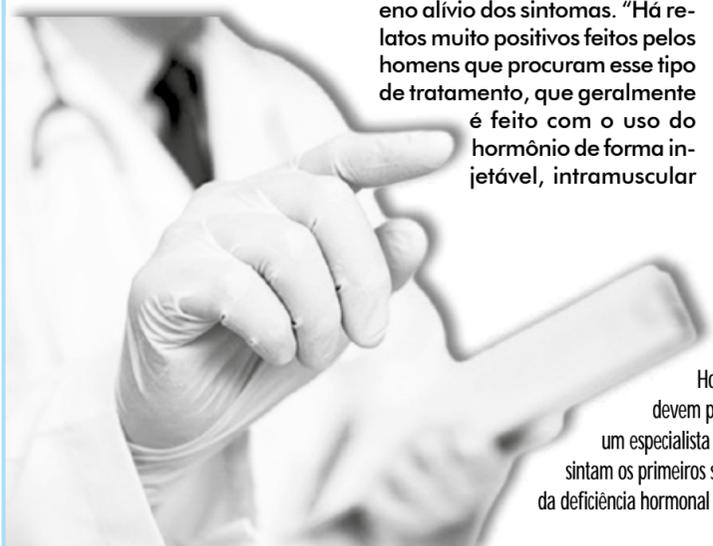
De acordo com o nutrólogo, a saúde do homem tem sido por anos negligenciada, porém esse quadro tem passado por mudanças, nos últimos anos. "O olhar para a saúde e qualidade de vida masculina têm tido um outro olhar entre os homens. Inclusive já existe casos de Deficiência Androgênica do Envelhecimento Masculino (DAEM) em homens jovens com idade entre 30 e 39 anos e a obesidade é um dos principais motivos que levam à queda dos níveis de testosterona, podendo trazer transtornos diversos.

Então, o ideal é procurar um médico controle de peso e para regular os níveis hormonais, de acordo com a idade", finaliza.

/// Por se tratar de um tema que mexe com a intimidade, existe ainda um certo tabu no meio masculino. Em geral, as esposas que os levam, que fazem o trabalho de convencimento de procurar um especialista. ///

O hipogonadismo e sua relação com a DAEM

- Assim como a pouca popularidade da 'andropausa', o hipogonadismo é um termo incomum entre os brasileiros, entretanto, diz respeito a pouca produção de testosterona nos testículos. Essa disfunção acaba interferindo no desenvolvimento do homem das fases da puberdade e adolescência.
- Quando acontece nos testículos, é denominado hipogonadismo primário, quando ocorre na hipófise é chamado de secundário.
- Ele pode ser causado por doenças genéticas, traumas genitais, infecções como a caxumba ou uso de psicotrópicos (drogas).
- O hipogonadismo pode surgir em várias fases do homem. No feto, ocorre a má formação dos órgãos genitais; na puberdade afeta o surgimento de pelos, mudança de voz e o crescimento dos testículos e pênis; na fase adulta, causa a infertilidade.



Homens devem procurar um especialista tão logo sintam os primeiros sintomas da deficiência hormonal

Feminicídios são alimentados pela cultura machista do país

Assassinato é o ápice da violência contra as mulheres, que antes são vítimas de vários outros tipos de agressões

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

“Eu tinha vinte e poucos anos e nenhuma experiência quando o conheci. Mal sabia que estava entrando em um relacionamento abusivo. Ele era ciumento, me perseguia na rua, questionava quando eu não atendia o telefone, apertava meu pescoço, meus braços. As marcas sumiram da pele, mas nunca da minha mente. Foram anos de tortura física e psicológica. Um dia, ele me ameaçou de morte e acho que foi aí que minha ficha caiu. Criei coragem, terminei a relação e ele nunca mais me procurou”. O relato é de uma funcionária pública de 31 anos que preferiu não se identificar, mas fez questão de compartilhar sua história.

Uma declaração semelhante à de inúmeras mulhe-

1.853 para 1.944, e os homicídios dolosos de mulheres saíram de 34 em 2019 para 46 em 2020, um aumento de 35,3%, conforme o Anuário.

No país, no mesmo período, o número de feminicídios cresceu 1,9%, saindo de 636 para 648 casos registrados. Os homicídios dolosos de mulheres também cresceram, passando de 1.834 para 1.861 (1,5% a mais). “A violência doméstica é o primeiro passo na trajetória da violência contra as mulheres e, em muitos casos, termina em morte. Sem dúvida, além da cultura do machismo por trás desses crimes, a pandemia contribuiu para agravar a situação de muitas mulheres”, diz um trecho do Anuário.

O ápice

“O feminicídio é o ápice da violência contra as mulheres, mas antes dele nós temos várias outras formas de violência, a física, sexual, psicológica, patrimonial, moral e culmina, muitas vezes, no feminicídio”, constatou a secretária da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba, Lídia Moura. Há, inclusive, a violência política de gênero, mulheres que estão na cena política nacional e local, por vezes, são desmoralizadas, há uma tentativa de reduzir a participação e o espaço, desqualificar a atuação delas.

A secretária destacou que há um trabalho permanente da Secretaria de Segurança Pública, Secretaria da Mulher, do Sistema de Justiça, dos órgãos da rede de atenção às mulheres vítimas de violência. A Paraíba conta ainda com o Grupo de Trabalho Interinstitucional (GTI) do Feminicídio, reunindo sistema de justiça, movimentos de mulheres, a universidade, que criou um plano de ação com um olhar de gênero para as mortes violentas de mulheres.

Na visão da secretária, a violência cometida diariamente contra as mulheres vem da sociedade patriarcal, do machismo. “Quando a gente fala em sociedade patriarcal é a figura da dominação do masculino como um todo. Por outro lado, o espaço do privado, do cuidar da casa fica para as mulheres. Elas tiveram que romper isso e lutam até hoje”, constatou.



Foto: Pixabay

Os homens têm a concepção de que excluindo as mulheres, podem dispor da vida delas. E a violência torna-se uma forma naturalizada, para a sociedade, para manutenção desse poder atribuído a eles

Lídia Moura

Secretária da Mulher e da Diversidade Humana da Paraíba

res na Paraíba e no Brasil que sofrem diariamente a consequência do machismo. Muitas não têm a chance de contar a história. A confirmação dessa realidade está nos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020, que compara os números dos primeiros seis meses de 2020 ao mesmo período de 2019, quando a Paraíba registrou 15 feminicídios, dois a menos que no mesmo período do ano anterior.

Com o isolamento social, mais tempo em casa, muitas não morreram, mas foram submetidas à violência doméstica que aumentou entre as paraibanas. As ligações para o 190 no Estado saltaram 4,9%, de

A histórica concepção da posse da mulher

Quando a mulher começa a conquistar espaços na sociedade, a resposta é violenta. “Se eu que mandei sempre, por que agora vou abrir mão?”. “É uma resposta que vem com toda a carga de autoritarismo do patriarcado, de misoginia, de todos os males, e o resultado é uma verdadeira guerra contra as mulheres”, comentou a secretária da Mulher, Lídia Moura.

Ela acrescenta: “Esse sentimento de posse se observa, inclusive, na relação dos mais jovens. Vemos meninas muito jovens que até o corte do cabelo é decidido pelo namorado, se ela pode usar determinado batom, vasculham o celular, determinam as amigas que servem ou não, a roupa que ela usa. Tudo isso configura um relacionamento abusivo. Começa assim e termina numa violência muito maior, na dominação da mulher sem que ela tenha a sua autonomia como pessoa, financeira”.

Para a psicóloga clínica Danielle Azevedo, os motivos parecem variar, mas na verdade partem sempre do mesmo princípio: “O homem é incapaz de aceitar que uma mulher não lhe pertence e que é um ser humano com vontades próprias. O motivo do crime nunca é a mulher terminar o relacionamento, é o homem ser incapaz de enxergá-la como uma pessoa”, comentou.

Assim, muitas mulheres vivem o ciclo da violência, em que sofrem agressão, o indivíduo pede perdão, vem a fase da lua de mel e, em seguida, começa tudo outra vez, conforme observou Lídia Moura. Na esperança de que haja uma mudança real, elas se submetem. “A orientação é denunciar, porque o ciclo da violência começa com um empurrão, um puxão de cabelo, um xingamento e pode resultar no feminicídio”, frisou.

Danielle Azevedo lembrou que é essencial que as mulheres compreendam que não são

culpadas pelos comportamentos agressivos ou abusivos que venham sofrer. “É triste, mas a gente tem que lutar um pouco mais, que a gente possa ser mais voz das pessoas que estão ao nosso redor. Quando perceber que alguma mulher sofre algum tipo de violência, denuncie. Você pode estar ajudando uma pessoa que está correndo risco de vida. A denúncia é o primeiro passo para muitas coisas”, acrescentou.

Serviços de apoio

- Centro de Referência Fátima Lopes Campina Grande
- Centro de Referência Eliane Pereira dos Anjos Sumé
- Casa Abrigo Ariane Thaís – João Pessoa
- Programa Integrado Patrulha Maria da Penha

DENUNCIE

- Polícia Civil – 197
- Central de Atendimento à Mulher – 180
- Disque Denúncia da Polícia Militar – 190



Pesquisadora ressalta a importância do fortalecimento de políticas públicas voltadas para a prevenção da violência contra as mulheres



Foto: Marcos Santos/USP

É preciso envolvimento de todos

últimos tempos, como também da população negra, das pessoas trans, é uma característica desse momento no Brasil, que é a permissividade da execução de pessoas que historicamente foram consideradas à margem da sociedade. Isso é um reflexo da estrutura da sociedade capitalista, patriarcal e racista”, lamentou.

É preciso, na opinião da professora, exigir o fortalecimento das políticas públicas que existem e fazer com que a Lei Maria da Penha seja efetivada em sua totalidade, ampliando os aparelhos institucionais, a agilidade dos julgamentos e a proteção às mulheres. Os movimentos sociais e feministas devem fortalecer campanhas que cheguem às escolas, igrejas, informando as mulheres sobre seus direitos.

A forma de buscar ajuda

A escola tem uma função importante para identificar situação de violência doméstica, assim como os profissionais de

saúde do Programa de Saúde da Família (PSF). Familiares, colegas de trabalho, o porteiro do prédio, pessoas que trabalham no comércio podem ajudar nesse processo, recebendo o pedido de ajuda através de um bilhete, um olhar, e contribuindo para denunciar.

Têm sido registradas diversas formas de pedir socorro. Jogar uma toalha com um pedido de ajuda, informando o apartamento; Pedir uma pizza para o número 190, e os policiais entendem que é um pedido de ajuda, indo ao local e prendendo em flagrante o agressor; Na farmácia, um olhar, um bilhete, o X de batom na mão, mesmo que o agressor esteja do lado. “É muita tensão o tempo todo e nós temos que estar atentos para o pedido de ajuda dessas mulheres, para acionarmos o que for possível em termos de ajuda, principalmente o 190”, recomendou.

Nívia Pereira avaliou que as políticas públicas são fundamentais, mas estão fragilizadas pelo Governo Federal, dependendo mais dos governos estaduais e municipais.



Jacaraú: terra da castanha de caju e de belezas naturais

Município, que tem 14,5 mil habitantes, produz, por mês, 50 toneladas de castanha que são vendidas para todo Brasil

Iracema Almeida
iracemalubarino@epc.pb.gov.br

Localizada a 96 quilômetros da capital paraibana, Jacaraú é uma pacata cidade com pouco mais de 14,5 mil habitantes, que fica no Norte do Estado. Com uma economia baseada na agricultura familiar, a produção de castanha de caju – que chega a cerca de 50 toneladas por mês – se destaca e é fonte de renda para milhares de pessoas que vivem do comércio desse produto para outros estados brasileiros. O município é repleto de propriedades rurais onde são encontradas inúmeras paisagens naturais que atraem turistas de vários lugares do país, fomentando assim o turismo da região.

A cidade foi emancipada em 1962, mas a sua história começa bem antes dessa data, lá no Século 19. Várias histórias justificam o nome de Jacaraú. Uma delas é que em meados de 1900 tropeiros vinha para a região em busca de um fruto muito conhecido pelo nome de jacaratiá (em Tupi Yarakati'a), planta da família das caricáceas (Jacaratia spinosa), também chamado de mamoeiro-do-mato; levado a origem do nome Jacaraú, por ser predominantemente da origem conhecida pelos indígenas de Jaracatiá. Mas tem ainda uma outra versão, em que com a extinção dos mamoeiros não havia mais

sentido manter esse nome na localidade que passou a se chamar Vila do Jacaré, devido a presença de vários jacarés em uma lagoa que ficava no centro do vilarejo.

Essas histórias são contadas pelos moradores mais antigos da cidade que também relatam a justificativa à mudança para Vila do Jacaré pelos pioneiros do local que queriam desvincular o local ao nome indígena jacaratiá e dos primeiros habitantes da região.

Assim, só em sua emancipação política – quando o município deixou de ser distrito da cidade de Mamanguape – é que se oficializou o nome de Jacaraú, há 59 anos, através da Lei Nº 2604/62, sancionada pelo governador da Paraíba, a época, Pedro Gondim.

“Nossa cidade de Jacaraú tem uma história muito bonita, quando se refere à cultura local e isso nos estimula a manter viva esses causos sobre a origem do nosso povo, que é uma mistura de índios, negros e brancos”, destaca o prefeito Elias Costa.

Nos últimos anos, a prefeitura municipal também vem incentivando a produção agrícola da cana-de-açúcar e o beneficiamento da castanha de caju e apicultura, com a produção de mel de abelha.

“Um outro fomento importante que temos na economia é com os agricultores, já que nós somos um município com muita área rural e temos diversos produtores que inclusive vendem seus alimentos para a prefeitura, através do Programa de Aquisição de Alimentos (o PAA), que são distribuídos às pessoas em vulnerabilidade social”, acrescenta o gestor do município.

Jacaraú pertenceu ao município de Mamanguape até ser emancipado politicamente em 1962



Produção de castanha de caju é fonte de renda para muitas famílias de Jacaraú



‘Lagoa Azul’ e fontes minerais atraem turistas

Jacaraú está localizada na região do Vale do Mamanguape faz divisa com o Rio Grande do Norte, na cidade de Nova Cruz, e com os municípios paraibanos de Mamanguape, Pedro Régis, Curral de Cima e Caiçara. A cidade é formada por três distritos: Jacaraú (zona urba-

na), Timbó e Formosa (que ficam na zona rural).

Dentre as opções de passeios turísticos naturais, Jacaraú oferece aos visitantes momentos inesquecíveis em cachoeiras, lagoas, açudes, fontes minerais e lajedos. A mais famosa da região é a ‘Lagoa Azul’, no

Sítio Travessia, onde a água é límpida e transparente, proporcionando um momento de paz e plenitude a quem vai ao local. O ‘Parque das Águas’ é um outro local muito frequentado pelos turistas e pela população jacaraense, ele fica localizado no Sítio Salvador Gomes de Cima.

Circuito Junino e a riqueza do artesanato local

Para atrair turistas na época mais festejada no Nordeste, o município criou o ‘Circuito Junino’, em 2017, que antes da pandemia do novo coronavírus era a principal fonte de renda e fomentação do comércio local. Também foi construído o Parque da Criança, onde além de lazer para os pequenos acontece a apresentação de shows e o Festival de Quadrilhas de Jacaraú (Fequajac).

No centro da cidade, foi instalada a Casa do Artesão, fundada pelo grupo “Mulheres Arteiras e Guerreiras”, com apoio da prefeitura municipal, para que os artesãos pos-

sam divulgar e comercializar seus produtos.

“Estamos investindo na cultura e no turismo do nosso município. A partir disso, a gente vai com esses investimentos estimulando o nosso comércio. É uma forma de valorizar os artistas da terra, principalmente na área do forró pé de serra e as quadrilhas juninas, prestigiando festa de Santo Antônio, São João e São Pedro. Neste ano, por conta da pandemia, fizemos dias de festa virtual com apresentação de vinte grupos, para ajudar nossos artistas nesse momento tão difícil que estamos

vivendo”, comenta o prefeito Elias.

Além dos festejos juninos, Jacaraú tem mais duas datas que são celebradas com muita festa todos os anos. O aniversário da cidade, 2 de fevereiro, e o dia de sua padroeira: Nossa Senhora da Conceição, comemorado dia 7 de dezembro, como celebrações religiosas e shows artísticos em praça pública.

Para quem quiser conhecer a cidade, pode se hospedar em uma das duas pousadas de Jacaraú que apesar de simples e pequenas possuem conforto e um típico café da manhã nordestino.

Uma das atrações de Jacaraú é a “Lagoa Azul”, localizada no Sítio Travessia, cujas águas límpidas atraem os visitantes para um banho tranquilo cercado por belezas naturais



Fundada pelo grupo “Mulheres Arteiras e Guerreiras”, com o apoio da Prefeitura, a Casa do Artesão reúne objetos produzidos no município em diversas técnicas artesanais





Foto: M. A. Filho/Divulgação

Acervo inédito do compositor Luiz Ramalho foi digitalizado

40 anos após a morte do autor da consagrada 'Foi Deus quem fez você', mais de 170 músicas continuam inéditas

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

Neste domingo se completa quatro décadas da morte do compositor paraibano Luiz Ramalho, autor da música 'Foi Deus quem fez você', que o fez se consagrar, em âmbito nacional ao ser interpretada pela cantora Amelinha e se classificar em segundo lugar no Festival da Nova Música Popular Brasileira - MPB, promovido pela Rede Globo, em 1980, no Maracanãzinho (RJ), onde foi entoada por um coro de 25 mil pessoas.

Natural do Povoado de Santa Fé, atualmente Município de Bonito de Santa Fé, na região do Alto Sertão da Paraíba, Luiz Ramalho morreu prematuramente na cidade de João Pessoa, vítima de leucemia, aos 50 anos de idade. O compositor estava no auge da carreira, o que refletiu em seu legado: ele deixou mais de 170 músicas inéditas, registradas em fitas cassete.

Um dos filhos do artista é Geber Ramalho, professor de tecnologia no Centro de Informática da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), além de também seguir a trilha do seu genitor, sendo compositor, violonista, arranjador e também trabalhar com tecnologia musical. Em 2019, ele digitalizou em MP3, com um técnico em Recife, onde mora atualmente, e catalogou todo esse material, que posteriormente será utilizado como forma de prestar tributo póstumo ao compositor.

"Nós chegamos a escrever um projeto com a ideia de divulgar essas músicas, mas com várias ações diferentes, bem multiplataforma, que vão desde redes sociais a outras ações e, claro, culminaria com a gravação de um álbum que seria um mix com músicas antigas, já conhecidas, mas regravações por artistas novos, e músicas inéditas gravadas por outros artistas. Temos o conceito do projeto na cabeça, mas, com a pandemia, sequer

// Eu confiava na minha música, mas não esperava a extensão que teve seu sucesso. Ela é ensinada nas escolas, cantada em igrejas protestantes e católicas, tocada nas noites, em todo lugar //

enviamos para a Lei Rouanet. Estamos esperando as coisas clarearem para retomarmos esse projeto", disse Geber.

De acordo com o filho, esse farto material sempre esteve com a família, na casa da sua mãe. Certa vez, Geber foi visitá-la, viu o acervo e o trouxe para sua residência, onde ficou por alguns anos. "Até que eu decidi digitalizar, porque é muito complicado você achar uma música na fita cassete", comentou. "Do total de músicas inéditas, aproximadamente 40% são temas nordestinos, ou seja, a maioria; depois, tem muitos sambas, porque papai era muito ligado, inclusive com o regional de samba nos anos 1970; e tem também muita música romântica, que são os três principais gêneros, além de forró e vários tipos de coco, baião e xote. São tão boas quanto as que já foram gravadas", frisou ele.

Geber Ramalho lembrou que chegou a montar uma banda e realizou um show em novembro de 2019, no auditório da Academia Pernambucana de Letras, em Recife, com repertório tendo parte de músicas inéditas do pai. "A casa ficou lotada, foi muito bom. Pensamos em levar o show para João Pessoa, mas aí veio a pandemia e não foi possível. Ainda visitamos alguns teatros para as pautas", contou ele, que não descartou a possibilidade de fazer a apresentação na capital paraibana, quando o quadro da crise sanitária possibilitar posteriormente.

Canção divina
Apesar de não conhecer como foi o processo de composição da clássica 'Foi Deus quem fez você', Geber Ramalho revelou uma curiosidade em torno dessa canção.

"Eu sei que ele fez essa música para a minha mãe e tenho uma história boa para contar: Zé Ramalho esteve lá em casa com o produtor da Amelinha para ouvir várias músicas de papai, jantou lá e, para variar, papai mostrou, sobretudo, as coisas mais nordestinas. No final, mamãe disse: Olha, já que fui eu que fiz o jantar, queria que vocês ouvissem uma música que não está entre essas que foram mostradas. Luiz Ramalho, meio que a contragosto, tocou. Por achar que era uma música romântica, não tinha nada a ver com a coisa mais nordestina, que era o que ele estava acostumado a ver gravado, com Luiz Gonzaga e Genival Lacerda, por exemplos", justificou. "Papai tocou, Zé adorou a música e disse que Amelinha iria amar. Isso foi antes do MPB 1980. Na verdade, Amelinha ninou um dos seus filhos já cantando 'Foi Deus quem fez você', por ter uma relação muito próxima. Quando chegou o festival, a música foi inscrita, Amelinha defendeu e foi um sucesso que é bem conhecido. Então, essa música terminou no MPB 80 quase que por um acaso".

A propósito, ao chegar do Rio de Janeiro em 1980, com o prêmio do festival na bagagem, em declaração à imprensa, Luiz Ramalho justificou o êxito obtido: "Eu confiava na minha música, mas não esperava a extensão que teve seu sucesso. Ela é ensinada nas escolas, cantada em igrejas protestantes e católicas, tocada nas noites, em todo lugar. Eu tive certo medo de que uma música que falasse de Deus afastasse um certo público. Mas não fiz pregação direta. Falei de Deus, como falei de amores escondidos. Fiz um passeio em torno da natureza, de serestas e de

tudo que existe de bom e que reflita amor e paz".

Ao falar sobre Luiz Ramalho como ser humano, Geber lembrou alguns aspectos. "Era muito espirituoso, tinha muitas expressões e casos engraçados. Na Paraíba, os Ramalho são todos da mesma família e aí as pessoas perguntavam a papai: Você é o que de Elba e Zé Ramalho? Ele dizia o seguinte: Lá no Sertão, quando você é da mesma família, se tiver a mesma idade é primo e se for mais velho é tio. Então, como eles tinham mais ou menos a mesma idade, um chama o outro de primo".

O músico paraibano tinha a característica de ter muitas amizades, sendo muito liberal e aberto. "Ele tinha amigos da esquerda, amigos da direita, amigos homem, mulher, homossexual, conservador, liberal, de todo tipo, mas nunca teve muito filtro em relação a essas coisas", definiu Geber. "Ele sempre foi um cara que acolheu e desenvolveu muitas amizades, ao longo da vida, sem nenhum problema de partido, ou nesses tempos de polarização. Além disso, outra característica que me lembro é que era muito rigoroso, em termos de fazer as coisas bem-feitas, de fazer com honestidade, e tinha um profissionalismo exemplar, que transmitiu para a gente".

Luiz Ramalho era muito participativo, inclusive na hora de brincar com os filhos. "Mamãe dizia que a casa estava desarrumada, mas aí papai retrucava dizendo que casa arrumada, menino infeliz", recordou Geber Ramalho.



Ilustração: Tônio

Segundo o filho do artista, Geber Ramalho, do total de músicas inéditas, aproximadamente 40% são temas nordestinos, seguido de sambas, inclusive o regional de samba nos anos 1970, e canções romântica, além do forró e vários tipos de coco, baião e xote

+ Rádio Tabajara vai homenagear o paraibano ao longo da semana

No intuito de homenagear Luiz Ramalho, o programa *Tabajara em Revista*, que é apresentado pelos músicos

Foto: Arnóbio Souza Costa/Arquivo A União



'Tabajara em Revista' de amanhã trará o repertório e a trajetória de Luiz Ramalho

Adeildo Vieira e Cíntia Peromnina, transmitirá uma edição especial amanhã, das 14h às 15h, simultaneamente pela Rádio Tabajara FM (105,5) e AM (1110), com a participação de Geber Ramalho, um dos filhos do artista. A atração terá um aspecto inédito, pois, na ocasião, o público ouvirá a canção 'Paleio', já gravada por Amelinha e Renata Arruda, só que na voz de quem a escreveu: o próprio Luiz Ramalho. Ainda dentro do tributo, de terça até a sexta-feira próxima, o programa será aberto e encerrado com músicas de Luiz Ramalho - que teria celebrado 90 anos de idade em 24 de fevereiro passado - interpretadas por outros artistas.

Feliz com a recordação, Geber agradece a todos os en-

volvidos na celebração. "Papai era um paraibano que produziu uma obra importante. Os artistas não morrem, pois suas obras permanecem, e um programa como esse ajuda a reavivar, justamente, a obra do artista e, no caso do meu pai, tem muitas músicas que as pessoas conhecem, cantam, mas não sabem que são dele, como 'Roendo unha', 'Retrato de um forró' e 'Daquele jeito', gravadas por Luiz Gonzaga; e 'Veio d'água', gravada por Elba Ramalho", afirmou ele.

O apresentador Adeildo Vieira comentou que escolhe os nomes que vão ser homenageados durante conversa de pauta com Cíntia Peromnina, que também é a produtora do programa. "Com isso, o *Tabajara*

em Revista cumpre seu objetivo de valorizar e divulgar a obra dos artistas paraibanos e fazer com que os ouvintes a conheçam. Luiz Ramalho é mais um compositor esquecido, apesar de ter uma obra expressiva, com obras na voz de artistas importantes, porque não se costuma valorizar o compositor. Não divulgar quem cria a letra e harmonia da música é uma falha muito grande na memória e as rádios precisam lembrá-los, assim como já fizemos, também, com o compositor Zé Marcolino (1930-1987), com a participação da filha do compositor, Fátima Marcolino".

"Durante o programa, vamos debulhar um pouco sobre a vida e obra de Luiz Ramalho em conversa com Geber, que

deverá falar sobre a carreira, contar curiosidades e o legado do pai, além de tocar algumas canções do homenageado interpretadas por outros artistas", detalhou Adeildo, que recebeu uma seleção de cerca de 20 músicas compostas pelo paraibano, parte das quais o público ouvirá ao longo da semana.



Através do QR Code acima, acesse a página oficial da Rádio Tabajara na web

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Noé, a arca e o ceticismo

“Há 999 defensores da virtude para cada homem virtuoso”, dizia o filósofo Henry Thoreau – o que temo se tratar de um cálculo tendenciosamente otimista.

Conta a Bíblia que, na época de Noé, Deus fez avaliações pouco animadoras sobre os seres humanos. Concluiu que existia apenas um homem realmente virtuoso e que os seres humanos deviam ser destruídos num dilúvio – exceção à família de Noé, que se salvou com o patriarca dentro de uma arca.

A morte por afogamento é uma experiência desesperadora: luta vã, solitária e silenciosa.

A justificativa divina para o extermínio da humanidade se baseia na multiplicação da maldade no mundo. Deus andava desgostoso, arrependido de ter criado a humanidade. Eu sempre achei estranho esse arrependimento. Como seria possível um ser onipotente, possuidor da sabedoria ilimitada (como diria Tomás de Aquino) se arrepender? Tal sentimento pressupõe o erro e o erro a imperfeição.

Outras coisas soam estranhas nessa história quando tentamos fazer uma leitura literal. A primeira já foi exaustivamente discutida. É uma crítica bem conhecida. Trata-se de um problema logístico: como a Arca de Noé pode abrigar, por seis meses, cerca de 50 mil espécies de animais e aproximadamente um milhão de insetos?

O conhecido céptico norte-americano Robert T. Carroll estima que uma embarcação com dimensões adequadas para abrigar tantos bichos seria maior que os grandes navios petroleiros da atualidade. Com o detalhe importante que a Arca de Noé foi construída com madeira por um único homem. Quantas árvores não foram necessárias derrubar? O argumento para justificar que Noé construiu sozinho a arca é o de que ele viveu 1200 anos.

O próprio Carroll argumenta que mesmo aceitando o embarque improvável de todos os animais, teríamos ainda que explicar o processo de captura. Noé teve que pegar espécies espalhadas pelos cinco continentes, em lugares mais remotos e ermos. Entre eles: tigres, leões, crocodilos, dragões de komodo, borboletas exóticas, porco espinhos, baleias, tubarões e por aí vai. No filme dirigido por Darren Aronofsky, lançado em 2014, os animais por meio de um milagre se dirigem sozinhos para a Arca; uma maneira encontrada de contornar o problema.

Outros pontos cruciais dizem respeito à alimentação dos animais e como teria sido feito para evitar que eles se devorassem uns aos outros. Temos que concordar que são questiúnculas diante do poder de Deus, mas pouco convincentes à razão. Sobre essa questão Voltaire diz algo sensato: “Ora, sendo a história do dilúvio a coisa mais miraculosa de que jamais se falou, insensato seria o explicá-la: trata-se de mistérios que se acreditam pela fé; e a fé consiste em crer no que a razão absolutamente não crê, o que constitui, ainda, outro milagre”.

Quase esqueço a segunda coisa que me causa estranhamento. É o problema do assassinato de milhões de pessoas. Podemos sempre fazer uma interpretação alegórica dessa história (o que diminui um pouco sua violência), mas talvez a maioria das pessoas não o faça. A questão da virtude é muito importante nessa alegoria, como o velho problema do outro. Tomo assim emprestado uma ideia de Carroll acerca de um “método” que usamos para aniquilar aqueles que nos desagradam. De como transformamos o que é “bom para nós” em “bom para Deus”. Esses pressupostos estão na base dos atos de violência motivados por crenças religiosas, que marcam a história da humanidade e assolam o mundo contemporâneo.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

A convivência suportável

A ética é o conjunto de normas de comportamento do ser humano. Ela estuda os motivos que constroem e distorcem as regras da convivência em sociedade, que estão implícitos nas ações de cada ser humano. Os princípios que orienta a “boa conduta” do ser humano foram criados com o objetivo de tornar a convivência humana suportável, a fim de potencializar o bem-estar social e permitir ao cidadão se sentir confortável diante do próprio pertencimento.

A ética preserva a dignidade humana a partir da prática dos valores morais que desembrutece o cidadão e compreende a cultura de cada ser humano, a fim de tornar inteligível as diversidades dos fatos morais. São os fatos sociais que apresentam o que é justo e injusto através dos padrões de personalidades e atitudes dos cidadãos. Portanto, a ética analisa a forma de comportamento humano na diversidade, e a moral é o estudo dos costumes de uma determinada sociedade numa determinada época e lugar. Pode-se concluir que a ética estuda os valores morais, que são práticas específicas de uma sociedade e se relativizam de acordo com a cultura local e a história da humanidade. Nesse contexto complexo e subjetivo, leiamos estas normas de controles sociais: o infanticídio significa assassinio de recém-nascido, nesse caso, o ato de matar o próprio filho sob a influência do estado puerperal, durante o parto ou logo depois, pode se tornar legítimo através do Estado; o infanticídio feminino é prática que ainda acontece na China, em função da política do único filho; a circuncisão feminina é a mutilação genital, essa prática é realizada em meninas adolescentes para que não tenham prazer no ato sexual. Isso é uma realidade de 200 milhões de meninas e mulheres que vivem hoje em 30 países na África, Oriente Médio, Ásia, América Latina, Europa Ocidental, América do Norte, Austrália e Nova Zelândia, de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU).

O estudo da ética trata dos problemas gerais e específicos. Os relacionados à liberdade, à consciência, ao bem-estar social, ao valor moral e à Lei são estudados em circunstâncias gerais; os aplicados à ação política e a conduta profissional são analisados a partir das particularidades. Diante da complexidade desses estudos éticos, a fim de simplificar alguns



Foto: Divulgação

Ética deve preservar toda a dignidade humana

conceitos, deve-se subdividir a ética em descritiva, prescritiva e reflexiva. A ética descritiva está reduzida a um valor social e se direciona para o bem comum e dignidade humana. A ética prescritiva é o sistema de deveres, que são padrões morais que conduzem categorias sociais através dum código de ética. A ética reflexiva corresponde à teoria de um estudo sistemático como objeto de investigação que pode ser considerada como: ética filosófica, que reflete sobre a melhor maneira de viver; ética científica, que descreve os fatos morais e explica a moralidade como fenômeno.

Nos dias atuais, apesar de aumentar o sentimento de ódio nos relacionamentos e a péssima saúde mental de muitos cidadãos, existe o discernimento de práticas que poderiam ser consideradas aceitas por se tornarem comuns e repetitivas numa sociedade adoecida, entretanto, essas práticas não se legitimam diante da dignidade humana. A corrupção, por exemplo, tem sido ato banal e cotidiano no cenário político nacional. Nesse contexto, a sociedade e o cidadão não aceitam a corrupção como um valor moral ou ético. As práticas que não beneficiam o bem-estar social e não garantem a felicidade... elas por si não se suportam e não se fundamentam à legalidade, porque “existe algo inato no ser humano” em preservar a pró-

pria sobrevivência numa socialização distensionada e harmoniosa.

A ética deve fazer reflexões acerca do comportamento humano e a preservação do bem comum, e isso é entender a sociedade a natureza humana. Esse desafio força tomar decisões sobre questões gerais e específicas de uma organização, e existem três tipos de decisões: a “decisão pessoal”, que é livre e de responsabilidade de quem toma a decisão; a “decisão ética”, que é a partir do ato moral; a “decisão inata”, que preserva os princípios de dignidade humana. Essas decisões envolvem o aspecto pessoal, a moralidade e o quanto a decisão pode interferir na preservação da vida.

A tomada de decisão deve respeitar a diversidade através do senso de pertencimento, porque garanta o sentido à vida para si e aos outros. A justiça conduz o ser humano a práticas mais eficientes quando está unida à moral e ética. Dessa forma, existem vários tipos de justiça que organizam a sociedade e dão prioridades a dignidade humana. Temos a “justiça social”, que apresenta dois sentidos: a “justiça legal” por se tratar das obrigações dos cidadãos para com o Estado, e a “justiça distributiva” por garantir obrigações do Estado para com seus cidadãos. Outra legitimidade é a “justiça corretiva”, que intercede entre as pessoas físicas ou jurídicas através de contratos em que são fixadas as obrigações das partes. Temos também a “justiça equitativa”, que preserva o princípio de que todos são iguais. O objetivo do estudo da complexidade da ética e os desafios em harmonizar a convivência suportável entre os seres humanos, deve garantir as necessidades materiais de sobrevivência de todos e preservar as condições de dignidade social da natureza humana.

■ Sinta-se convidado a audição do 327º Domingo Sinfônico, deste dia 18, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Vamos conhecer peças e a vida do regente Tcheco Gustav Mahler (1860-1911). As suas sinfonias apresentam temas trágicos e respostas sobre o sentido à existência. Mahler conviveu com a loucura do sofrimento, entretanto, ele reconstruiu através da arte o sentido estético à existência como forma de suportar os seus conflitos.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Mafiosos literários

Até parece que é fácil matar um mafioso, basta fazer parte do clã. Que tal uma máfia literária, Hildeberto Barbosa? O chefe seria Gonzaga Rodrigues. E chamamos Aldo Lopes, Frutuoso Chaves e Aginaldo Almeida.

Quando meu filho Vitor nasceu, o economista José Paulino, de saudosa memória, perguntou por que eu não coloquei o nome dele de Vito, que era italiano, essas coisas que não combinam comigo. O nome dele é Vitor, uma paroxitona. Outros até perguntavam: é Vitor com “C”, aí eu dizia não, o escritor francês é outro.

Eu já conhecia a história da família Rizzuto, cujo chefe chamava-se Vito Rezutto, mas não foi esse o argumento de Zé Paulino. O nome do menino é Vitor e priu.

Um amigo me sugeriu que visse a série *Bad Blood*, criada por Simon Barry, que tem no elenco Ryan McDonauld, Kim Coates e Sharon Taylor. Claro que a série conta a história real da família Rizzuto, que comandou o crime organizado de Montreal por décadas.

O grupo é composto por Vito Rizzuto (Anthony LaPaglia), Nico Jr. (Brett Donahue), seu filho e sucessor, e Vito Rizzuto Nicolo (Paul Sorvino), o patriarca e outros comparsas.

Com relações de poder a conflitos entre organizações criminosas, *Bad Blood* foca-se nos chavões do gênero à medida que acompanha Vito Rizzuto, que enfrenta problemas dentro da sua família – termo que, ao longo de décadas no submundo do crime, e por influência italiana, se foi tornando sinônimo de organização criminosa. Tem máfia no Brasil?

O personagem Vito não passa a imagem da crueldade, mas expõe angústia de uma família tumultuada, um pai apaixonado e um filho insubordinado, com sede de poder, com vontade de estragar tudo aquilo que o pai construiu durante anos. Ora, filho de mafioso, não poderia ser diferente.

Vito vê o dilema de não saber exatamente como proceder quando organizações rivais se juntam para matá-lo. Tudo isso cria um clima de instabilidade constante que ameaça a base dos negócios da organização e a sua relação com as autoridades e altas figuras da sociedade canadiana. Eu acho o máximo, os mafiosos integram uma alta sociedade, mas como dizia Leila Diniz, homem tem que ser durão. Ei, o que isso tem a ver com Leila? Nada, desculpa!

Bom, tem o glamour já muito típico em histórias com protagonistas posicionados à margem da lei (que faz parecer *cool* um estilo de vida errada). *Bad Blood* não cai no erro de glorificar os mafiosos ou a violência, sempre gratuita, que estes vão perpetuando ao longo dos episódios. Mas o mata-mata escorre pela tela.

Estreada há quatro anos, e com as duas temporadas disponíveis na Netflix, *Bad Blood* é só mais uma das produções a ser ignorada num serviço repleto de coisas novas e com um algoritmo que nem sempre sugere conteúdos com base nos hábitos de visualização do espectador. Pouca gente viu, muita gente meteu o pau. Talvez ninguém queira ver.

Esqueçam a série. Muita gente sabe como matar outra envenenando-a, até mesmo pessoas bem próximas.

Li que Vito Rizzuto, morreu de verdade aos 67 anos, depois de enfrentar uma doença pulmonar. Antes, Rizzuto regressou ao Canadá em 2012, depois de passar seis anos na prisão, nos Estados Unidos. Pouco tempo, né?

Durante o tempo em que Rizzuto esteve atrás das grades, o seu filho Nick e o seu pai Nicolo, foram ambos assassinados. Normal.

Tem uma cena de cinema. Sem spoiler. Quando o homem de confiança do chefe pega uma garrafa de vinho e coloca... Aliás, quem seriam as amantes imaginárias dos mafiosos literários, Hildeberto?

Kapetadas

1 - Tá foda o mundo, até cubanos!

2 - Toma aqui essa flor que eu matei para te dar agora é só esperar ela murchar (romantismo ultrarealista).

3 - Som na caixa: “Me telefone, quero te ver / Juntei a fome com a vontade de comer!”, Jorge Mautner.



Foto: Divulgação

Anthony LaPaglia vive o mafioso Vito Rizzuto na série ‘Bad Blood’

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Foto: Divulgação



Excelente atuação de Ben Kingsley como o cruel oficial alemão Adolf Eichmann em 'Operação Final'

O Cinema como máquina de propagandas nazistas

Na História do Cinema, como também em suas produções, haveremos de encontrar alguns relatos marcantes, sobre políticas e governos, que dizem respeito às organizações sociais no mundo. Sobretudo, em relação ao regime nazista. Quer seja através do cinema documental ou sob narrativas ficcionais; e são muitas as realizações.

Episódios que nos lembram diretores alemães famosos do cinema, como Werner Herzog, Diretor do clássico filme *Fitzcarraldo*, produção alemã de 1982 e que se passa na floresta do Peru, em início do século 20, trazendo no papel principal o caricato ator Klaus Kinski, inclusive com atuações de nomes brasileiros, como José Lewgoy, Grande Otelo e o cantor Milton Nascimento.

Mas lembro também de *O Anjo Azul*, de Josef von Sternberg, com o mito Marlene Dietrich fazendo uma cantora de cabaré, no musical dos anos 1920, tendo como cenário uma Alemanha já sob o comando nazista de Hitler. Citaria ainda, outras produções interessantes, como

O Pianista, *A Lista de Schindler*, além do bem-humorado (embora relatando um período trágico) *A Vida é Bela*, que se passa na Itália ocupada; entre outros filmes de igual importância histórica.

A propósito, vi recentemente no streaming *Operação Final*, dirigido por Chris Weitz em 2018, cuja narrativa fala do cruel oficial alemão Adolf Eichmann, protagonizado pelo excelente ator Ben Kingsley (Oscar por *Gandhi*), e sua escapulida para a América do Sul, após a derrota do nazismo na Segunda Guerra, fixando-se na Argentina, onde é achado e preso alguns anos depois. O filme tem cenas interessantes sobre o tema, o que nos permite acreditar que o cinema alemão foi realmente importante na difusão do regime hitleriano, na tentativa de blindar o desânimo e a vergonha dos germânicos no final da guerra.

E há relatos vários sobre o cinema na Alemanha de Hitler sendo um dos principais meios usados pelo sistema de então, para a divulgação do regime: "O cinema foi um dos pilares da máquina de propaganda

nazista." Registra a história. O que reforça dizer que Adolf Hitler e o seu ministro da comunicação Joseph Goebbels usaram o cinema como arma poderosa para influenciar seus povos, principalmente. O que se sabe, inclusive, é que nas últimas semanas dos conflitos armados e com algumas cidades alemãs já em ruínas, filmes eram exibidos normalmente ao público, ignorando a derrota nazista.

Na realidade, *Operação Final*, de Chris Weitz, é um filme oportuno de se assistir, para que possamos fazer uma reflexão séria sobre o momento atual brasileiro, diante das atuais ameaças veladas de uma possível tomada de poder pelos militares. A rigor, é impossível que acreditemos em medida tão antidemocrática e desonrosa ao povo brasileiro...

E, no caso do acima relatado, o cinema nacional jamais se prestou a um papel análogo ao que se retrata nessa e noutras realizações de igual naipe, que conheça. – Mais "coisas de cinema", em: www.alexasantos.com.br.



APC discute, em 'live', o cinema paraibano

O acadêmico Lúcio Vilar, cadeira 24 da Academia Paraibana de Cinema (APC) e coordenador geral do Fest Aruanda, comandou recentemente uma live de cinema do projeto 'Aruandando no Campus', que foi ao ar pelo YouTube. O entrevistado foi o paraibano ator de cinema, teatro e televisão Luiz Carlos Vasconcelos.

O entrevistado, que também é membro da APC, cadeira 34 (patrono, teatrólogo Cilaio Ribeiro), falou das pretensões em dirigir o seu primeiro audiovisual. Luiz Carlos Vasconcelos está, atualmente, na novela das seis da Rede Globo, *A Vida da Gente*.

Em cartaz

ESTREIAS

SPACE JAM: UM NOVO LEGADO (Space Jam: A New Legacy. EUA. Dir: Malcolm D. Lee. Comédia e Infantil. Livre). Uma inteligência artificial sequestra o filho de LeBron James e envia o lendário jogador dos Los Angeles Lakers para uma realidade paralela, onde vivem apenas os personagens de desenho animado da Warner Bros. Para resgatar o seu filho, ele precisará vencer uma partida épica de basquete contra superversões digitais das maiores estrelas da história da NBA e da WNBA. Para essa missão, King James terá a ajuda de Pernalonga, Patolino, Lola Bunny, dentre outros personagens. CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 13h40 - 16h30 - 19h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP: 15h40 (dub.); 18h30 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h45 - 16h30 - 19h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 15h50 - 18h30; CINE SERCLA TAMBIA 2 (dub.): 14h45 - 16h50 - 19h; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 15h45 - 17h50 - 20h.

CONTINUAÇÃO

OS CROODS 2 - UMA NOVA ERA (The Croods: A New Age. EUA. Dir: Joel Crawford. Animação, Aventura e Comédia. Livre). Em busca de um habitat

mais seguro, os Croods descobrem um paraíso que atende todas as suas necessidades. Entretanto, outras pessoas já moram neste lugar: Os Bettermans, uma família que se considera melhor e mais evoluída. À medida que as tensões entre os novos vizinhos começam a aumentar, uma nova ameaça impulsiona os dois clãs em uma aventura épica que os força abraçar suas diferenças, extrair forças um do outro e construir um futuro juntos. CINÉPOLIS MANAÍRA 5 (dub.): 13h30 - 15h50; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 13h30; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 14h40; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h40.

VELOZES E FURIOSOS 9 (F9 The Fast Saga. EUA. Dir: Justin Lin. Ação e Aventura. 14 anos). Dominic Toretto (Vin Diesel) e Letty (Michelle Rodriguez) vivem uma vida pacata ao lado de seu filho Brian. Mas eles logo são ameaçados pelo passado de Dom: seu irmão desaparecido Jakob (John Cena). Trata-se de um assassino habilidoso e motorista excelente, que está trabalhando ao lado de Cipher (Charlize Theron), vilã de *Velozes & Furiosos 8*. Para enfrentá-los, Toretto vai precisar reunir sua equipe novamente, inclusive Han (Sung Kang), que todos acreditavam estar morto. CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 14h30 (dub.) - 16h40 (dub.) - 20h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 14h15 - 17h30 - 20h45; CINE SER-

CLA TAMBIA 1 (dub.): 18h; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 15h; CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h30 - 19h15; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 17h30 - 20h15; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 19h.

VIÚVA NEGRA (Black Widow. EUA. Dir: Cate Shortland. Ação e Aventura. 12 anos). Ao nascer, a Viúva Negra, então conhecida como Natasha Romanova (Scarlett Johansson), é entregue à KGB, que a prepara para se tornar sua agente suprema. Porém, o seu próprio governo tenta matá-la quando a União Soviética se desfaz. CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 18h15 - 21h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 13h50 - 16h50 - 19h50; CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h15 - 17h15 - 20h15; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 21h10; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub.): 15h - 18h - 21h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 21h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h - 17h - 20h; CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 15h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 17h50; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 14h30 - 17h - 19h30; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 15h30 - 18h - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 18h50; CINE SERCLA PARTAGE 5 (leg.): 16h15.

Serviço

• Funesec [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage [83]3344-5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaíra (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypcio [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Vozes femininas

A possível tradição de uma poética feminina na Paraíba nunca foi forte esteticamente. Vozes como, por exemplo, Eudésia Vieira e Aldina de Almeida, entre outras que publicaram livros nas décadas de 40 e 50 do século passado, nada mais fizeram que desenvolver um lirismo cativo dos modelos canonizados pelas escolas romântica, parnasiana e simbolista, seguindo, assim, uma atitude comum e paradigmática da própria poesia paraibana como um todo, anacrônica e retardatária, salvo raríssimas exceções. Fazia-se o poema como se estivéssemos ainda no século 19, alheios às mudanças e conquistas legadas pela literatura moderna, num processo de reiteração imitativa pouco afeito à criação de obras originais e artisticamente inovadoras. Se algumas incorporaram, mais recentemente, o verso livre e branco ao repertório de sua dicção, não conseguiram, não obstante, ultrapassar fronteiras de um lirismo meramente confessional e subjetivo, sem quaisquer inquietações de ordem técnica e formal que pudessem confirmar a luz e o rigor de uma poesia mais autêntica. Mesmo uma Irene Dias, com sua pegada erótica e com certas sensações ousadas cravadas no organismo do verso, e uma Violeta Formiga, com seu confessionalismo sentimental ou suas tiradas filosóficas pouco consistentes, não contribuíram para a consolidação histórica de uma tradição literária mais credenciada. Vozes isoladas, que ensaiam, senão uma ruptura radical, porém, uma saudável reação a esse comportamento, aparecem na poesia de uma Marisa Barros, de uma Vitória Lima, de uma Fidélia Cassandra e, já em circunstâncias atuais, toda uma geração de mulheres que, de fato, inseminam à tradição poética com novas diretrizes formais e temáticas, exibindo um nível mais concentrado e mais consistente de literariedade. Alguns nomes me ocorrem, na provisoriade deste texto, a compor uma amostra mínima do que há de melhor no âmbito da expressão feminina, todos mergulhados no labirinto discursivo de uma obra em progresso. Ana Apolinário, Débora Gil Pantaleão, Lizzianne Azevedo, Ana Monique Moura, Piedade Farias, Glória Azevedo, Marineuma de Oliveira e Lua Lacerda, entre outras, procuram fermentar a esfera lírica na expectativa de resultados pessoais e artísticos no trato com a palavra.

Lua Lacerda, por exemplo, com seu livro de estreia, *redemunho* (Ed. UFPB, 2019), exercita a elaboração de uma poética em que a vertente telúrica, enraizada no clamor de um Sertão geográfico, mítico e existencial, se associa às motivações metalinguísticas e aos anseios subjetivos de um eu lírico inquieto e inconformado diante das coisas do mundo. Sem temer o verso longo de tom coloquial e, vezes, meio pop e desabusado, Lua Lacerda enfrenta o sentimento de exílio capturado em versos como estes que finalizam o poema *pardais de concreto*: "(...) o mundo inteiro é um deserto / e sertão mesmo é por dentro". Ou, mais agudamente, nestes, de *onde o sol nasce primeiro*: "(...) carrego o açude no peito / hoje mesmo choveu por aqui / e ele sangrou". E ainda, neste terceto de *curso gramatical para escrever poesia*: "(...) quando você sai do sertão/os redemoinhos nunca acabam/por dentro". É neste mesmo poema que a autora faz um de seus melhores giros metapoéticos, senão vejamos: "(...) se você pegar palavras / e despejá-las ao vento / nascerá poesia ou aragem". Um dos melhores, sim, porque a pedra de toque, o minério mais raro e mais refinado dessa linhagem temática encontra-se nos três versos finais da página 67, a saber: "(...) seja o que for a poesia / poema é apenas / o que sobra". Embora haja excessos expressivos aqui e ali, assim como certos desequilíbrios na música do verso, no corte ou na ideação, coisas daquele naipe, no entanto, nos garantem a convicção de que a poesia feminina começa a se estabelecer, em terras tabajaras, com um toque mais promissor, com uma linguagem e olhar que foge aos estereótipos retóricos e à linearidade perceptiva.

Em tom menos concentrado e em substância menos densa, mas atenta a certo ludismo musical e desconcertante, e, principalmente, à seleção substantiva das palavras e à economia de meios expressivos, temos uma Marineuma de Oliveira, com a coletânea *Entre parênteses* (Ed. da Autora, 2021). Dividido em seis seções, o livro possui espectro temático amplo e variado, demonstrado pela sua própria titulação: *Identidade, Memória, Desatino, Natureza, Animal e Cotidiano*. De certo modo os motivos reverberam uns sobre os outros, ao mesmo tempo em que a medida do verso curto, do vocábulo preciso, da consciência da síntese, configurando a enunciação poética, estratificam a unidade de composição e revelam a visão de mundo, entre empática e crítica, condensada na maioria dos poemas. *Das cores; Liberdade; Felina e Epitáfio*, pelo menos no meu modo de entender e sentir, exibem um nível de realização estética a responder pelo indiscutível talento da autora. Em *Felina*, o paralelo entre o eu e o animal, é dos mais sugestivos. Veja-se o poema: "A gataprenhe, / de primeira / barriga, / olha absorta, / sem nenhuma / perspectiva, / o horizonte longínquo. // Eu, absorta, / olho, prenhe, / a perspectiva / longínqua / de algum / horizonte". Já em *Epitáfio*, Marineuma de Oliveira, explorando um modelo discursivo convencional, o recria esteticamente numa peça poética bem construída e original, que tanto apela para a emoção como para o pensamento. Leia-se o texto: "Que a morte / possa me redimir / por ter ensinado / bem pouco / do que aprendi / e ter aprendido / bem mais / do que me foi / ensinado".

Lua e Marineuma, entre outras aqui referidas ou não, me parecem exemplos típicos de que algo está mudando, e para melhor, na poesia dita feminina na Paraíba.

Novo livro de Daniel Galera trata da reconstrução de vidas

'O Deus da Avenca' é um conjunto de três novelas que retratam um mundo em rápida transformação através de épocas distintas

Ubiratan Brasil
Agência Estado

A avenca é uma planta discreta, sem flores ou sementes, mas com ação desintoxicante. É conhecida por muitos de longa data, desde a Grécia Antiga até os dias atuais, quando Caetano Veloso nela buscou inspiração para os versos da canção 'Pelos Olhos' ("O Deus que mora na proximidade do haver avencas / Esse Deus das avencas é a luz / Saindo pelos olhos / De minha amiguinha"). "Cheguei a incluir cenas com personagens cantando a canção, mas terminei por excluir", explica Daniel Galera, que lança agora *O Deus das Avencas* (Companhia das Letras, 248 páginas, R\$ 54,90), conjunto de três novelas que retratam um mundo em rápida transformação.

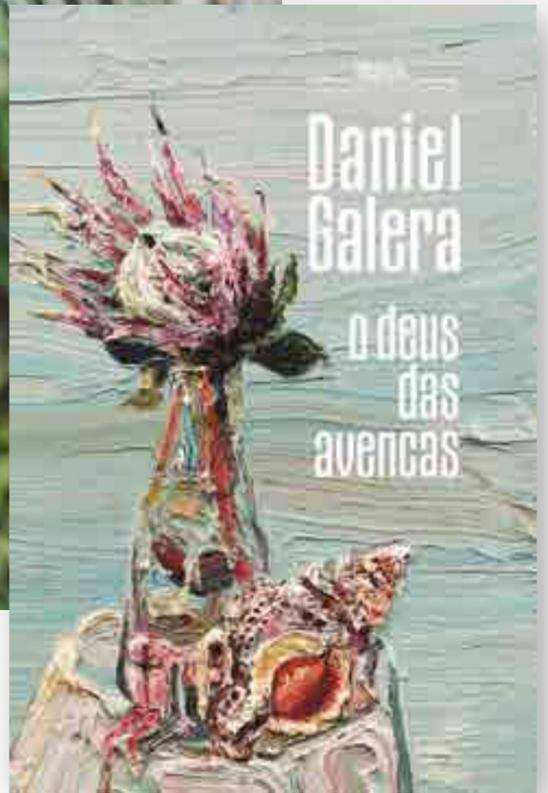
São três histórias que se passam em épocas distintas e que revelam, em uníssono, a incapacidade de seus personagens de fugirem – seja de seus destinos, seja de si mesmos. A primeira novela traz como título o mesmo do livro, *O Deus das Avencas*, e se passa no fim de semana da eleição que consagrou Jair Bolsonaro presidente do Brasil, em 2018. O aspecto político, no entanto, percorre a trama em segundo plano, mesmo como um fantasma sombrio, pois o foco está em um casal que se fecha em sua casa, em Porto Alegre, à espera do nascimento do primeiro filho.

Manuela e Lucas optam pelo parto natural, aguardando o acelerar das contrações em completo isolamento – além de se fechar no lar, o casal desliga toda forma de contato de comunicação com o mundo exterior, até chegar o momento de rumar para o hospital. "São dois acontecimentos simultâneos: o nascimento



Foto: Marco Antonio Filho/Divulgação

Imagem: Divulgação



de uma nova vida e de um novo governo", conta Galera. "É interessante escrever sobre um momento em que ainda muitos fatos não aconteceram", continua ele, lembrando que iniciou a novela no fim de 2019 e a terminou já durante a pandemia instalada.

"Nesse sentido, é valioso o olhar do leitor hoje para um fato que já aconteceu", observa o autor, cuja escrita se revela ainda mais inquietante à medida em que o processo do nascimento é demorado enquanto as eleições prosseguem, apontando para um resultado sinistro. "A sensação de sufocamento é a mesma nos dois casos".

Na novela seguinte, *Tóquio*, Galera dá um salto no tempo para um futuro incerto, no qual a tecnologia permite armazenar a memória das pessoas em dispositivos, malfadada busca pela perpetuação da existência – é o que acontece com o protagonista da história, que

frequenta um encontro de terapia coletiva reunindo pessoas com problemas semelhantes. No caso, o rapaz carrega um dispositivo com a consciência mãe, mulher rica e bem-sucedida, mas que sempre se manteve distante do filho.

Os encontros acontecem no subsolo do que deve ter sido um centro comercial de São Paulo, cidade completamente transformada por uma sucessão de crises e desastres. Além disso, as pessoas não estão ali para falar de si mesmas, mas de familiares e suas histórias das quais querem se livrar. Memória e existência ganham novos aspectos.

"Eu me apoiei na filosofia chinesa – especialmente nas provocações de Confúcio – para tratar do paradoxo entre existir e não existir", comenta Galera que, na trama futurista, aponta para o fracasso humano, uma vez que as fontes para a manutenção da existência praticamente secaram por

No seu novo trabalho, o escritor paulistano mostra a influência da solidão no trajeto das pessoas: "A ficção precisa dos abismos da comunicação", define

ação maléfica do homem – uma reflexão sobre o que se passa hoje. "Pelo antropocentrismo, somos o centro da criação, mas atingimos um momento perigoso da história da civilização, quando o aumento da população e o descontrole com o meio ambiente podem nos levar a um autoaniquilamento. E a ação do novo coronavírus só reforça nossa fragilidade".

Na terceira novela, *Begônia*, radicaliza ainda mais tais conceitos. Em um futuro ainda mais distante e incerto, Galera oferece uma nova forma de se reinterpretar o conceito de família (que marcou também as histórias anteriores) ao focar em uma pequena comunidade pós-apocalíptica que, em simbiose com a na-

tureza, compartilha sua vida com colmeias de abelhas. Já não vigora mais o antropocentrismo, pois o homem é obrigado a dividir o outor protagonismo com outros animais e plantas.

"São as chances de aliança para um futuro consciente", acredita o autor, em cuja distopia se nota a necessidade de uma nova interpretação para a formação da sociedade, o que se nota na personagem Chama, uma menina que tem a missão de descobrir seu estranho destino no momento em que a situação da comunidade deve mudar, pressionada pelas ameaças externas de um planeta devastado.

Em seu livro anterior, *Meia-Noite e Vinte*, de 2016, Daniel Galera apre-

sentou um romance pré-apocalíptico marcado pela precariedade de diversas formas, seja de recursos naturais como também de tempo e da estabilidade para levar a cabo projetos de qualquer espécie. Ambientada no fim dos anos 1990, na virada do milênio, a história focou a geração que cresceu em meio ao início da Internet, vidas acuadas entre promessas não cumpridas e anseios apocalípticos.

Agora, em *O Deus das Avencas*, o escritor mostra a influência da solidão no trajeto das pessoas ("A ficção precisa dos abismos da comunicação", acredita) e como a vida pode (e deve) ser reconstruída a partir de nossos próprios erros.

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | Colaborador

Apoio ao tropicalismo e mudanças que fazíamos

Vejo várias imagens num tempo de quase muito atrás. Vejo figuras várias que não faltaram e sacaram tudo desde o princípio e apoiaram. Esse tudo foi o tropicalismo, que, vez em quando, ando a revisar.

Apesar de "pressionados pelas bases" para que não tivesse "envolvimentos burgueses", o então líder estudantil Washington Rocha, por exemplo, juntamente com Sérgio Botelho, entrou na roda e sacou que o tropicalismo era tão revolucionário quanto as ideias socialistas que tinha apreendido. Ao ponto em que Washington fez uma letra tropicalista – 'Camisa de força' –, na qual Cleodato Porto colocou música.

Ivan Machado, que tinha uma gráfica pequena em sociedade com Heitor Falcão, a Propan, foi outro que nunca deixou de incentivar, admirar e apoiar (quando podia) materialmente as (r)evoluções tropicalistas por minuto. Em sua gráfica os manifestos tropicalistas foram rodados; era uma *off-set* acanhada, daquelas que rodavam somente tamanho ofício.

O saudoso poeta Marcos dos Anjos (que faleceu num acidente de automóvel), vindo da Geração Sanhauá, também não deixou de dar a sua mão nos momentos tropicalistas.

Foi assim que ele ajudou o núcleo que terminaria por se transformar em Grupo Dimensão, na montagem, com direção minha, em 1967 (no ritmo do início da Tropicália), de *Despertar do medo*, peça de Marcos Tavares com música do mais paraibano dos pernambucanos, Marcus Vinícius de Andrade. No elenco, gente como Maria Enilda, Maria Jaira e Roosevelt Sampaio.

Despertar do medo, como proposta de linguagem, virou de cabeça pra baixo o teatro que se fazia aqui na época, ganhando até o prêmio de melhor espetáculo da Semana de Teatro da Paraíba.

Em Campina Grande, apareceu também muita gente ajudando as propostas tropicalistas. Pessoas como Aderaldo, José Nêumanne, Arnaldo Xavier, Regina, outros, outros. Gente que deu força anonimamente para que saísse o espetáculo *Pindorama, Idolatrina, Salve, Salve!*, dirigido por mim.

E Alex Madureira, Roberto Soares, Toinho Help, tantos e tantos, estudantes anônimos pessoenses, não estudantes, ativas de política estudantil, etc. – uma gente que permitiu o crescimento da nossa pro-

posta? Hoje, de repente, esses "anônimos" talvez estejam um tanto espalhados. Alguns morreram, como o fotógrafo Roberto Soares. Estejam dispersos, talvez até desligados do tempo daquele fenômeno (ou melhor: daquela revolução), enquanto um ou outro de nós – como Jomard Muniz de Britto, no Recife – tenta amarrar as pontas de tudo o que eu cantava 'Giramulher' ou 'Ivone, pelo telefone', por exemplo. Em que Alberto Arcela se iniciava em festivais. Em que sua irmã, Ana Lúcia, dava força de todos os tipos, até passando batom em meus lábios para confrontar os costumes "normais"... Tudo isso ainda está – e sempre

estará – na cabeça dessa geração, que também é grande numericamente. Havia gente que mandava cartas para a Rádio Correio da Paraíba, apoiando o tropicalismo e as mudanças que fazíamos.

E o poeta Vanildo Brito, no Festival Paraibano da MPB de 1967, xingando o júri (para ele, incompetente), que não deu o primeiro lugar a 'Poeira', de Marcus Vinícius e Marcos Tavares?

estará – na cabeça dessa geração, que também é grande numericamente. Havia gente que mandava cartas para a Rádio Correio da Paraíba, apoiando o tropicalismo e as mudanças que fazíamos.

E o poeta Vanildo Brito, no Festival Paraibano da MPB de 1967, xingando o júri (para ele, incompetente), que não deu o primeiro lugar a 'Poeira', de Marcus Vinícius e Marcos Tavares?

Foto: Arquivo A União



E ainda saudades do cineasta Jurandy Moura (**foto**) e do apoio que nos dava, e da noite em 1972 quando – juntamente com ele –, eu, Amundsen Limeira e Cleodato Porto, choramos a morte de Torquato Neto.



Wilson Braga: liderança que faria 90 anos neste domingo

Nascido em Itaporanga, ele construiu carreira em diversos espaços de poder e em debates políticos nacionais

Josinato Gomes
Especial para A União

Se vivo estivesse, um dos mais expressivos líderes políticos da Paraíba, entre os séculos XX e XXI, completaria 90 anos de idade neste domingo, dia 18 de julho. Wilson Leite Braga, nascido na cidade de Conceição (Vale do Piancó, Sertão), no ano de 1931, faleceu em maio de 2020 em João Pessoa, por complicações decorrentes da covid-19. A morte do sucedeu, em apenas uma semana, ao falecimento de sua esposa, a ex-deputada Lúcia Braga, pelo mesmo motivo.

A carreira política de Wilson Braga teve início quando ele foi presidir a antiga Casa da Estudante da Paraíba, na capital, e no começo da década de 50, logo que concluiu o Ensino de Primeiro Grau, no Colégio Diocesano de Patos, então dirigido pelo Monsenhor Manoel Vieira, para fazer o que corresponde, atualmente, ao Ensino Médio, no Estadual de Jaguaribe, em João Pessoa.

Juntamente com Lúcia

Braga, e formando com outros ativistas do movimento estudantil da época, ele teve efetiva participação nas lutas empreendidas pela então combativa UNE (União Nacional dos Estudantes) para, logo em seguida (1954), concorrer ao mandato de deputado estadual, pela legenda do PTB, ponto de partida de uma trajetória de mais de 60 anos de vida pública. Não logrou eleger-se, naquele pleito. Mas, no seguinte (1958), concorreu ao mesmo posto e saiu-se vitorioso, com folgada repetição em 1962, para, em 1966, eleger-se, pela primeira vez, para a Câmara dos Deputados. Na Câmara, alternou-se durante sete mandatos.

Em 1982, foi eleito governador do Estado, pelo então PDS, derrotando o candidato do MDB, Antônio Mariz, quando a Paraíba contava com 171 municípios. Depois de alguns revezes, doravante elegeu-se vereador e prefeito de João Pessoa, ainda na década de 1980. E, em 2010, finalizando sua carreira política, voltou à Assembleia Legislativa da Paraíba.



Vítima da pandemia do coronavírus no ano passado, Wilson foi deputado estadual, deputado federal, governador da PB, vereador e prefeito de João Pessoa

MDB em busca de aumentar musculatura em João Pessoa

O presidente do diretório municipal do MDB e vereador de João Pessoa, Mikika Leitão, anunciou, durante a última semana, que o partido segue dialogando com alguns políticos paraibanos e já formulou convites.

O parlamentar reforçou que a sigla vai atuar fortemente nas eleições majoritárias e proporcionais de 2022 na Paraíba. “No próximo mês, vamos iniciar o processo de filiação partidária dos novos membros. Minha missão é resgatar os emedebistas históricos que já participaram da agremiação e por algum eventual motivo deixaram a casa”, afirmou Mikika.

De acordo com o dirigente, o MDB é um dos mais importantes partidos na história do Brasil, e precisa dessa reestruturação na unidade. “Vou trabalhar para o partido ser gigante como outrora”, pontuou.

O emedebista também ressaltou que há alguns nomes conhecidos no campo político que devem migrar brevemente para o partido. “É fato que temos afinidade no campo pessoal e político com alguns parlamentares, e isso se torna mais fácil para caminharmos unidos no mesmo grupo. Já formalizamos o convite aos deputados estaduais: Felipe Leitão (Avante), Ricardo Barbosa (PSB), o advogado Eilzo Matos, o ex-deputado federal, Inaldo Leitão, dentre outros nomes”, enfatizou Mikika.

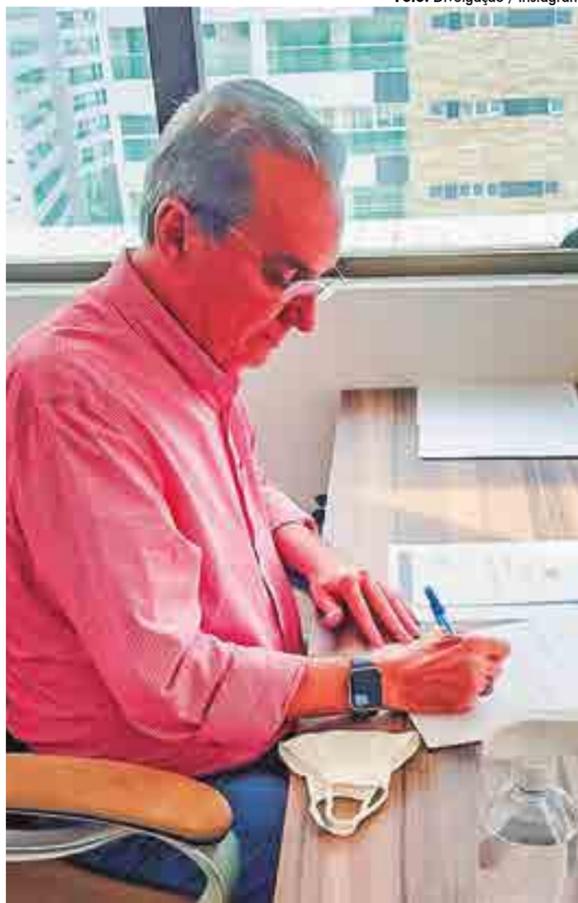
O vereador ainda destacou as ações e articulações

do presidente estadual do MDB e senador, Veneziano Vital, que deve convidar outros nomes. “O nosso presidente está visando um novo momento na sigla, recuperando figuras ilustres que realizaram um lindo trabalho conosco. Nos próximos dias Veneziano vai realizar um tour pela Paraíba”, finalizou.

O também vereador coronel Sobreira (MDB),

que faz parte da comissão provisória da legenda em João Pessoa, também estará incumbido nessa missão. Ele aponta que o partido também deseja participar das eleições majoritárias. “O MDB tem musculatura para fazer parte da chapa do governador João Azevêdo, temos grande pratas na casa, a exemplo de Ana Cláudia Vital e de Roberto Paulino”, ressaltou.

Foto: Divulgação / Instagram



Vereador Mikika Leitão comenta planos para reforçar a legenda na capital

Conversa com o GOVERNADOR

NA RÁDIO TABAJARA FM 105,5

TODA SEGUNDA - FEIRA
AO VIVO, ÀS 13H

facebook.com/GovernoParaiba
youtube.com/GovParaiba

Aponte a câmera

MARKETING EPC

Duas CPLs tentam emparedar o Governo Federal até 2022

Quando a comissão que analisa a atuação do governo na pandemia terminar, serão retomadas as investigações das "fake news"

Daniel Weterman e Lauriberto Pompeu
Agência Estado

O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (DEM-MG), decidiu prorrogar o funcionamento da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid por noventa dias, impondo mais uma derrota ao governo de Jair Bolsonaro. A estratégia traçada por adversários de Bolsonaro para aumentar ainda mais o seu desgaste não se resume, porém, apenas às investigações sobre ações e omissões no combate à pandemia. Assim que os senadores encerrarem os trabalhos desta comissão, a CPMI das Fake News será retomada.

A ideia é deixar o presidente "sangrando" até a campanha eleitoral de 2022. Ao mesmo tempo, a oposição também quer levar os militares para o centro das apurações de fraudes e cobrança de propina no Ministério da Saúde, que não se limitam à compra de vacinas contra o coronavírus. O relator da CPI da Covid, Renan Calheiros (MDB-AL), pretende convocar o ministro da Defesa, Walter Braga Netto, sob o argumento de que ele faz "ameaças diurnas" de golpe no país.

Na outra ponta, a Comissão de Fiscalização e Controle da Câmara aprovou convite para Braga Netto explicar a nota divulgada na semana passada com críticas ao presidente da CPI, Omar Aziz (PSD-AM). O documento foi interpretado como uma "tentativa de intimidação" por Aziz, que havia criticado o "lado podre" das Forças Armadas, nas suas palavras envolvido em "falcatruas do governo" para a aquisição de vacinas.

A nota assinada por Braga Netto e pelos comandantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica incomodou os parlamentares, especialmente no trecho em que sugere atuação leviana da CPI. "As Forças

Armadas não aceitarão ataque leviano às instituições que defendem a democracia e a liberdade do povo brasileiro", dizia o comunicado.

"É muito importante que o ministro venha justificar com qual intenção ele escreveu uma nota dessas porque, sinceramente, isso abala inclusive a questão da democracia no país. Dizer que Forças Armadas não podem ser investigadas? Estão acima da lei? O que é isso?", criticou o deputado Elias Vaz (PSB-GO), autor do requerimento de convocação, depois transformado em convite, de Braga Netto à Comissão de Fiscalização e Controle. "O Parlamento não pode aceitar que meia dúzia de milicos tomem como refém uma CPI porque tem militar envolvido. Tem militar corrupto, sim. E militar corrupto precisa ir para a cadeia", disse o deputado Kim Kataguiri (DEM-SP).

Informações

Senadores querem coletar informações do período em que Braga Netto chefiou a Casa Civil. A CPI descobriu que, pouco antes de ser demitido, o então diretor do Departamento de Logística do Ministério da Saúde, Roberto Ferreira Dias, fez um dossiê que citava a Casa Civil nas irregularidades para a compra de vacinas. A suspeita é que as ordens ao Ministério da Saúde teriam começado antes mesmo da pandemia, na época em que Onyx Lorenzoni, hoje ministro da Secretaria Geral da Presidência, chefiava a pasta, atualmente comandada pelo general Luiz Eduardo Ramos.

Dias foi indicado para o cargo pelo ex-deputado Abelardo Lupion (DEM-PR), assessor de Onyx, com aval de Ricardo Barros, ex-ministro da Saúde e hoje líder do governo na Câmara. Barros é, atualmente, um dos principais alvos da CPI.



Foto: Agência Senado

CPI da Covid tem levado os militares para o centro das apurações de fraudes e cobrança de propina no Ministério da Saúde, que não limitam à compra de vacina

+ Há troca de informações entre as comissões

Ao fechar o cerco sobre os militares, a CPI avalia que atingirá Bolsonaro. Os senadores também têm compartilhado frequentemente informações com integrantes da CPMI das Fake News, que está paralisada desde que começou a pandemia, em março do ano passado. Composta por senadores e deputados, esta comissão mista investiga uma rede de notícias falsas em torno de Bolsonaro e já identificou que páginas responsáveis por disseminar ataques virtuais contra parlamentares e integrantes do Supremo Tribunal Federal (STF) têm ligação com aliados e até com filhos de Bolsonaro.

A página bolso_feios, por exemplo, apontada como uma das que disseminam ódio contra adversários de Bolsonaro, teve registros de acesso a partir de telefone usado por um assessor do deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP), filho "03" do presidente.

Se a CPI da Covid foi atrás do "gabinete paralelo" - núcleo de assessoramento informal de Bolso-

naro, que apostava em "imunidade de rebanho" e dava prioridade à compra de medicamentos com ineficácia comprovada, em vez da vacinação -, a CPMI das Fake News esquadrinha o "gabinete do ódio" no Planalto. Trata-se do grupo composto por assessores especiais de Bolsonaro, comandado pelo vereador Carlos Bolsonaro (Republicanos-RJ), o filho "02", que se dedica à disseminação de fake news nas redes sociais contra rivais do presidente.

Em conversas reservadas, parlamentares das duas CPLs trocam "figurinhas" sobre os prazos. O plano prevê que a CPMI das Fake News retorne em outubro ou novembro e vá até abril ou maio de 2022.

Pressionado por investigações e com a popularidade em queda, Bolsonaro está convencido de que há uma conspiração contra ele. Em conversas reservadas, o presidente avalia que Rodrigo Pacheco "mudou de lado" e agora também atua para que ele não seja

reeleito. Pacheco foi eleito para comandar o Senado com apoio do Palácio do Planalto. Um grupo atua para que troque o DEM pelo PSD e seja candidato à sucessão de Bolsonaro.

Em mais um capítulo da crise, Omar Aziz insinuou que a Polícia Federal estava ouvindo os nomes citados pela CPI da Covid antes mesmo da comissão. Irônico, Aziz disse que era uma 'coincidência' representantes da Precisa Medicamentos, por exemplo, serem chamados pela PF antes dos depoimentos. A corporação divulgou nota defendendo sua atuação no inquérito sobre o processo de compra da vacina Covaxin pelo Ministério da Saúde.

No texto, a PF afirmou que a oitiva das pessoas chamadas a contribuir para a "elucidação dos fatos" não está atrelada a outras investigações em andamento sobre o caso. Observou, ainda, que o trabalho da corporação se dá "sem perseguições ou proteções de qualquer natureza".

Toca do leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com | Colaborador

Fluindo no compasso dona Gilka

Meu considerado amigo de infância, Joacir Avelino envia congratulações pela minha nova morada em Bananeiras, terra onde residiu por muitos anos o professor Dr. Almeida, esposo da também professora Gilka. Essas pessoas fizeram parte de nossas vidas, marcaram época, como se diz, no velho Ginásio Estadual de Itabaiana, agora Colégio Estadual Dr. Antonio Batista Santiago. Joacir lembra as ridículas ou sublimes narrativas de nossas vidas de estudantes nos anos setenta, que esse pessoal sessentão encontra-se naquele estágio de avaliação do nosso presente a partir da pesquisa do memorial do passado.

Joacir aproveita para retomar suas memórias do tempo em que viveu em Itabaiana, "de menino a rapazinho, de rapazinho a rapaz". Registro suas reminiscências no afã de (re)construir a história da terra de Abelardo Jurema. Ele traz à relembração as aulas de música com a professora Gilka no Colégio Estadual. Considera que a música nas escolas diminui a violência, muito mais do que outras manifestações culturais ou esportivas.

Lembro das aulas de música "como quem ouve uma sinfonia" gostosa do passado, no compasso da mansidão, beleza e charme de nossa mestra dona Gilka. Acho que me apaixonei por ela, porque se desenha bem distante uma sensação de interação psicológica quando participava de suas aulas. Havia um velho piano desafinado onde nossa mestra tentava passar

as notas musicais primárias. Essa sutil influência deve ter marcado muitos de minha geração, além de Joacir Avelino. Sei que ficava fascinado com as aulas de música. A linha do tempo se confundindo com as linhas da pauta onde garatujávamos os acordes.

Se a maior parte do que ouço hoje é ruído, se me perturba a canalhice e pobreza da atual música popular brasileira, essa sensibilidade devo muito às aulas de música que tive no Colégio Estadual de Itabaiana. Mas procuro entender as mudanças do meu tempo, sem deixar de fazer um paralelo com o pretérito.

Os sons da minha adolescência têm gosto de pecado original. Eu tinha apenas 14 anos, era virgem e inocente, sentia um arrepio quando ela segurava em minha mão para espalhar meus dedos trêmulos no teclado do velho Essenfelder consumido pelo tempo. Acho que nunca cheguei a cobiçá-la ou desejá-la conscientemente. Meu mundo musical escolar foi um território sem culpa. Os valores morais da sociedade visível tinham um certo filtro de censura que moralizava o desejo. Se sonhei algumas vezes, é culpa do superego, e só Freud explica.

Jamais vou terminar os compassos daquelas aulas. Depois passei a ler Jorge Amado, e vim a conhecer o cravo, a canela e outros encantos. Mas o "cravo bem temperado" daquelas lições de dona Gilka era uma química absolutamente maior do que

todas as experiências que provocaram minha comoção de adolescente tímido.

Meus reflexos na apreensão dos parâmetros sonoros permanecem os mesmos. Até melhorei a habilidade na atenção aos detalhes melódicos, rítmicos ou mesmo extramusicais. O que decaiu foi a destreza na execução do velho violão que deixei de arranhar depois de ter os dedos entortados pela artrose, as cartilagens desgastadas pela idade. Ficou no cérebro as notas musicais libertadas pela professora Gilka no obsoleto piano, mais do que o raciocínio lógico da matemática que nunca consegui apreender. Fui um estudante regular, e hoje penso que o pouco aprendido acumulado na minha mente se deve muito às aulas de música de dona Gilka. Diz-se que a música estimula a capacidade lógica e chega a ser muito mais produtiva, por exemplo, do que o estudo da matemática.

Eu e Joacir Avelino não somos músicos. Sou apenas um tocador de violão de mesa de bar, e Avelino sabe distinguir um forró de plástico de uma música de qualidade. Temos certa cognição musical e a certeza de que foi com dona Gilka que iniciamos nosso desenvolvimento dessa faculdade junto com respeito e veneração por uma mestra inesquecível. A música auxilia o desenvolvimento da percepção integral do ser humano.

Pesquisa deve apontar soluções para ecossistema no Rio Paraíba

Financiado pelo Governo do Estado, com recursos de até R\$ 200 mil, estudo vai analisar toda a extensão da bacia

Renato Félix e Márcia Dementshuk
Assessoria SEC&T

O Rio Paraíba nasce na Serra de Jabitacá, em Monteiro, e percorre 380 quilômetros até a foz, entre as cidades de Cabedelo e Lucena. Atravessa boa parte do Estado que leva seu nome e tem grande importância não só ambiental, mas também econômica e social. Agora, será o foco de um estudo abrangente, aprovado no programa de Pesquisas Ecológicas de Longa Duração (PELD), do CNPq, e financiado integralmente pelo Governo do Estado, através da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq/PB). O PELD Rio Paraíba Integrado pretende inserir a Paraíba no cenário nacional de discussões ambientais.

“Municípios situados na bacia do Rio Paraíba geram, praticamente, quase 80% do PIB paraibano”, informa o professor José Etham Barbosa, da Universidade Estadual da Paraíba, coordenador da pesquisa. “Quase 60% dos paraibanos estão no território da bacia, que é de suma importância para o Nordeste – dada, agora, a perspectiva da interligação da Paraíba com a transposição do São Francisco”.

Para a realização dos estudos, 62 cientistas de instituições de pesquisa de dentro e fora do Estado estão debruçados sobre as problemáticas. A bacia do Rio Paraíba será dividida em três núcleos. O primeiro, nas nascentes, na região do Semiárido. O professor aponta que nessa região estão representadas instituições importantes como o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), mas também registra municípios com os menores PIB e IDH do Estado.

O segundo núcleo compreende a área de Campina Grande, uma região de transição entre o Semiárido e o Litoral. “É uma região que ainda tem seus desafios ecológicos, dado ainda não termos zerado, por exemplo, a

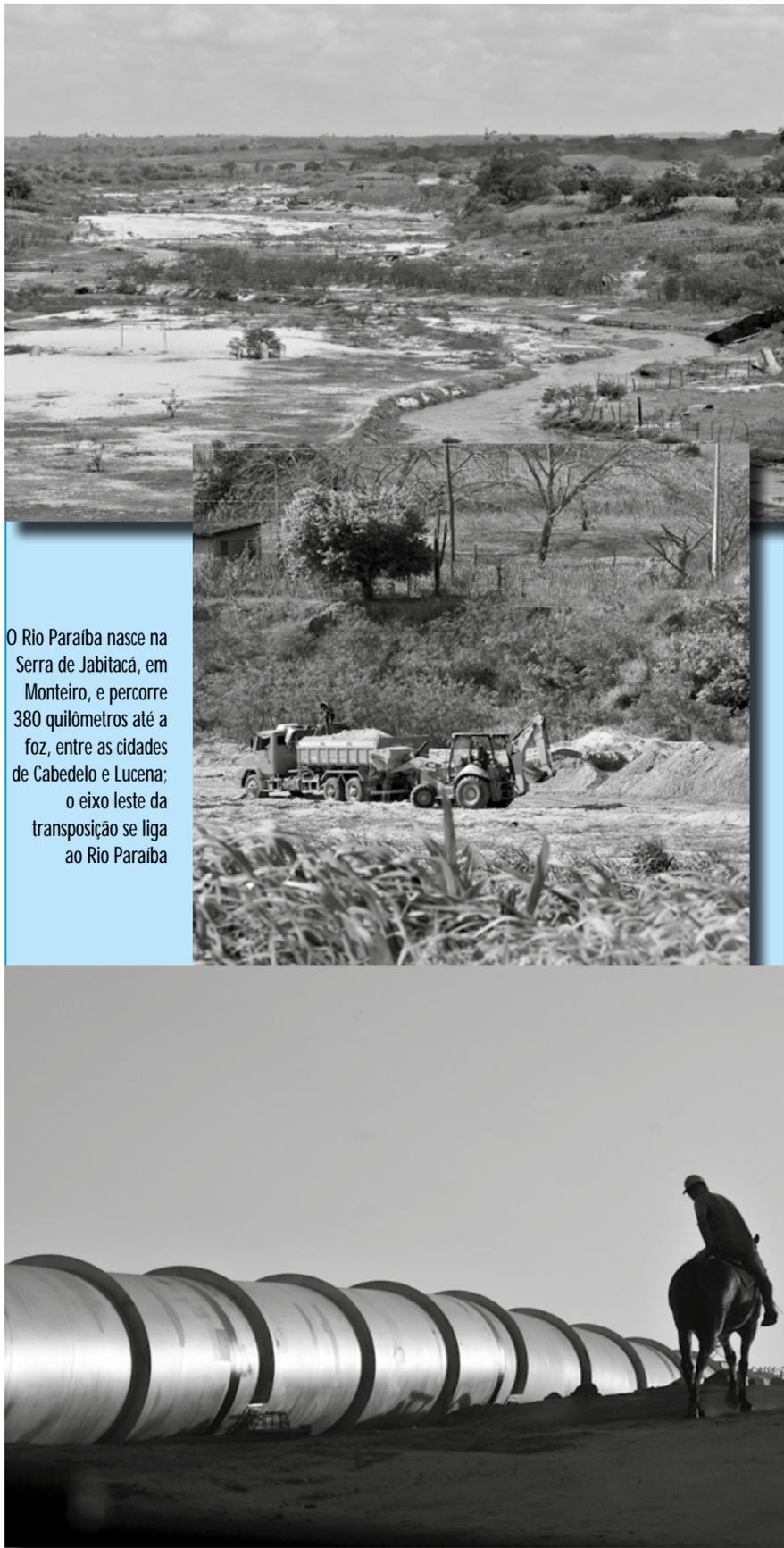
questão do saneamento”, explica o professor. “Nós ainda não temos um plano de zoneamento ambiental para os usos múltiplos da vegetação, dos solos, da mineração, de todos os recursos potenciais da bacia”.

O terceiro núcleo é o Baixo Paraíba. “É a região litorânea, costeiro-marinha, onde nos temos atividade de pesca, turística, e um bioma diferenciado das nascentes e do meio: é onde fica a Mata Atlântica, o bioma mais degradado do Brasil”, aponta Etham Barbosa. “Esses três núcleos vão trabalhar de forma coordenada, dando foco, logicamente, para cada uma de suas potencialidades”.

O PELD Rio Paraíba Integrado também lista algumas temáticas que serão exploradas. “Desde a ecologia mais ‘hardcore’ – o levantamento da biodiversidade – e aí transitando por temas como recursos hídricos, educação ambiental, socioecologia”, enumera o professor. Para ele, o desenvolvimento sustentável vai ser o fio condutor de todas elas.

Desenvolvimento sustentável e mudanças climáticas são pautas PELD: exigem um estudo de longa duração. “As mudanças climáticas já vêm acontecendo há algum tempo, nos afetam no presente e a gente tem que mitigar esse problema para o futuro”, conta ele. “Uma ‘pergunta PELD’ só pode ser respondida ao longo do tempo, por um monitoramento a longo prazo”.

O Brasil é novo nessa filosofia de pesquisa. “Existem sítios PELD nos Estados Unidos com quase 100 anos de monitoramento”, conta Barbosa. “Nas Américas, desde o Canadá até a Patagônia, na Oceania, na Europa, na Ásia e na África: todos os continentes estão em pautas PELD, interligados por uma rede de pesquisa chamada Ilter (International Long Term Ecological Research)”. As pesquisas na Paraíba estarão inseridas nessa rede global.



Fotos: Mano de Carvalho

O Rio Paraíba nasce na Serra de Jabitacá, em Monteiro, e percorre 380 quilômetros até a foz, entre as cidades de Cabedelo e Lucena; o eixo leste da transposição se liga ao Rio Paraíba

Problemas ambientais

O programa PELD envolve profissionais da biologia, mas também outros, como geógrafos, arquitetos, sociólogos, filósofos – todos voltados para os problemas ambientais e a formação de uma base teórica considerável para que sejam propostas agendas de gestão ambiental. “Um gerenciamento que viabilize as pautas políticas e econômicas da melhor maneira possível, dentro dos preceitos do desenvolvimento sustentável”, diz Etham Barbosa.

Com relação ao Rio Paraíba, a pesquisa pretende responder questões como: se for resolvido o problema de saneamento dos mais de 60 municípios da bacia do rio, isso resolverá a poluição e o desmatamento nessas áreas? “Qual a possibilidade da biodiversidade de gerar commodities ambientais?”, pergunta o professor, dizendo que há questões também a respeito da produção de fármacos, por exemplo. “Será que um hectare de cana-de-açúcar tem hoje, dentro de um plano turístico e histórico de exploração sustentável, o mesmo rendimento de um hectare de Mata Atlântica preservada?”

Ele considera que na maioria das vezes a pesquisa ambiental e a gestão econômica governamental ainda não sentam à mesma mesa. “Há um esforço da academia de sair de seus muros, reunir as melhores expertises. Já são muitos os bancos de dados que temos para trazer modelos climáticos, de recursos hídricos...”, opina.

Mudanças climáticas e perspectivas socioeconômicas locais

Quinhentos quilômetros de extensão pelas margens do Rio Paraíba é a visão mais limitada da amplitude do projeto Rio Paraíba Integrado, o RIPA. As proporções aumentam considerando que ao longo desse percurso estão municípios, plantações, matas da Caatinga, áreas protegidas, outras degradadas, animais naturais da região, outros inseridos por diversas razões... Um rio por onde pode estar correndo a lama desprendida depois do desastre ambiental de Brumadinho, ocorrido em janeiro de 2019, em Minas Gerais.

Acidente de grandes proporções na mineradora Vale, com o rompimento de uma das barragens de rejeitos de

mineração, Etham Barbosa informa que esses sedimentos já alcançaram a represa Três Marias, na bacia hidrográfica do Rio São Francisco. Com a transposição, a bacia do São Francisco se liga à do Rio Paraíba trazendo substâncias de outros ecossistemas e consequências ainda desconhecidas para os pesquisadores:

“O eixo leste da transposição se liga ao Rio Paraíba. E junto com as águas do São Francisco chegam os dejetos urbanos de Belo Horizonte, rejeitos de mineração, da agricultura, ou das indústrias, tudo o que é absorvido na bacia do São Francisco. Ainda não identificamos aqui rejeitos do minério de Brumadinho e é certo que

ao longo do curso do rio alguma poluição é depurada; mas tem substâncias resistentes que permanecem. Os pesquisadores já identificaram no Rio Paraíba duas espécies de peixes originais do São Francisco que não existiam aqui”, revela Etham Barbosa.

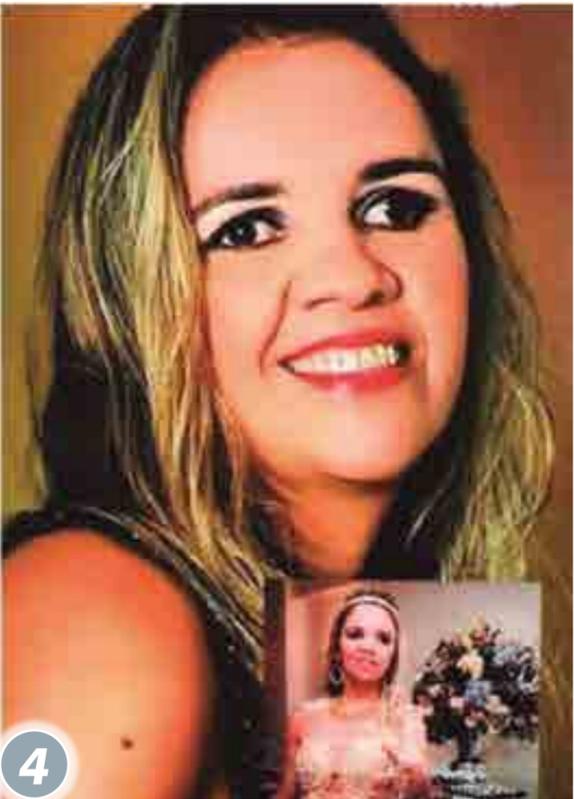
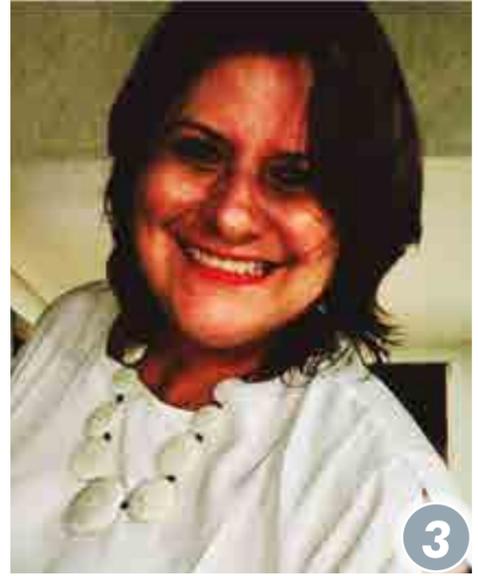
Este é um dos aspectos relevantes que justificam as pesquisas do PELD Rio Paraíba Integrado. Os impactos das mudanças climáticas e as perspectivas socioeconômicas das populações locais, a partir dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, acrescentam hipóteses relevantes para uma investigação mais acurada pelo tempo.

O Programa de Pesqui-

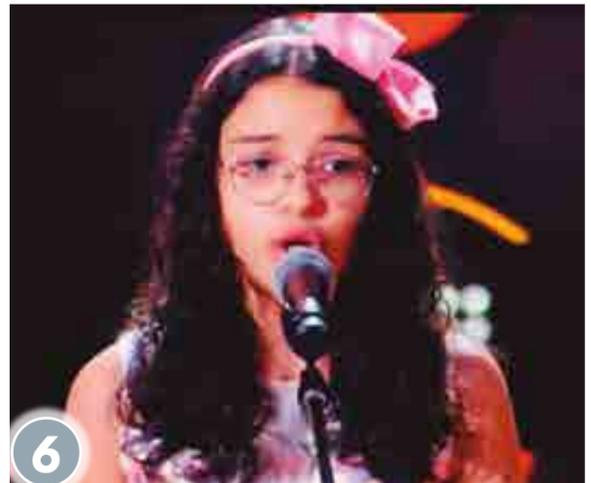
as Ecológicas de Longa Duração habilita essa profundidade nos temas relativos aos ecossistemas ao longo do tempo. Criado em 1999, pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do PELD são financiados projetos científicos para execução em quatro anos, estabelecendo os sítios de pesquisa. O programa é relançado ao término de cada ciclo e novos sítios podem surgir. Na chamada mais recente, a 6ª, encerrada em 2020, o CNPq recebeu 200 propostas. Mas os recursos foram suficientes para financiar 40 diretamente, mais o projeto de Comunicação Pública da Ciência, destinado à divulgação do PELD. Por-

tanto, o CNPq reconheceu o mérito acadêmico de 112 propostas, com a possibilidade de serem cofinanciadas pelas fundações estaduais de amparo à pesquisa, sendo esse o caso do projeto Rio Paraíba Integrado.

O Termo de Cooperação entre o CNPq e a Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba foi publicado em junho e por meio da Fapesq será repassado o valor de R\$ 199 mil reais, em recursos do tesouro estadual, para implementação do sítio de pesquisa PELD Rio Paraíba Integrado com um período de 4 anos para executar o recurso. O processo está em fase de assinatura de contrato com o pesquisador e abertura de conta bancária.



- 1 Marizete Lacerda, Lauremília Lucena, Pierre Freitas, Ricardo Lins de Albuquerque, Osmar Santos, Iramirton Moura, Manoel Jaime Xavier, Marilene Macena, Fátima Lins Braga, Anísio Maia, Solidônio Palitot, Maria Amália Pinto, Italo Kumamoto, Edilane Madruga, Gladys Ximenes Quintans, Onaldo Rocha Queiroga, Elizia Lopes, Fátima Freire, Lúcia Bezerra e Sandina Lira são os aniversariantes da semana
- 2 Nossa Capital vai sediar um evento muito interessante: a etapa João Pessoa de Grand Fondo, um dos mais importantes eventos ciclisticos do mundo e que será realizado no dia 10 de outubro, com largada às 6h da manhã no Busto de Tamararé, com chegada à Estação Ciência. A notícia, dada pelo prefeito Cícero Lucena (em foto de divulgação divulgada pela Secom-JP) é um alento para o nosso turismo.
- 3 Objetivando divulgar a cachaça paraibana, a Confraria da Cachaça, associação presidida pela executiva Fernanda Melo (foto), vai realizar uma ação promocional no Distrito Federal, durante o Encontro das Confrarias das Cachaças da Paraíba e Brasília, no dia 31 de julho. Já confirmaram presença no evento os rótulos da Nobre, Baraúna, Serra Velha, Gregório, Elite, Triunfo, Aroma da Serra, Turmalina da Serra e W!
- 4 Essa quinta-feira, 15, marcou o aniversário da escritora Pollyanna L. C. de Almeida, filha do casal, prefeito de Cajazeiras, José Aldemir, e da deputada Paula Francinete. A aniversariante comemorou a data, em São Paulo, onde, com a família, acompanha o restabelecimento do pai. Polly está ansiosa pela conclusão do seu novo livro, seleção de poemas e pensamentos, cuja editoração foi confiada ao professor Francelino Soares.
- 5 A Abrajjet paraibana vai começar uma série de entrevistas que terão como objetivo divulgar os bens materiais e imateriais de nosso Estado, escolhidos pelos jornalistas associados da seccional. A ideia é mostrar as nossa riquezas culturais por meio de Lives em nosso endereço: @abrajjetparaiba. Claro que a diretoria da entidade, liderada pelo presidente Fabiano Vidal, vai fazer uma divulgação espetacular.
- 6 A paraibano Heloysa do Pandeiro (foto), revelação no The Voice Kids, programa musical da Rede Globo, escolheu o time do baiano Carlinhos Brown para representá-la. Alguém duvida de que o nosso Estado é berço de grandes valores? Juliette que o diga!
- 7 O belo resort Iberostar, na praia do Forte, badalado local no litoral norte da Bahia, foi o escolhido pela ex-reitora do Unipê, Ana Flávia Medeiros, pela sua sobrinha, Danielle Pereira, e pelas amigas Socorro Ramalho e Verônica Soares para umas pequenas, mas merecidas férias.
- 8 O jornalista abrajjetiano Romero Rodrigues, na foto com a prefeita de Areia, Sílvia Cunha Lima, e o pároco Monsenhor Nicodemos, registrou a reabertura da igreja do Rosário dos Pretos, localizada na terra do pintor Pedro Américo, do padre Azevedo, o inventor da máquina de escrever, e do escritor José Américo de Almeida.
- 9 Thiago Rodrigues e Adriana Palmeira e as filhas, Maria Luisa e Catarina, ao lado do casal Thama Sakuma e Bruno Trigueiro e as filhas destes, Bianca e Olívia, se encantaram com a bela Sitges, cidade localizada na Costa Dourada Catalana.
- 10 Uma turma de atletas se aventura num dos esportes mais arrojados do planeta: a natação em mar aberto. A odontóloga Marina Palmeira, na foto entre os amigos Élcio Cunha, Samyra Huana, Priscilla Costa, Marçal Rosas, Franqueldo Alves, Luzaide Vaz, Lara Dantas, Well Toscano, Karla Carício, Paulo e Gustavo Garcia, lidera a turma que, na foto, está em frente à praia do Cabo Branco.



IMOBILIÁRIA PARAÍBA PROPERTY
www.paraibaproperty.com.br
+55 83 99302-7071

Contabilize
Consultoria e Assessoria Contábil

LIVRE-SE DAS DORES NA COLUNA SEM CIRURGIA
DOUTOR HERNIA
FONE: (83) 3204-0423
98708-8189



Foto: Cacio Murilo



Expectativa para este ano é que a produção de calçados no Estado alcance 120,9 milhões de pares, representando um acréscimo de 10% no volume atual

Foto: Marcos Russo



Setor calçadista cresce e eleva a Paraíba no cenário nacional

No ano passado, a produção foi de 109 milhões de pares, tornando o Estado responsável por 14% do mercado brasileiro

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

Apesar dos impactos negativos causados pela pandemia da covid-19, que levou ao fechamento de vários postos de trabalhos e queda na produção no setor calçadista em todo o Brasil, em 2020, a Paraíba produziu 109,8 milhões de pares de calçados, 7% mais do que o ano anterior (7,1 milhões de pares). O número fez com que o Estado aumentasse em um por cento sua participação no mercado nacional da atividade.

Em 2019, o Estado era responsável por 13,4% da produção nacional e, ano seguinte, passou para 14,4%, conforme dados da Companhia de Desenvolvimento da Paraíba (Cinep). Para Rômulo Polari, diretor presidente do órgão, o cenário positivo é resultado do incentivo do Governo do Estado no setor por meio de políticas locais e fiscais, bem como, o perfil do calçado produzido (material de plástico e borracha).

“O Governo do Estado, por meio da Cinep, está fazendo um trabalho junto aos calçadistas da região no sentido de promover o desenvolvimento do setor e or-

ganizar os produtores trazendo-os para a formalidade, visando a obtenção de melhores condições competitivas e comerciais que irão influenciar no crescimento da atividade nos municípios paraibanos”, enfatizou Rômulo Polari.

O sapateiro Luzinaldo Dias de Oliveira, 54 anos, exerce a profissão desde jovem. Para aproveitar experiência adquirida através de ensinamentos de um amigo, ele investiu na confecção de sandálias artesanais, que custam entre R\$ 7,50 até R\$ 12,90 o par. “Eu tinha uns 14 anos quando um amigo me chamou para ajudar na sapataria e desde então permaneci no ramo. Faço minhas rasteirinhas aqui e vendo para as sapatarias de Patos e Santa Cruz”, explicou Luzinaldo Dias.

Geração de emprego

Atualmente a Paraíba possui 112 indústrias de couro e calçados, que empregam 14 mil trabalhadores formais, em dados atualizados até o mês de abril deste ano. O setor gera 22,15% dos empregos formais da indústria de transformação local, segundo dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MET).

+

Estado é o quinto maior exportador na área

A Paraíba ainda figura como um dos cinco maiores exportadores do país. Dos 109,8 milhões de pares de sapatos produzidos, o Estado exportou 18,6 milhões do produto para países como França, Bélgica, Austrália, Filipinas, Estados Unidos, Israel, Angola, China, Paraguai e Colômbia, o que rendeu 52,6 milhões de dólares na economia.

Conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), o polo de Campina Grande - que compreende os municípios de Alagoa Nova, Araruna, Campina Grande, Ingá, Guarabira, Mogeiro e Serra Redonda - é o maior produtor de calçados do Estado e o segundo maior do Brasil, com produção estimada em mais de 104 milhões de pares. Ainda de acordo com o relatório anual, existem 89 empresas ligadas à produção de calçados, além de 71 microempreendedores individuais (MEI) que geram 10.290 empregos diretos e indiretos, fazendo aproximadamente 95% da produção paraibana ser oriunda desse setor.

O polo de João Pessoa (Bayeux, João Pes-

soa e Santa Rita) responde pelos outros 5% da produção estadual.

Produção interiorizada

Além dos dois polos, o município de Patos também concentra produção calçadista, com três empresas de pequeno porte, 59 microempresas e 67 MEIs. O cenário da produção e comercialização do município sertanejo é diferente do encontrado nas outras duas cidades. A maioria dos calçados de Patos é produzida por pequenos produtores informais que recebem ajuda da família na fabricação e na comercialização do produto feita, em grande parte, com empresas de Pernambuco que comercializam os calçados nas feiras livres em cidades como Caruaru e Santa Cruz.

A perspectiva, de acordo com estudos da Abicalçados, é que este ano a produção de calçados cresça pelo menos 10,1%. Nesse cenário, que é considerando dentro dos parâmetros pessimistas em virtude da pandemia de covid-19, a produção de calçados na Paraíba deve alcançar no mínimo 120,9 milhões de pares.

Empregos

Apenas o polo de Campina Grande é responsável por gerar mais de 10 mil postos de trabalho na Paraíba

Desenvolvimento Econômico e Gestão Estratégica

Chico Nunes
francisco.nunespb@gmail.com | Colaborador

Governança e planejamento embasam o desenvolvimento regional

Lembro-me de ter mencionado recentemente, em um dos artigos desta coluna, uma frase do Sam Geist, quando disse que “a execução supera a estratégia”. Em se tratando de desenvolvimento regional, isto faz muito sentido. Sempre defendi o planejamento como o primeiro passo a ser dado ao se iniciar um processo de desenvolvimento regional.

Vejo no planejamento um exercício técnico, político e cultural, que articula vontades e desejos (o político), em busca de soluções mais adequadas (o técnico), respeitando os costumes e as formas de pensar e agir (o cultural) das pessoas envolvidas nesta construção autoral e intelectual de um plano de desenvolvimento regional.

Ao se considerar o planejamento como um processo, é preciso ressaltar o entendimento de que ele seja contínuo. Nesse processo, o amadurecimento dos envolvidos deve crescer e atingir níveis superiores de organização e decisão. O esforço feito na elaboração deste documento deve ser compreendido como etapa de um processo exercitado e, por isso mesmo,

significativo, para enveredar por um novo caminho. Esse caminho se construirá passo a passo, sempre prosseguindo.

Para que um plano de desenvolvimento produza os efeitos a que se propõe e contribua com o alcance da visão de futuro almejada, é necessário haver ação, decisão e protagonismo. Assim, torna-se imperativo o fomento ao processo de articulação institucional e de apoio ao movimento dos líderes, para que assumam a corresponsabilidade na geração de forças e de recursos necessários à concretização do propósito desejado.

É neste exato momento, que se faz necessário iniciar um competente processo de transbordamento daquilo que se constitui na essência maior de um planejamento, para oportunizar a uma determinada região, qualquer que seja a sua definição territorial, a implementação de políticas, estratégias e ações, que lhe permitam alcançar novos patamares de desenvolvimento.

No processo de transbordamento ocorre o envolvimento colaborativo das lideranças e

organizações que estão citadas no plano, como responsáveis para dar ritmo a execução daquilo que foi planejado. A essa conexão estabelecida entre estes atores citados, denomina-se a governança. Significa a sintonia e a integração operacional de um conjunto de executores comprometidos com os mesmos objetivos.

A governança é o combustível que proporciona a sincronia das forças unidas para que fraquezas sejam superadas, ameaças sejam expelidas, acertos sejam potencializados e, sobretudo, para que as oportunidades sejam consolidadas em realizações, proporcionando um ambiente de prosperidade do sistema produtivo privado e no âmbito da gestão pública, impactando positivamente a qualidade de vida dos habitantes locais.

A tarefa de unir todos os potenciais colaboradores com reconhecida capacidade de execução, para dar cumprimento àquelas ações capazes de alcançarem as estratégias e os macro-objetivos estabelecidos, constitui-se no maior desafio dos líderes e gestores que atraem para si, a responsabilidade de fazer acontecer.

Poderia elencar aqui uma vasta lista de motivos que influenciam a dificuldade de se obter um competente processo de governança, mas me limito a citar apenas dois que me parecem ser os mais representativos nesta escala impeditiva. Um deles é o chamado “cíume institucional”, que se estabelece entre as instituições que se dispõem a colaborar, mas não aceitam de bom grado a liderança de outras que tentam se sobressair.

Outra dificuldade diz respeito aos compromissos internos das instituições que precisam se manter fiéis aos seus programas, objetivos e metas, muitas vezes por uma necessidade de justificarem os recursos que as sustentam. Daí, encontramos muitas vezes instituições fazendo coisas semelhantes, por estarem impedidas de realizar determinadas alianças.

Em resumo, a causa maior da fragilidade na execução de planos de desenvolvimento regional, que frustrara os autores e atores envolvidos é a incapacidade de se gerar governança, para que a execução supere a estratégia.

Trabalho remoto é realidade para poucos brasileiros



Foto: Freepik

Pesquisa do Ipea mostrou que apenas 11% dos profissionais ocupados no ano passado conseguiram fazer home office

Da Redação

Uma pesquisa feita pelo Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (Ipea) divulgada durante a semana mostrou que apenas 11% dos 74 milhões de profissionais que continuaram a trabalhar durante a pandemia de covid-19 fizeram trabalho remoto - o home office. O percentual representa 8,2 milhões de pessoas ativas no país e ainda está longe de atender a maior parte dos trabalhadores.

Os dados foram coletados entre os meses de maio e novembro de 2020, período crítico da pandemia no país e traçam um perfil sobre o trabalho remoto no Brasil, que repete algumas informações já citadas em pesquisas anteriores. Entre os principais trabalhadores em home office, as mulheres (56%), brancos (65,6%) e profissionais de nível superior (74,6%) representam a maioria.

A pesquisa do Ipea tem como base dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referentes ao período de maio a novembro e coletados pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD Covid-19). O estudo do IBGE mostra que o perfil da população em trabalho remoto diverge da composição da população brasileira, que é formada por 51,1% de mulheres, 54,7% de pretos ou pardos e 13,1% de pessoas com nível superior.

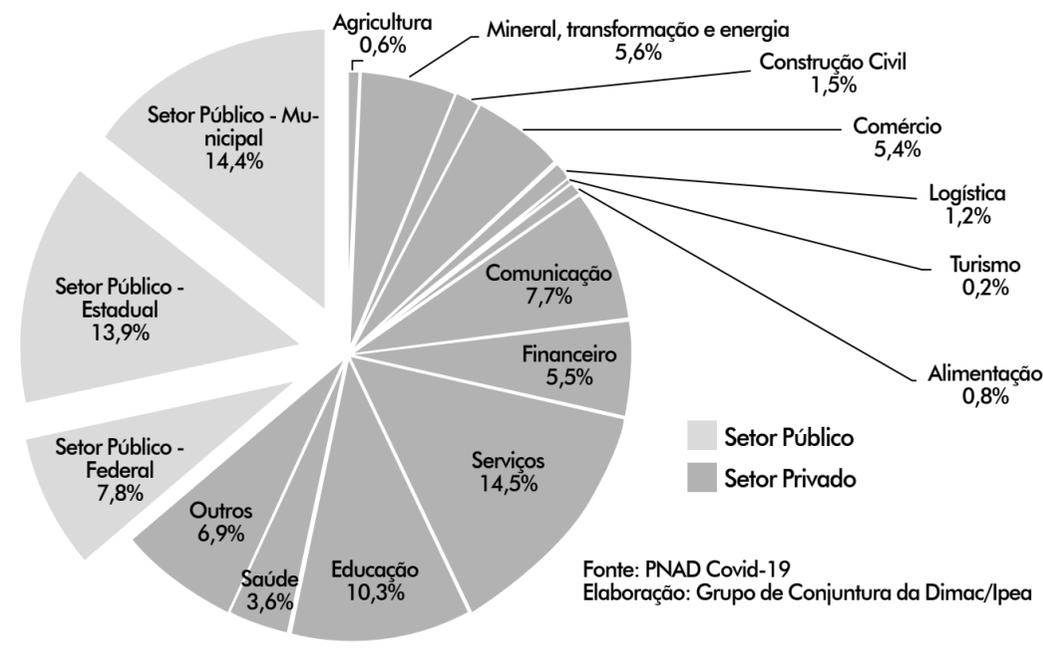
No trabalho remoto surgem pessoas como a paraibana Kerolaide Souza, de 26 anos, que, desde maio do ano passado, passou a exercer as atividades laborais em casa. Professora da Rede Pública de Ensino Municipal em Bayeux, Kerolaide conta que a experiência se tornou um desafio. “No início, a gente não sabia bem como seriam as aulas. Sabíamos que precisávamos voltar, mas nunca tivemos uma formação de aulas EAD/Ensino Remoto e nem todos os alunos têm acesso às tecnologias”, lembra.

A solução foi criar grupos nos aplicativos de bate-papo e fazer escalas de horário para os professores mandarem as atividades. “Os alunos sem acesso à internet buscam (as atividades) e entregam na escola. Então, passamos a não ter mais contato com os alunos e o feedback (retorno) das aulas”. A professora, que ensina para turmas do 8º e 9º ano do Ensino Fundamental conta que a experiência se tornou mais fácil com o tempo. “Contudo, ainda é bem cansativo. Tenho a impressão que o trabalho quadruplicou e que não temos mais horários fixos como antes”, observa.

Emprego mantido

Kerolaide Souza faz parte dos 74 milhões de profissionais citados pelo Ipea que continuaram trabalhando na pandemia apesar da crise econô-

DISTRIBUIÇÃO DO TRABALHO REMOTO POR ATIVIDADE LABORAL NA PANDEMIA DE COVID-19 (2020)



mica. Essa parcela fazia parte de um grupo maior, de 83 milhões de brasileiros que tinham uma ocupação no período pré-pandemia. Entre os 9,2 milhões que se afastaram do traba-

lho, 6,5 milhões fizeram isso por causa do distanciamento social.

Em termos de faixa etária, a pesquisa mostra que os trabalhadores de 30 a 39 anos responderam por 31,8%

daqueles que declararam estar em home office. Já na comparação do setor público com o setor privado, o último concentrou 63,9% do total de profissionais em trabalho remoto.

Serviço privado conseguiu manter mais profissionais em casa

A melhor estrutura das empresas para manter seus funcionários em casa é um fator que pesa na decisão de implantar o trabalho remoto. No serviço privado, responsável pela maioria do home office, o setor de serviços recebeu destaque.

Na análise do percentual de pessoas ocupadas em cada atividade, em média, 51% das pessoas na atividade de educação privada estavam em trabalho remoto, seguida por 38,8% no setor financeiro e 34,7% na atividade de comunicação. Por outro lado, os menores percentuais estavam nas atividades de agricultura (0,6%), logística (1,8%) e alimentação (1,9%).

Também não deve-se menosprezar a participação do serviço público nos dados. Entre os funcionários públicos, a esfera federal teve 40,7% dos trabalhadores em regime de home office, enquanto a estadual, 37,1%, e a municipal, 21,9%.

Para a média do ano passado, tem-se que 52,2% das pessoas empregadas pelo setor público e que estavam em trabalho remoto eram profissionais da educação. Caso, por exemplo,

Educação

Professores representam a maioria dos profissionais que trabalharam no ambiente doméstico

da professora Camila Spirlan-deli, de 24 anos.

A educadora do Ensino Infantil destacou a dificuldade de lidar com crianças menores de três anos de forma remota. “Confesso que o trabalho remoto não foi muito agradável. Para quem

está acostumado com o contato do ensino presencial, esse ensino veio pra atrapalhar um pouco porque notei uma dificuldade maior de alcançar as famílias, as crianças e ver o desenvolvimento das mesmas”, avalia. Camila pondera, contudo, que não acha impossível a realização do trabalho, mas que, presencialmente “ele é mais fácil de ser realizado e mais benéfico para os alunos”.

Assim como a professora, outros 15,6% de empregados do serviço público eram pessoas com nível superior completo, só que em outras ocupações. Ao mesmo tempo, apenas 0,5% dos agentes públicos em trabalho remoto eram policiais e 2,1% estavam trabalhando de forma remota em ocupações típicas de saúde, altamente demandada no período da pandemia.

Divisão por esferas

Observando apenas as pessoas vinculadas às adminis-

trações públicas municipais, a pesquisa notou que pouco mais da metade dos 1,5 milhão de professores no setor público consolidado estavam nos municípios (0,838 milhões). Isso corresponde a 71,3% das pessoas em trabalho remoto nas prefeituras nacionais. Novamente, os menores percentuais foram observados na área de saúde e segurança pública.

Na administração estadual, como ocupação dominante dos agentes públicos em trabalho remoto, a exemplo do setor privado e também nos municípios, tem-se os profissionais de ensino, com 52%, seguidos por outros profissionais com escolaridade de ensino superior completo. Em contrapartida, os policiais e os profissionais da saúde são os que possuem as menores participações em trabalho remoto.

Ao contrário das demais esferas, a participação dos pro-

fissionais de ensino no trabalho remoto entre os servidores federais não é dominante, contando com apenas 16,3% do contingente. A pesquisa contudo, reflete que o resultado é esperado, uma vez que a educação básica é competência subnacional.

No caso dos agentes públicos federais, tem-se destaque para profissionais com formação superior completa, sendo o grupo por 33,9% dos ocupados trabalhando de forma remota. Ao mesmo tempo, novamente tem-se que as ocupações com as menores participações no trabalho remoto federal foram os profissionais de saúde e policiais.

Saiba mais

Por fim, a maior parte dos trabalhadores em trabalho remoto no ano passado era da Região Sudeste (58,2%). O Nordeste (16,3%), o Sul (14,5%), o Centro-Oeste (7,7%) e o Norte (3,3%) completam a lista.

Marcos Wéric,
jornalista

“Inteligência e capacidade não saem de moda”

Candidato em chapa única à Associação Paraibana de Imprensa fala sobre propostas para dinamizar e mobilizar a categoria



Marcos Wéric é atualmente diretor de Comunicação e Divulgação de Assembleia Legislativa da Paraíba

Josélio Carneiro
Especial para A União

Nos próximos dias 23 e 24, a Associação Paraibana de Imprensa (API) realiza eleições. O jornalista Marcos Wéric de Oliveira, que hoje é diretor de Comunicação e Divulgação da Assembleia Legislativa da Paraíba, é candidato a presidente em chapa única. Concorrem na chapa,

A entrevista

Marcos, você inovou, planejou a Associação Paraibana de Imprensa unida e renovada. Construiu certamente o apoio do maior número de ex-presidentes da API ao formar uma chapa com jornalistas de várias gerações e representatividade. O resultado é que não há chapa concorrente. Como surgiu sua candidatura e como se deu esse processo, de, digamos, ser um nome de consenso?

Fui procurado por um grupo de companheiros me propondo colocar meu nome para disputar a presidência da Associação Paraibana de Imprensa. Ao aceitar, informei que buscava conversar com todos os colegas de todas as correntes para tentar um consenso. Recebi o apoio desses colegas e passei a contactar vários jornalistas com militância na API, dentre eles, todos os ex-presidentes vivos. Consegui o apoio de nove colegas que já comandaram a entidade, e isso foi fundamental para chegarmos à chapa única. Nes-

te momento, não tenho dúvida, que foi o melhor para a categoria.

O apoio de ex-presidentes da entidade se materializa simbolicamente com a participação na chapa de três jornalistas que já dirigiram a API, a saber, Nonato Guedes, José Euflávio e João Pinto.

“Precisamos aproveitar o conteúdo e a vivência dos ex-presidentes para nos auxiliar durante a gestão, e vamos fazer”

Convidados para compor o Conselho Deliberativo foi uma decisão estratégica. Ouvir a experiência deles, sugessões, será uma das pautas de sua gestão visando o máximo de resultados positivos?

Isso. Também quando recebi o convite para essa postulação me foi feito o pedido para renovar, colocar sangue novo na entidade, mas já fiz a ressalva que, de fato, precisamos renovar a entidade, sem esquecer quem já deu sua contribuição para a API e aproveitar essa experiência para os projetos futuros. É verdade que atra-

vessamos várias transformações tecnológicas e os profissionais e a API precisa se adequar a isso, mas tem uma coisa que não sai de moda: inteligência e capacidade. Então, precisamos aproveitar o conteúdo e a vivência destes ex-presidentes para nos auxiliar durante a gestão, e vamos fazer isso.

A história, a memória da API precisa ser preservada. Há uma lacuna de 36 anos desde 1985 quando da publicação do livro “História da API”, relevante pesquisa da jornalista e historiadora Fátima Araújo. Sua gestão estuda publicar novo livro a partir de uma síntese da referida obra, ouvindo ex-presidentes e resgatando páginas da entidade nas últimas três décadas e meia?

Acredito que seja o momento ideal para preencher essa lacuna. Pois, de fato, muita coisa mudou em 36 anos, mas essa transformação foi muito mais forte e complexa nos últimos 10 anos. Então, o momento atual é o ideal para atualizarmos nossa memória e projetarmos o futuro da entidade. Vamos incentivar uma publicação com

esse mote sim, e também outras publicações e iniciativas culturais de nossos associados. Isso está presente no nosso estatuto e na nossa alma.

No passado, a API teve um papel de vanguarda nos debates políticos e questões sociais. Há uma expectativa da categoria e de segmentos da sociedade pela retomada de uma API mais atuante debatendo temas relevantes como cultura, comunicação, literatura, artes, e outras agendas de interesse da população. Enfim, estimular debates, provocar discussões, conquistar espaços na mídia com pautas do contexto atual, já que é uma entidade representativa de profissionais formadores de opinião. Seria por aí uma

“A EPC será uma grande parceira da API, pois, nos últimos anos, estreitou muito a relação com os novos atores da cena cultural no estado”

agendas da gestão Marcos Wéric, Karla Alencar e equipe?

Eu tenho dito que as entidades representativas de classe, sejam sindicais ou associativas, perderam muito representatividade nos últimos anos, por vários motivos e alguns interesses. É preciso que isso seja revisto de uma forma geral e vamos trabalhar primeiro num processo de chamamento para a participação da categoria na vida da API. Vamos

fazer um recadastramento de todos os associados, em seguida, uma campanha de filiação, respeitando o que diz o estatuto, evidentemente, mas é preciso atrair as novas gerações a participarem da API. A forma de fazer isso é promovendo debates, webinários, seminários quando voltar a ser possível, sobre diversos temas que afligem a categoria. E nós vamos fazer.

A API buscará parceiros para uma nova série de publicações de livros sobre temas diversos de interesse da categoria, da população em geral? A Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) pode ser uma das parceiras? Lançamentos de livros, exposições fotográficas, na sede, estão na pauta da gestão API Unida e Renovada?

Certeza que a EPC será uma grande parceira da API, pois, nos últimos anos, estreitou muito a relação com novos atores da cena cultural no estado e vamos aproveitar isso, para firmarmos parcerias, para unir a história e trajetória da API com o poder

Ao lado da candidata a vice-presidente, Karla Alencar, Marcos Wéric fala em renovar a API sem esquecer os ensinamentos dos que já passaram pela entidade



de mobilização dos meios de comunicação da EPC.

A carta-programa está sendo elaborada, mas você poderia nos adiantar mais algumas propostas?

Primeiro vamos fazer esse recadastramento para conhecer de perto quem são nossos associados, acompanhar suas mudanças, entender como estão hoje; em seguida a campanha de filiação, respeitando o estatuto, para atrair as novas gerações; procurar o Sebrae para a criação imprensa; desenvolvimento de cursos de capacitação voltados para as novas mídias; transformar a sede da API num coworking (escritório virtual) para que os profissionais tenham opção de ter um endereço fiscal, serviço de secretariado, espaço para receber clientes, fazer entrevistas, reuniões ...; estreitar os laços com a Universidade; entre outras

A chapa é única, porém, a categoria deve comparecer no dia da eleição para se atingir o mínimo necessário de votos. Qual sua estratégia e apelo aos associados para comparecer às urnas?

Estamos trabalhando por etapas. Primeiro buscamos o consenso. Depois nos preocupamos em construir uma chapa representativa da categoria e da sociedade. Agora, estamos nos empenhando ao máximo para mobilizar a categoria para ir votar para que possamos legitimar todo esse processo com um quórum qualificado. Esse trabalho é o antigo corpo a corpo mesmo, que este ano por conta das restrições, acontece mais de forma virtual, através de telefonemas, mensagens, conferências.

ASSUNTO: PCD
VAGAS PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA - PCD
VIGILANTES E ADMINISTRATIVOS
ENVIAR CURRÍCULO PARA
rspl@grupopreservelisseve.com.br

Oportunidade de Emprego

A TESS INDÚSTRIA, seleciona pessoas com deficiência (PCD) os interessados deverão deixar currículo na portaria da empresa na Av. João Wallig, 1187 Catolé. Campina Grande.

O que é lixo especial e como ele deve ser descartado

Material eletrônico, resíduos da construção civil, medicamentos e lixo hospitalar precisam ter destinação diferenciada

Beatriz de Alcântara
alcantarabtriz@gmail.com

Pilhas usadas, controles remotos quebrados, lâmpadas queimadas, carregadores que não servem mais, peças de computadores e remédios vencidos são alguns exemplos dos chamados resíduos especiais. Essa categoria inclui materiais eletrônicos, resíduos vindos da construção civil, hospitalares e outros que podem oferecer algum perigo de contaminação ou precisam de um tratamento específico, requerendo descarte e transporte de maneira diferenciada. Em João Pessoa, a Autarquia Especial Municipal de Limpeza Urbana (Emlur)

re-atua junto com a Secretaria de Ciência e Tecnologia no descarte desses materiais.

O lixo pode se dividir em algumas categorias, como os resíduos sólidos, que envolvem os materiais passíveis de reciclagem, sendo eles: papel, vidro, plástico e metal. Há também o lixo orgânico, que engloba outros descartes domésticos e materiais misturados ou acumulados. E, por fim, o lixo especial, que pode se dividir em materiais da construção civil, lixo eletrônico, lixo hospitalar, etc.

A Emlur atua com a parte de coleta seletiva dos chamados resíduos sólidos e também com o recolhimento dos materiais eletrônicos. De acordo com o superintendente da Autarquia, esses materiais devem ser descartados na sede da Emlur, que fica localizada no Bairro dos Estados, e está em andamento uma reformulação no modelo de atenção a esse tipo de equipamento.

A separação dos materiais é importante, pois a destinação deles muda conforme sua matéria-prima. “Cada tipo de resíduo tem um processo próprio de reciclagem. Na medida em que vários tipos de resíduos sólidos são misturados, sua reciclagem se torna mais cara ou mesmo inviável, pela dificuldade de separá-los de acordo com sua constituição ou composição”, explicou a diretora da coleta seletiva, Carol Estrela.

Com relação ao lixo hospitalar e materiais que utilizam compostos químicos perigosos, existe uma preocupação ainda maior com o descarte devido ao alto risco de contaminação não só para as pessoas, mas também para o solo e a vegetação. A coordenadora do setor de resíduos sólidos da Superintendência de Administração

do Meio Ambiente (Sudema), Tânea Montenegro, destaca como proceder nesses casos. “Os resíduos de saúde, por exemplo, devem ser incinerados, conforme determina a Resolução no 222/2018 da Anvisa. Com as lâmpadas ocorre o mesmo em razão do mercúrio”, disse ela.

Em caso de resíduos de saúde, como medicamentos fora do prazo de validade, a orientação é de que esses resíduos sejam armazenados em um saco e seja direcionado a uma unidade básica de saúde próxima. Outra opção é encaminhar para a farmácia em que o produto foi adquirido.

Para as pilhas e os controles remotos, por exemplo, a manipulação do material é mais fácil e existem empresas especializadas na separação dos fios e pilhas, possibilitando a reciclagem do material plástico.

Reaproveitamento

Segundo dados da Secretaria de Ciência e Tecnologia (Secitec) da capital, existe atualmente uma média de seis toneladas de lixo eletrônico em estoque. Os equipamentos que chegam até a Secitec são avaliados e as peças boas são retiradas para que possam se transformar em produtos novos, como computadores e impressoras, por exemplo. Além disso, quando não há equipamentos em desenvolvimento, o material vai para um banco de peças para que possa ser utilizado quando surgir a oportunidade.

Quando as peças não são viáveis para novos equipamentos ou para o banco de materiais, elas ganham um destino estético.

De acordo com o diretor de Difusão Tecnológica da Secitec, Edvaldo de Vasconcelos, as peças que, tecnicamente, não servem mais são encaminhadas para parceiros que vão transformá-las em peças artesanais.

Onde tudo começa

Mais do que a destinação dos materiais a partir dos órgãos responsáveis, é preciso entender que o cuidado com esses resíduos começa dentro de casa. É importante ter a consciência de que o descarte do lixo feito de maneira incorreta desencadeia uma série de riscos individuais e coletivos, incluindo com o meio ambiente.

Tânea Montenegro, coordenadora da parte de resíduos sólidos da Sudema, reitera a mensagem relacionada aos cuidados e a forma correta de descartar esses mate-



Fotos: Divulgação



O chamado lixo especial inclui desde os resíduos hospitalares até equipamentos e peças de eletrônicos, que não podem ser descartados de qualquer forma. Para esse tipo de lixo existem normas, que devem ser seguidas para evitar contaminação de pessoas e do meio ambiente



riais considerados especiais. “O chamado lixo especial é altamente contaminante, podendo representar risco à saúde dos profissionais que fazem o manejo dos resíduos e catadores, caso sejam descartados sem os devidos cuidados. Para garantir o correto descarte desses resíduos, as pessoas podem se dirigir a grandes supermercados, que recebem lâmpadas, pilhas, entre outros itens, e dão a destinação mais adequada [além da Emlur, no caso de João Pessoa]”, finalizou ela.

Parceria

Para grandes indústrias e comércio que produzem mais de 200 litros de resíduos por dia, a Emlur possui um sistema de parceria que pode ser viabilizado em contato com a Autarquia, através do Teleatendimento ou da Divisão de Comercialização. A orientação é de que os estabelecimentos que se encaixam nessa categoria mantenham os resíduos em sacos, em locais fechados ou em contêineres até que seja feita a coleta. Deixar o lixo exposto na calçada e fora do horário de recolhimento pré-definido pode acarretar em multa para o local.

Vida útil mais curta

Com o avanço da tecnologia, houve um aumento considerável no consumo de equipamentos eletrônicos. Apesar de possibilitar ganho de produtividade e um maior acesso ao entretenimento e comunicação, o efeito negativo dessa evolução é o aumento significativo do lixo eletrônico - o que se deve muito à aceleração da vida útil dos aparelhos tecnológicos que ganham atualizações e novas funcionalidades em espaços de tempo cada vez mais curtos.

De acordo com um estudo da United Nations University em parceria com a International Telecommunication Union, o mundo produziu cerca de 44,7 milhões de toneladas de lixo eletrônico.

Em 2021, a expectativa é atingir a marca de 52,2 milhões de toneladas de lixo eletrônico produzido por ano no mundo todo.

No Brasil, estima-se que a produção anual de lixo eletrônico seja de 1,5 milhão de toneladas. Isso significa cerca de 7,4 kg produzidos por cada habitante.

Diante desses números alarmantes, fica claro a necessidade de cada vez mais se preocupar com a destinação correta do lixo eletrônico e fomentar a cultura do reuso e da reciclagem de materiais.



Álvaro Filho,
Atleta de vôlei de praia

Álvaro Filho é a Paraíba em busca de mais medalhas

Ao lado do capixaba Alisson, ele é um dos favoritos à medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Tóquio

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Aos 30 anos de idade, Álvaro Filho está em Tóquio vivendo o auge da sua carreira e aguardando, com ansiedade, a sua estreia nos Jogos Olímpicos. No Japão, ele buscará a segunda medalha olímpica do vôlei de praia paraibano - a primeira foi com Zé Marco, nos Jogos de Sydney, em 2000 - Para chegar até esse momento de glória, muito suor e areia, literalmente, foram misturados desde que, na adolescência, "Alvinho" ouvindo os conselhos do pai, abraçou a paixão pelo esporte que, em João Pessoa, é uma tradição que se mistura com a paisagem que compõe a orla da capital paraibana.

Com uma carreira repleta de títulos e conquistas individuais como dois Circuitos Brasileiros (2016-2017 e 2018-2019), a prata nos Jogos Pan-Americanos de Toronto (2015), além do troféu de revelação do Circuito Mundial (2013) e de esportista do ano no Circuito Mundial (2017), Álvaro fechou, em 2019, a sua parceria com o Campeão Olímpico de 2016, Alison Mamute, formando um time com um único foco o ciclo e uma medalha olímpica.

Juntos desde então, a dupla garantiu a primeira parte dos seus objetivos ao obter a classificação para Tóquio. A segunda parte

do projeto, no entanto, precisou ser adiada por conta da pandemia da covid-19, mas agora o sonho olímpico está mais vivo que nunca e chegou a hora de misturar as areias de Cabo Branco com as do Shiokaze Park, na cidade de Shinagawa, onde ocorrerão as disputas do Vôlei de Praia.

Álvaro e Alison já se encontram em Tóquio desde a última terça-feira (13), o time será a primeira dupla brasileira a entrar em quadra, fazendo sua estreia no próximo dia 23, data de abertura dos jogos, contra a dupla argentina formada por Azzad e Capogrosso. Depois, eles jogam contra Lucena e Dalhausser (EUA), no dia 27 e, para fechar a fase de grupos, no dia 29, jogam contra a dupla da Holanda, Brouwer e Meeuwssen.

Sobre esse momento de espera antes do começo das olimpíadas, a preparação, expectativas e o sonho por uma medalha olímpica que levou a dupla, hoje, 4ª colocada no ranking mundial, para os Jogos de Tóquio, conversamos, com exclusividade para o **Jornal A União**, com Álvaro Filho, direto do Japão, para a entrevista que você confere a seguir:



Fotos: CBV

A entrevista

Álvaro, você chega para essas olimpíadas, após um ciclo muito complicado por conta da pandemia, mas onde você acabou tendo mais tempo para treinar e se preparar ao lado de Alisson. O time está pronto e encaixado como você gostaria para essa disputa?

Fizemos a melhor preparação possível para os Jogos. Trabalhamos muito duro seguindo o planejamento feito pela comissão técnica e chegamos bem técnica e fisicamente para a disputa das Olimpíadas. Agora é manter o foco, manter a concentração e pensar que cada jogo é uma decisão,

é uma final, que temos um objetivo aqui em Tóquio e vamos lutar para alcançar, representando o nosso país da melhor maneira possível.

Essa é a sua primeira olimpíada, naturalmente, deve ser um momento único para você, como tem sido toda essa jornada até aqui e o que esse momento significa para a sua vida?

Chegar às Olimpíadas é o auge para qualquer atleta. É onde todos querem chegar e estou muito feliz em poder estar aqui com o Alison, em ver que toda a nossa dedicação, todo o nosso esforço e da nossa equipe, deu certo. É a realização de um sonho, nosso, dos nossos amigos e familiares, que quase se perdeu com a pandemia, mas que agora é real.

Qual a importância, para você, de ter um parceiro experiente como Alison e que chega para buscar um bicampeonato olímpico após o ouro em 2016?

É muito bom ter um cara experiente como o Alison, que é o atual campeão e sabe bem como é estar nos Jogos. Conversamos muito durante todo esse ciclo, ele me passou muitas informações, conselhos, e trocamos bastante sobre a preparação, sobre a rotina, para chegarmos bem preparados aqui no Japão. Alison é um jogador respeitado, que já tem uma história olímpica vitoriosa, e nosso time está muito focado para

buscar uma medalha para o Brasil.

Vocês chegam para a disputa olímpica na quarta colocação do ranking mundial, o que deve possibilitar um chaveamento favorável para os jogos, qual a importância de começar bem a disputa olímpica, desde o princípio?

Estamos numa chave muito forte, com Argentina, Estados Unidos e Holanda. Mas não existe jogo fácil numa competição como as Olimpíadas. Todos os jogos são importantes e decisivos, porque todos os resultados contam para a sua sequência dentro do torneio. Estamos muito focados, muito concentrados, nos preparando para a estreia e para fazer uma grande competição aqui em Tóquio.

Falando dos rivais, os russos e principalmente os noruegueses tem dominado o circuito internacional nos últimos anos, como você enxerga esses adversários e qual seria o caminho para vencer esses times dentro dos jogos?

O mundo todo joga vôlei de praia hoje, há um equilíbrio muito grande no Circuito Mundial e o nível vai ser altíssimo nas Olimpíadas. Hoje o nosso foco está na estreia contra a Argentina, em começarmos bem, em vencer essa 'primeira decisão' para dar um passo de cada vez dentro da competição.

Há uma expectativa grande

por medalha para o vôlei de praia da Paraíba, após 21 anos da prata de Zé Marco, como você lida com isso? É um combustível a mais?

Zé Marco é uma referência, alguém que sempre representou muito bem o nosso país e a nossa Paraíba. E é, sem dúvidas, motivo de orgulho para o nosso estado, alguém que me inspira, que fez muito pela modalidade. Espero que o nosso time possa fazer uma boa competição em busca de uma medalha para o Brasil.

A medalha vindo, independente da cor, podemos esperar um Álvaro de chapéu de couro no pódio? Qual a importância de representar, além do Brasil, a Paraíba em um cenário tão competitivo como são os Jogos Olímpicos? Como você se sente com isso?

Eu sempre levo a Paraíba comigo, sempre foi assim, e o chapéu de couro me faz lembrar das minhas raízes e mostrar para todos o orgulho que tenho de ser nordestino. Estou muito feliz em poder levar o nome da Paraíba para os Jogos Olímpicos, de fazer parte da delegação brasileira, de estar vivendo esse momento, que é especial e único. Pelas regras dos Jogos, os atletas só podem usar o uniforme oficial de sua delegação, mas trouxe na bagagem o carinho e o apoio de todos os nordestinos comigo. Agradeço muito o carinho e o apoio e contamos com a torcida de todos.



Desde que formou dupla com Alison, Álvaro tem vencido vários torneios internacionais

Paraíba com grandes atletas em Tóquio

Serão sete paraibanos competindo nos Jogos Olímpicos do Japão e mais uma delegação de 22 pessoas, incluindo técnicos nas Paralimpíadas

A Paraíba vai marcar presença nos Jogos Olímpicos de Tóquio com 7 atletas que já estão na Vila Olímpica com toda a delegação do Brasil, nas Olimpíadas de Tóquio, no Japão. A abertura oficial do evento será na próxima quinta-feira. Os paraibanos no Japão são Álvaro Filho, na modalidade de vôlei de praia; Jucilene de Lima, no lançamento de dardo e ainda Andressa Moraes, no arremesso de disco. Já Matheus Cunha e Santos, estarão em campo tentando trazer medalha no futebol e nos saltos ornamentais, Luana Lira, enquanto que Edival Marques Neto, pelo taekwondo.

O Brasil contará com 308 atletas na delegação. "No meio de mais de 300 atletas, nosso Estado tem a felicidade de contar com sete representantes e ainda

com chances reais de conseguir medalhas. Disputar uma Olimpíada é o ápice da carreira para qualquer atleta, pois é realmente um evento magnífico", disse José Marco, secretário executivo de Esporte e Lazer, além de medalhista olímpico no vôlei de praia, que disputou duas Olimpíadas, em 1996 (Atlanta) e 2000 (Sydney).

O gestor também lembrou que entre os paraibanos, há beneficiários do programa Bolsa Esporte, do Governo do Estado. "O jogador Álvaro Filho, que é do vôlei de praia, é um dos mais de 250 paraibanos que são beneficiários deste programa que contribuiu para o engrandecimento do segmento aqui na Paraíba, que é o Bolsa Esporte. O Governo do Estado investe mais de R\$ 2,5 milhões no setor", concluiu José Marco.



O atleta Netinho é um dos que tem capacidade de lutar por uma medalha nos Jogos Olímpicos de Tóquio, no taekwondo

+ As chances de medalhas são ainda maiores nos jogos Paralímpicos

Já nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, que ocorrem logo após as Olimpíadas, 22 paraibanos foram convocados para integrar a delegação do Brasil. Na modalidade de goalball, estarão no Japão, os jogadores Emerson Silva e José Roberto, pela seleção masculina, enquanto que Dailton Freitas e Jonatas Castro, técnico e assistente técnico da seleção feminina. No futebol de cinco, o treinador Fábio Luiz e o assistente Josinaldo Costa estão confirmados, além do analista técnico, Alexandre Sérgio, do preparador físico Edson Gomes e do fisioterapeuta Harekson Barbosa, bem como os jogadores Damião Robson, Matheus Costa, Luan Lacerda e Jardiel Vieira.

No atletismo, está confirmado o nome de Petrucio Ferreira, considerado o atleta paraolímpico mais rápido do



Petrucio é o paratleta mais rápido do mundo nos 100 metros e só um acidente tira a medalha de ouro dele

mundo e ainda Cícero Valdiran, Ariosvaldo Fernandes e o treinador Pedro Almeida. No

taekwondo, a atual campeã pan-americana Silvana Fernandes e no halterofilismo e

judô, os atletas Ailton Andrade e Wilians Silva, respectivamente, enquanto que na natação,

Ronystony Cordeiro, como atleta e o enfermeiro da equipe, Adailton Dantas.

"Nas Paralimpíadas, são dez, entre paraatletas e integrantes de comissão técnica, que estão inseridos no benefício do Bolsa Esporte e foram convocados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro que vão a Tóquio. Sempre eles conseguem mostrar um grande potencial e estaremos na torcida para mais um excelente desempenho dos paraibanos que se superam a cada dia com o objetivo de representar bem o nosso Estado", frisou Jean Azevedo, gerente executivo do Paradesporto da Secretaria de Estado da Juventude, Esporte e Lazer (Sejel).

O evento acontecerá no período de 24 de agosto a 5 de setembro e a delegação do Brasil contará com 422 pessoas.

Japoneses protestam contra as Olimpíadas

Agência Estado

O presidente do Comitê Olímpico Internacional, o alemão Thomas Bach, vem encarando, nos últimos dias, vários compromissos e teve também de enfrentar protestos em sua visita à cidade de Hiroshima, no Japão. Mas mostrou, mais uma vez, sua confiança em realizar os Jogos Olímpicos de Tóquio-2020 com total segurança com relação às questões de saúde

de por causa da pandemia do novo coronavírus.

Bach visitou um parque na cidade de Hiroshima, atingida por uma bomba atômica durante a Segunda Guerra Mundial. Na solenidade, ele reforçou a "missão de paz do Movimento Olímpico" e pediu solidariedade em um momento em que a humanidade ainda luta para controlar a covid-19. "Sem solidariedade, não há paz. Os Jogos Olímpicos serão uma luz de esperança para

um futuro melhor e mais pacífico", afirmou.

Mas a ida do dirigente máximo do COI à cidade gerou protestos de grupos que querem o cancelamento da Olimpíada. Um grupo de cidadãos havia pedido ao governo de Hiroshima que cancelasse a visita de Bach no dia que marca o início da Trégua Olímpica. O grupo formalizou o pedido com um abaixo-assinado com mais de 15 mil assinaturas que foi entregue a um oficial da prefeitura.

O grupo argumentou que o presidente do COI estaria se aproveitando politicamente da cidade a fim de promover a paz mundial, enquanto parte da opinião pública se mostra receosa a realização dos Jogos Olímpicos. Em sua petição, o grupo denominou a visita como "desonra aos hibakusha", se referindo aos sobreviventes da bomba atômica.

Sobre os Jogos, Bach revelou que o risco de um surto de covid-19 a

partir dos credenciados é "zero". O dirigente está no Japão desde a semana passada para reuniões e acertos finais antes do megaevento, cuja cerimônia de abertura será realizada no próximo dia 23 no Estádio Nacional de Tóquio. "O risco para os moradores da Vila Olímpica e o risco para o povo japonês é zero", disse.

O presidente do COI contou que já foram realizados mais de oito mil testes de detecção de co-

vid-19. Apenas três casos positivos foram anunciados e todos eles foram colocados em isolamento. Pessoas próximas a essas pessoas, também.

A declaração de Bach vem no momento em que os casos positivos sofre um significativo aumento em Tóquio. Na última quinta-feira, a capital japonesa registrou 1.308 testes positivos, quantidade mais alta desde o final de janeiro - ela está pela quarta vez em estado de emergência.



A veterana Marta nem esperava mais participar de uma olimpíada e promete muita luta para levar o Brasil ao pódio

Marta busca redenção com a seleção brasileira em ato final

Maior jogadora do mundo quer se despedir de olimpíadas com a conquista da medalha de ouro

Toni Assis
Agência Estado

Marta Vieira da Silva surgiu para mudar a realidade não só da modalidade no Brasil, mas também em todo o mundo. Nascida no interior de Alagoas, essa nordestina de 35 anos deu à camisa 10 da seleção feminina a mesma visibilidade que craques consagrados do futebol masculino. Agora, já na fase final de uma carreira de sucesso, ela tem a última chance de coroar seu currículo mais do que premiado com a medalha de ouro olímpica, que o país não tem. Sabe que não pode falhar.

Eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo, Marta já sentiu o gosto de subir ao pódio. No entanto, nesta edição dos Jogos Olímpicos, ela busca o degrau mais alto atrás da conquista inédita. Medalha de prata nas Olimpíadas de Atenas-2004 e Pequim-2008, ela conta com a experiência de anos de carreira para um desfecho feliz nessa disputa. Em sua quinta edição dos Jogos, a meia-esquerda continua como grande esperança da técnica sueca Pia Sundhage para comandar essa nova geração da seleção feminina do Brasil. E essa motivação de estrear ela demonstrou ao saber da convocação oficial feita em junho.

"Vocês sabem que a gente tem um orgulho enor-

/// Sabemos das dificuldades, mas poder representar o Brasil numa Olimpíada é sempre uma responsabilidade muito grande. E uma medalha de ouro vai ser muito importante para a evolução do esporte por aqui ///

me de vestir a nossa camisa amarelinha e representar o Brasil. Então, mais uma oportunidade de jogar uma Olimpíada", postou a atleta em suas redes sociais.

Com uma média de idade avançada, que ficou mais velha em um ano pelo adiamento da realização da Olimpíada provocada pela pandemia do novo coronavírus, a craque brasileira vai ter a companhia de uma velha companheira de outras jornadas: a polivalente Formiga, de 43 anos. A ausência fica por conta da atacante Cristiane, que acabou ficando fora.

Campeãs mundiais em 2019, as americanas entram como favoritas à medalha de ouro em Tóquio. "Sabemos das dificuldades, mas poder representar o Brasil numa Olimpíada é sempre uma responsabilidade muito grande. E uma medalha de ouro vai ser muito importante para a evolução do esporte por aqui", comentou Marta ainda durante a fase de preparação. O Brasil não é mais um time favorito. Agora, corre por fora.

Outra aliada fundamental vai ser a treinadora. Com a experiência de ter estado nas últimas três finais olímpicas, Pia Sundhage chega para dar equilíbrio e experiência ao elenco feminino brasileiro.

Classificada no Grupo F, a missão brasileira começa no dia 21 de julho, contra a China. O segundo jogo é diante da Holanda, dia 24. A última partida dessa fase será a Zâmbia, dia 27.

Preparação

Após 20 dias intensos de preparação, a seleção brasileira feminina de futebol encerrou na noite desta quarta-feira o período de treinamentos na cidade de Portland, nos Estados Unidos. Ontem, o grupo deixou o estado americano do Oregon com destino a Tóquio. Nestas semanas de

concentração, a comissão técnica aproveitou para dar ênfase à parte tática e física da equipe. Com a escolha por Portland para acelerar o processo de adaptação, com clima quente e úmido semelhantes ao calor do verão japonês, o grupo chega

em alto nível para a disputa olímpica. Ao longo das duas semanas de trabalho, Pia Sundhage comandou 18 sessões de treinos no Nike World Headquarters e testou o time em dois jogos-treino diante de equipes locais de Portland. Mais

fracas. Na visão da comandante, o grupo chega em alto nível para a estreia na próxima quarta-feira diante da sempre difícil seleção chinesa.

A treinadora também aproveitou para exaltar a ansiedade pela estreia.

"Agora me sinto preparada. Tem sido uma jornada fantástica, dois anos, alguns jogos. Pude observar muitas jogadoras e agora estamos tão perto de jogar nossa primeira partida contra a China. Estou bem ansiosa", destacou Pia Sundhage.

Em Salvador

Flamengo enfrenta o Bahia na estreia de Renato Gaúcho no Brasileirão

Ivo Marques
ivo_esportes@yahoo.com.br

Após a vitória sobre o Defensa y Justicia, no meio de semana na Argentina, o Flamengo volta a jogar pelo Campeonato Brasileiro, neste domingo, às 18h15, no estádio do Pituacu, em Salvador, contra o Bahia. Será a estreia do treinador Renato Gaúcho no Brasileirão. O clube tem dois jogos a menos e ocupa hoje 8ª posição na tabela de classificação, com 15 pontos. Já o Tricolor da Boa Terra faz uma excelente campanha e é o 6º colocado com 17 pontos.

Se fizer como fazia no Grêmio, Renato deverá escalar um time misto para enfrentar o Bahia, já que na quarta-feira decidirá a vaga para as quartas de final da Libertadores. Mas, no Flamengo a exigência é maior e o Campeonato Brasileiro é muito importante para o clube, que precisa somar pontos para encostar nos primeiros colocados.

Bruno Henrique, Rodrigo Caio, Diego e Arão, que não jogaram no meio de semana na Argentina, estão à disposição do treinador. Bruno, Rodrigo e Diego estão voltando de contusão e talvez joguem neste domingo, para pegar ritmo de jogo. Já Arão esta-



Foto: Alexandre Vidal/Flamengo

O atacante Michael ganhou novas oportunidades com o técnico Renato Gaúcho e tem feito gols importantes

va apenas cumprindo suspensão e deve retornar ao time sem problema, porém deverá atuar como volante e não mais como zagueiro, como nos tempos de Rogério Ceni.

É provável que Renato queira poupar Everton Ribeiro e Arrascaeta, além de Felipe Luís. Porém, ele não adiantou se pretende poupar estes atletas ou escalá-los desde o início da partida. Na última rodada do Brasileirão, o Flamengo venceu a Chapecoense por 2 a 1, no Maracanã.

Pelo lado do Bahia, o clube tem alguns desfalques. O zagueiro Junino se transferiu para o futebol da Dinamarca e o meia Thaciano foi jogar na Turquia.

O técnico Dado Cavalanti também não poderá contar com Daniel, que foi julgado pelo STJD pela briga generalizada na final da Copa do Nordeste, contra o Ceará. O meia pegou gancho de oito partidas, das quais cumpriu apenas duas, até agora.

Apesar dos desfalques, o técnico está confiante e acredita que o Bahia fará um grande jogo contra o Flamengo. "Nós estamos bem colocados na competição e apesar de ter perdido algumas peças importantes, temos no elenco bons jogadores capazes de substituí-los a altura e a diretoria do clube está no mercado em busca de reforços", disse Dado Cavalanti.

Outros jogos

Além de Flamengo e Bahia, outros 4 jogos serão disputados neste domingo. Logo às 11h da manhã, jogam Chapecoense x Cuiabá, na Arena Condá, em Chapecó. Às 16h, se enfrentam Atlético Goianense e Palmeiras, no estádio Antônio Accioly, em Goiânia. Em Bragança Paulista, a partir das 20h30, o Red Bull Bragantino joga com o Santos, no estádio Nabi Abi Cedit. No mesmo horário, em Porto Alegre, se enfrentam Internacional e Juventude, na Arena Beira Rio. A rodada será fechada na segunda-feira, às 20h, com América x Sport, no estádio Independência, em Belo Horizonte.

Uma vida inteira dedicada aos esportes aquáticos da PB

Antônio Meira, ex-atleta, técnico e dirigente, é um ícone dentro - e, mais ainda, fora - das piscinas do estado

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

A história da natação e dos esportes aquáticos da Paraíba, como um todo, não pode ser contada sem que se reserve um espaço para falar sobre Antônio Meira Leal, o Toinho Meira. Como nadador, professor, técnico e dirigente, dos 67 anos de vida, ele dedicou os últimos 58 às piscinas e, a partir do seu trabalho, gerações de atletas surgiram, assim como inúmeras conquistas dentro e fora do ambiente de competições.

Hoje, vice-presidente da Federação de Esportes Aquáticos da Paraíba (FEAP) - presidiu a entidade entre 2010 e 2018 -, Toinho iniciou sua trajetória nas piscinas do Clube Astréa, viveu o outro lado da rivalidade com o Clube Cabo Branco onde marcou época como técnico e se tornou referência para o crescimento da equipe da Vila Olímpica Parahyba, desde o antigo Dede. Sobre uma vida inteira dentro ou nas bordas das piscinas da Paraíba, pelo Brasil e percorrendo o mundo, conversamos com Toinho Meira, na entrevista que você confere a seguir em **A União**.



Foto: Arquivo Antônio Meira

Antônio Meira tem mais de meio século dedicado aos esportes aquáticos do estado, um divisor de águas entre o presente e o passado dos esportes praticados dentro da piscina na Paraíba

A ENTREVISTA

Inegavelmente, você é uma referência quando se fala de esportes aquáticos na Paraíba, especialmente quando o tema é a natação, como começou essa história?

Entre na natação pelo Clube Astréa, em 1963, na época que inauguraram a piscina do clube, pois até então, só havia a do Clube Cabo Branco. Como eu morava bem próximo do Astréa, aquele lugar se tornou minha segunda casa. Quando a piscina foi inaugurada, entrei na escolinha para aprender a nadar com o professor José Carlos Serrano. Naquela época, eu tinha 9 anos de idade, comecei batendo perna na borda, com pranchinha, com todas as crianças juntas. Não era como hoje, onde há toda uma estruturação das aulas e método de ensino, mas foi assim que iniciei, lá em 1963 no Astréa.

Quais as principais conquistas do atleta Toinho Meira?

Naquela época não havia competições de natação como temos hoje, a única disputa existente era um Norte-Nordeste absoluto, para atletas da faixa-etária adulta. O que nós disputamos, naquele período, foram mais torneios amistosos, assim fui competir em Natal, Recife, Maceió, Salvador. A minha primeira disputa foi em 1969, em Fortaleza, onde participei junto com a equipe do Astréa. Nesse contexto, a Paraíba ainda era uma novidade no cenário, diferente do que é hoje onde, com diversos campeonatos nacionais e regionais, temos sempre competidores de muito destaque. Então, no meu período como nadador, a maior vitrine eram os Jogos da Primavera. Então, eu acho que meu maior feito na minha vida de nadador, por não haver outras competições, foram minhas vitórias nos Jogos da Primavera, onde tive a honra de competir por alguns colégios e ganhar muitas provas, principalmente, pelo Pio XII onde fui depois treinador e nessa competição, nos sagamos tricampeões, obtendo um troféu que era muito cobiçado ali na década de 1970.

Você já antecipou sua entrada na vida de técnico e professor. Sendo formado no Astréa, você iniciou sua vida como técnico pelo rival, o Cabo Branco, de que forma

essa história se desenrolou?

Quando os Jogos da Primavera foram perdendo força, no final dos anos 1970, surgiram as competições nacionais e eu já estava trabalhando como professor no Astréa, mas não como técnico e foi quando surgiu um convite, em 1977, para me tornar treinador no Cabo Branco. Eu era muito jovem, com 23 anos, assumi a equipe que também era muito inexperiente. Em termos de resultado, por exemplo, o time do Astréa sempre vencia as disputas daquele período. Mas foi aí que enfrentei meu primeiro grande desafio como técnico que foi montar uma equipe forte no Cabo Branco. Foi uma tarefa muito difícil, mas tive o apoio do diretor da época, Juarez Brindeiro e nós reconstruímos a equipe toda e acho que com uns dois anos de trabalho, já passamos a ser a referência da natação no Estado. Foi aí que começamos a participar das competições regionais e nacionais, com dificuldades pela nossa inexperiência, mas já com resultados importantes. Minha primeira medalha, como técnico, em um campeonato nacional, foi com um atleta chamado Rodrigo Nóbrega, em uma prova de 50 metros livres no Rio de Janeiro, onde ele foi vice-campeão.

Entre os anos de 1970 e 1990, houve um grande crescimento da natação na Paraíba e você fez parte disso, como se deu esse processo?

Nesse processo, nós começamos a crescer bastante, foram surgindo e crescendo as competições de categorias menores e, em um determinado período, chegamos a ter mais de 200 atletas competindo pelo Cabo Branco e obtendo grandes resultados. Vencemos muitos troféus e nos tornamos uma das três melhores equipes de natação do Norte-Nordeste. Foi assim que surgiram os nossos primeiros grandes atletas. Nesse meio tempo, houve uma saída minha para o Astréa, onde voltei a treinar a equipe em 1989, revivemos o clube, fizemos uma equipe lá que cresceu tanto que não havia mais como seguir desenvolvendo o trabalho e eu recebi um convite para retornar ao Cabo Branco onde voltamos a conseguir vários campeonatos regionais. Depois desse período, já na segunda metade dos anos 1990,

por motivos pessoais parei de atuar por um tempo como treinador, até que recebi o chamado para treinar um único atleta, lá no Dede, era um garoto chamado Paulo Ramiro, que era um grande nadador e havia sido vice-campeão Sul-Americano em uma disputa ocorrida aqui na Paraíba e eu fui chamado, por meu amigo Ricardo Barbosa - atualmente deputado estadual e presidente da FEAP -, para trabalhar com ele. Foi aí que comecei a atuar na Vila Olímpica onde passamos a reestruturar a natação e montar uma equipe muito forte que rendeu muitos frutos e títulos nacionais e internacionais para a Paraíba, uma tradição que segue até hoje.

Antes de falarmos sobre a Vila Olímpica Parahyba e seu trabalho na FEAP, você também teve momentos marcantes como técnico da Seleção Brasileira, o que dessa trajetória você considera como destaques principais?

Eu tive o prazer de ser convocado como treinador, duas vezes, para a Seleção Brasileira. De ser o técnico da equipe que foi campeã sul-americana no nível escolar, em uma disputa em Montevidéu - Uruguai - e fomos também para algumas competições na Colômbia e Equador comandando times formados por atletas do Norte e Nordeste, enfim, foram tantas coisas que eu realmente nem me lembro de tudo, mas que foram importantes para elevar muito a nossa natação paraibana. Eu me sinto uma pessoa muito feliz com o trabalho que a gente pôde realizar. São 50 anos dedicados à piscina, então, como técnico e como atleta, eu acho que sou uma pessoa realizada e feliz. Pude conhecer todo o Brasil, diversos outros países e estar em lugares e momentos marcantes. É tanta gente para agradecer, amigos, atletas, famílias, jornalistas que nos acompanharam ao longo desse período, mas de uma maneira especial, tenho que agradecer a minha família e minha esposa que teve uma paciência muito grande comigo, me ajudando a suportar essas pressões que acontecem no esporte.

De técnico para dirigente da principal entidade, não só da na-

tação, mas dos esportes aquáticos em geral, como foi essa transição e quais os frutos desse trabalho?

Como dirigente, eu comecei em 2010, a partir do convite de Ricardo Barbosa para dar continuidade ao trabalho que já vinha sendo feito na federação. Nesse período, realmente, fizemos um trabalho muito bonito, conseguimos aprovar a lei de incentivo ao esporte, apoiar vários atletas, tivemos a vila reformada, trouxemos vários campeonatos realizados, aí não apenas com a natação, mas também nas outras modalidades aquáticas com o pólo aquático, saltos ornamentais, nado artístico e já o começo da maratona aquática, por exemplo. Conseguimos trazer, no período da Olimpíada do Rio de Janeiro, a equipe pentacampeã

um crescimento grande no nado artístico, há um processo de reformulação do polo aquático e temos crescido na maratona aquática, além da natação que conta com clubes muito fortes e fazendo um trabalho formidável.

Olhando para o futuro, o que você projeta para os esportes aquáticos da Paraíba, para a FEAP e onde espera estar nos próximos anos?

Podemos afirmar que os esportes aquáticos da Paraíba cresceram muito nesses últimos anos, agora, o que eu espero é que esse crescimento possa seguir avançando numericamente, mas, principalmente, qualitativamente. Sigo na federação, agora como vice-presidente. Tivemos uma nova reforma na Vila e estamos aguardando

Foto: Arquivo de Antônio Meira



Uma cena que virou rotina na vida de Toinho: no pódio, ao lado dos campeões que ajudou a formar

olímpica da Rússia no nado artístico, assim como o time do Canadá, além do time de saltos ornamentais dos Estados Unidos que por duas vezes esteve aqui, além de todas as equipes brasileiras nas modalidades aquáticas e muitas competições como o Sul-Americano Juvenil que recebemos na Vila, em João Pessoa. Nesse processo, além da natação, conseguimos dar suporte para fortalecer outras modalidades, hoje os saltos ornamentais da Paraíba são referência no Brasil, temos aí a Luana Lira nas Olimpíadas, uma atleta formada na Vila Olímpica Parahyba, além de vários campeões brasileiros em todas as modalidades e categorias. Hoje, mesmo sendo um Estado pequeno, somos o quinto centro de esportes aquáticos do Brasil. Temos

que passe esse período da pandemia para que possamos voltar a trazer eventos importantes para o nosso Estado. Enquanto eu tiver condições de seguir, vou permanecer ajudando e trabalhando pelos nossos esportes, mas também entendo que, depois de mais de 50 anos de labuta dentro da água ou na beira da piscina, temos que passar o bastão, acho até que já passou a hora. Costumo brincar com as pessoas dizendo que eu sou um produto com a validade já vencida, pois mesmo seguindo ativo, é importante que outras pessoas comecem a assumir a batuta. O resumo de tudo, é que sou muito feliz e agradecido por tudo que pude vivenciar e fazer pelos nossos esportes aquáticos e espero poder acompanhar muitas conquistas ainda.



Foto: Instagram

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A Antiga e Mística Ordem Rosacruz (Amorc) surgiu oficialmente no século XVII, mas sua tradição é inspirada pelas Classes ou Escolas de Mistérios inauguradas ainda no período do Antigo Egito, há mais de três mil anos. Nessas classes, os faraós costumavam se dedicar aos estudos de coisas relativas ao universo, à Terra e também à humanidade. É a premissa básica da fraternidade: a capacitação de homens e mulheres para que possam levar uma vida em equilíbrio, conforme as leis da natureza, desfrutando de suas potencialidades e superando limitações supersticiosas e ignorantes.

Na Paraíba, existem atualmente duas Grandes Lojas da Amorc, uma em João Pessoa e outra em Campina Grande. Segundo a grande conselheira Regional da NE-2 (Paraíba e Rio Grande do Norte), Ana Glória Marinho, a Ordem Rosacruz pode ser definida como um movimento humanitário, filosófico e cultural, "que visa contribuir para que a humanidade tenha, na vida terrena, saúde, felicidade e paz", disse ela. "Seus membros são estudantes e colaboradores e se comprometem a prestar serviço altruístico, na expectativa, apenas, da evolução do seu 'eu' interior, se preparando para um trabalho mais sublime", completou Glória.

Além dos costumes faraônicos do Antigo Egito, os alquimistas na Idade Média também inspiraram os caminhos da Amorc. Para Ana Glória, os trabalhos de transformar chumbo em ouro podem ser uma metáfora para "transformar os aspectos negativos da personalidade no ouro das virtudes do 'eu' interior". Na história, grandes pensadores se tornaram mestres da Ordem, como Tomás de Aquino, Dante Alighieri, Francis Bacon, Louis Claude de Saint Martin, entre outros.

Entretanto, o período Renascentista e seu interesse pelas artes e ciências, de forma geral, foi o responsável por abrir as portas para a Rosacruz. Conforme explicou Ana Glória, nesse período foram publicados três manifestos importantes: 'Fama Fraternitatis' (1614), 'Confessio Fraternitatis' (1615) e o 'Casamento Alquímico de Christian Rosenkreutz' (1616). "Eles conclamavam as pessoas da época, principalmente, os líderes de pensamento, a assumirem uma dimensão mais filosófica, mística e universalista da vida, revelando que a Ordem Rosacruz guardava uma ciência que permitia essa consecução. Esses manifestos causaram muitas reações nos meios intelectuais, mas também entre as autoridades políticas e religiosas", afirmou a conselheira regional.

Além dos costumes faraônicos do Antigo Egito, os Alquimistas na Idade Média também inspiraram os caminhos da Ordem Rosacruz

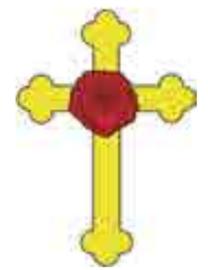


Foto: Divulgação

Sede da Ordem Rosacruz na capital paraibana, localizada no Bairro dos Bancários, onde ocorrem os principais eventos da fraternidade, suspensos devido à pandemia



Símbolos de um movimento humanitário, filosófico e cultural



Costumes faraônicos, dos alquimistas e dos renascentistas

Ordem Rosacruz

O altruísmo na busca pela evolução

Na Paraíba existem, atualmente, duas Grandes Lojas da Amorc: uma na capital e outra em Campina Grande

+ Fraternidade soma mais de 300 mil afiliados no Brasil

A Ordem chegou na América do Norte no final do século XVII sob a liderança de Johannes Kelpius, mestre da Rosacruz na Europa. A primeira instalação se deu na Pensilvânia, nos Estados Unidos. No século XX, com a expansão para as Américas Central e do Sul, a Ordem chega ao Brasil, mais precisamente em Curitiba, no Paraná. Desde então, a fraternidade soma mais de 300 mil afiliados espalhados por todos os estados brasileiros, com templos inspirados na moda egípcia, espaços dedicados à arte, auditórios e prédios administrativos.

No Estado da Paraíba, em 1969, funcionou inicialmente no Círculo Operário em Jaguaribe. Desde a década de 1980 que a Loja Rosacruz passou a ser localizada no Bairro dos Bancários e também existe um Pronaos (ou Loja) em Campina Grande, na região do Agreste paraibano. Em tempos de normalidade, ambos os locais organizam meditações abertas à comunidade, mas o serviço está suspenso em razão da pandemia da covid-19.

O que determina uma Loja ou Pronaos, em nomenclatura, é a quantidade de afiliados e serviços prestados aos membros, sendo o Pronaos o menor deles. Esses são subdivisões, junto com o chamado Capítulo, das Grandes Lojas. No caso do Brasil, a Grande Loja é situada em Curitiba e se desmembra como Lojas, Capítulos ou Pronaos em todo o país. Superior a essa, somente a Suprema Grande Loja, organismo que engloba todos os outros.

Nos Organismos da Rosacruz são realizados rituais específicos, de acordo com a conselheira regional. "O Ritual de Convocação, onde são admitidos apenas os membros afiliados e ativos na GLP. Além de outros rituais que são abertos ao público, como a Meditação Aberta, Meditação pela Paz, Cerimônia Fúnebre, Casamentos e Aposição de nome aos bebês, filhas de rosacruzes", pontuou Ana Glória Marinho.

Por ter sido uma sociedade secreta por muitos anos, a Rosacruz ficou marcada pelas deduções das pessoas



Foto: Arquivo Pessoal

Ana Marinho é a conselheira regional que abrange a Paraíba e o Rio Grande do Norte



Foto: Arquivo Pessoal

Edgley Bastos é o mestre da Loja Rosacruz em João Pessoa, localizada no Bairro dos Bancários

que desconhecem suas estruturas e propósitos. "A falta de conhecimento das pessoas em geral sobre a Ordem gera interpretações equivocadas. Pelo fato de sermos uma fraternidade privada, deduzem tratar-se de um culto ao diabo, seita ou até mesmo um ramo distinto de culto afro. Por puro preconceito ou desconhecimento de seus reais objetivos, passam a atacar a Ordem, inclusive de forma física, com apedrejamento de nossas instalações, entre outros e ataques verbais, o que causa certo desconforto", desabafou Ana Glória.

De acordo com Ana Glória, a Ordem Rosacruz é composta de "homens e mulheres de todas as raças, cor ou religião que, uma vez admitidos na Ordem, são submetidos a um sistema de instrução, em forma

de Monografias Oficiais, enviadas periodicamente a seus afiliados. São discursos que tratam de toda gama de assuntos propostos pela Ordem, que se estendem por um tempo indeterminado, graças a sua amplitude e profundidade", enfatizou. A Rosacruz é uma filosofia que não impõe crenças e seus componentes possuem bagagem cultural e religiosa diversificada.

Para Edgley Bastos, mestre da Loja Rosacruz em João Pessoa, a Ordem foi fundamental para sua melhor compreensão da fé, mesmo sem o vínculo religioso da fraternidade. "Através da Ordem compreendi muito melhor a religião e até me tomei mais convicto da minha fé cristã. A Ordem nos propicia o conhecimento necessário para uma vida em mais equilíbrio. Foi a maior mudança que tive em minha vida, ocorrida há mais de três décadas. Através da Ordem também aprendi a ter um olhar mais ponderado sobre os fatos, autocrítica, mais equilibrado, claro que as experiências variam de pessoa a pessoa, mas no geral a Ordem nos dá o suporte para vivermos bem, em harmonia, aqui e agora", comentou ele.

Desde criança, Edgley conta que teve curiosidade sobre a vida e o Universo, e até mesmo sobre questões religiosas que não podiam – ou deveriam – ser questionadas. "Nunca me conformei com a ideia da fé cega. Então, quando tinha 18 anos, estava aguardando para ser admitido na Maçonaria. Dos três filhos, o único que se interessava por esses assuntos era eu. Morava no interior e um amigo me falou da Ordem Rosacruz, mas olhei com certa resistência, porque não conhecia. Mesmo assim, sob os argumentos do meu amigo, entramos e começamos a estudar as minografias, formato em que as lições semanais nos são passadas. O que mais me chamou a atenção na Ordem foi de que ela não impunha a ninguém suas verdades, ela apenas mostrava os caminhos. Me identifiquei com o fato de que um Rosacruz é uma interrogação ambulante", finalizou ele.

Relação com a Maçonaria

Assim como Edgley, que esperava na Maçonaria e encontrou o que buscava na Rosacruz, as similaridades das fraternidades confundem ou até mesmo passam a impressão de disputa entre ambas. A grande conselheira Regional Ana Glória Marinho observa a relação entre as duas Lojas.

"A relação com a Maçonaria é tão somente amistosa, embora similar quanto a utilização de alguns símbolos (triângulos, pontos etc.) e a nomenclatura realizada, a exemplo de Lojas, para identificar os locais de suas reuniões, iniciações, como os eventos próprios em que são recebidos novos membros ou se elevam de graus, entre elas não existe correlação do objeto de estudo, ensinamentos, nem mesmo metodologia, embora seja comum membros participarem de ambas", argumentou ela.

Segundo ela, outras características que separam bem a Maçonaria e a Rosacruz é que a primeira remonta à construção do Templo de Salomão, na antiga Jerusalém, e só aceita homens como integrantes; enquanto a Ordem Rosacruz deriva do Antigo Egito e não tem distinção de gênero.

Parlamento derrubou planos de Dom Pedro I

Em guerra com os jornais que o criticavam, o imperador tentou censurar a imprensa e pediu a aprovação de um projeto de lei restritivo que havia sido apresentado em 1827, mas foi derrotado pelos parlamentares da oposição

Ricardo Westin
Agência Senado

Dom Pedro I vivia em guerra com os jornais que criticavam o seu governo. Das 12 ocasiões em que discursou no Parlamento, em duas o imperador cobrou dos senadores e deputados uma lei que reduzisse a liberdade de imprensa e lhe permitisse punir e calar as “folhas” oposicionistas.

“O abuso da liberdade de imprensa, que infelizmente se tem propagado com notório escândalo por todo o Império, reclama a mais séria atenção da Assembleia. É urgente reprimir um mal que não pode deixar em breve de trazer após de si resultados fatais”, afirmou Dom Pedro I em 1829.

O imperador pedia a aprovação de um projeto de lei restritivo que havia sido apresentado em 1827, mas vinha sendo levado em banho-maria pelo Parlamento. Diante da cobrança imperial, os parlamentares se viram obrigados a desengavetar essa proposta de Lei de Imprensa.

Documentos históricos hoje guardados no Arquivo do Senado, em Brasília, mostram que o projeto rachou os senadores. Para os governistas, a liberdade desfrutada pelos jornais estava mais para libertinagem e punha em risco a existência do Império recém-fundado (independente em 1822) e ainda não consolidado. Para os senadores oposicionistas, ao contrário, a imprensa livre era um dos requisitos para a sobrevivência da nação.

No fim, a oposição conseguiu barrar o ímpeto autoritário de D. Pedro I. A Lei de Imprensa de 1830 - a primeira do tipo aprovada pelo Parlamento brasileiro - concedeu aos jornais muito mais autonomia do que desejava o monarca.

No Senado, a base governista tentou até o fim evitar a derrota do imperador.

“É lícito a cada um mostrar a sua opinião, mas é do nosso dever sustentar este governo e prevenir revoluções. Portanto, devemos castigar a quem atacar”, argumentou o senador Carneiro de Campos (BA).

“O governo da Inglaterra é forte e justo”, discursou o senador Visconde de Cayru (BA), referindo-se ao grande modelo de Monarquia da época. “Quando há abuso da imprensa, o

escritor é punido com pesada multa. Conforme a gravidade do caso, até é desterrado para a Nova Holanda [Austrália], sendo o transporte marítimo a ferros no porão do navio”.

Para Cayru e Carneiro de Campos, jornais tendenciosos envenenavam a opinião pública e até poderiam persuadir os cidadãos a pegar em armas contra o governo, levando à dissolução do Império. Os autores de “folhas incendiárias”, portanto, deveriam ser levados ao banco dos réus e exemplarmente castigados.

Os senadores oposicionistas, por sua vez, argumentavam que os jornais não tinham tal poder e tão somente refletiam - e não criavam - a opinião pública. De acordo com esses

As tendências despóticas de Dom Pedro I já eram explícitas. A sua medida mais rumorosa foi o fechamento arbitrário da Assembleia Constituinte em 1823. O imperador ficou irritado com os termos da Constituição em elaboração, que lhe dava menos poderes do que ele desejava. No ano seguinte, impôs uma Constituição ao seu gosto.

Mesmo com a Constituição de 1824 em pleno vigor, Dom Pedro I adiou a convocação do Senado e da Câmara o máximo que pôde. As duas Casas do Parlamento só começariam a funcionar em 1826. Nesse interregno de dois anos, ele pôde comandar o país livremente, sem precisar dividir o governo com o Poder Legislativo.

Imagem: Biblioteca do Senado

Vigilante, e empenhado em manter a boa ordem, é do meu mais rigoroso dever lembrar-vos a necessidade de reprimir por meios legais o abuso, que continua a fazer-se da liberdade da imprensa em todo o Imperio. Semelhante abuso ameaça grandes males; á assembléa cumpre vital-os.

Trecho do discurso pronunciado por Dom Pedro I no Parlamento em 1830: desejo de amordçar a imprensa

parlamentares, a imprensa deveria ser o mais livre possível para que o monarca pudesse conhecer os verdadeiros anseios dos súditos e, assim, melhor governar o Brasil.

“A liberdade de imprensa é o esteio e o paládio do governo monárquico constitucional representativo. Sem ela, o governo não pode progredir”, afirmou o senador Marquês de Caravelas (BA).

“A liberdade de imprensa é o veículo da felicidade de toda a sociedade, porque daqui é que vêm as luzes a todo o Império”, acrescentou o senador Marquês de Queluz (PB). “Havemos no chutes na esposa, a manchete finaliza destacando a ‘versão’ do DJ sobre o ocorrido”.

Para a especialista, essa não foi a primeira matéria, nem será a última, que traz algum tipo de justificativa para episódios de violência contra a mulher.

“Segue me causando consternação que jornalistas e editores achem plausível trazer ‘os dois lados’ nessa lógica absurda. Falo em dois lados porque busco aqui entender essa escolha editorial. Jornais que estão o tempo todo tentando dizer que são imparciais, acabam por usar essa explicação para trazer a fala de todas as partes envolvidas”, destaca Viscardi. E continua: “No entanto, não é de qualquer jeito que se faz isso. Há que se saber como concatenar as ideias. Não é possível que, diante de tanta violência, coloque-se lado a lado a violência cometida e a vitimização do agressor, que não teria ‘nenhuma’ justificativa para fazer o que fez”, arremata. Na ilusão dos jornalistas de ouvir os dois lados de um fato, DJ Ivis teve espaço maior do que merecia.

Alguns especialistas defendem que os

No vácuo parlamentar, Dom Pedro I assinou com Portugal o tratado de reconhecimento da Independência, que previa uma pesada indenização a ser paga pelos brasileiros. Ele também entrou na malfadada Guerra da Cisplatina, ao fim da qual o atual Uruguai conseguiu se libertar do Brasil.

Ambos os episódios abalaram profundamente as finanças públicas, o custo de vida, o orgulho nacional e a confiança da população no soberano.

Mesmo quando o Parlamento se formou, o imperador relutou a repartir o poder. Ao escolher os ministros, por exemplo, ele recorria a pessoas do seu círculo de relações, e não a deputados da maioria parlamentar. As elites reagiram escrevendo na imprensa e votando na Câmara contra o monarca.

No início, o Senado não foi palco dessa reação pelo fato de ser naturalmente governista. Enquanto os deputados eram eleitos no voto, os senadores vitalícios eram escolhidos pelo próprio Dom Pedro I a partir de uma lista triplíce. Ele, claro, só selecionava gente de sua confiança.

Sem assinar os textos, deputados recorriram aos jornais para disseminar as críticas ao monarca que não ousavam pronunciar da tribuna da Câmara. As leis da época permitiam o anonimato na imprensa.

Como a Constituição estabelecia que a pessoa do imperador era “inviolável e sagrada”, ataques por texto se davam de forma camuflada. O expediente mais comum era chamá-lo de “tirano”, “déspota” e “absolutista” sem citar o seu nome. Por vezes, a referência direta era a reis de outras nações e outros tempos, como o francês Luís XIV. O contexto, porém, deixava claro que o alvo era Dom Pedro I. Os jornais mais atrevidos recorriram à palavra “Poder” - anagrama de “Pedro”.

A imprensa oposicionista também alertava para o risco de o monarca tentar reunificar o Brasil a Portugal e rebaixar o novo Império à velha condição subalterna de Colônia. A hipótese não era de todo fantasiosa. Diante da morte de Dom João VI em Lisboa em 1826, Dom Pedro I havia despachado sua filha mais velha, Dona Maria da Glória, para assumir o trono português, o que deixava os interesses das duas Coroas perigosamente embaralhados.

Nas discussões da Lei de Imprensa de 1830, os senadores governistas sugeriram a punição de quem escrevesse contra o monarca inclusive ataques dissimulados. O Visconde de Cayru discursou:

“Seria nula e irritória a lei se unicamente punisse os ataques diretos. Só loucos rematados ou pessoas com tédio à vida poderiam publicar impressos em que diretamente afirmassem que se pode desobedecer ao chefe da nação. A esse respeito, os arteiros e temerários só inculcam malignas ironias, alegorias, epigramas, parábolas e romances, que são ainda de maior perigo, espalhando-se pelo vulgo. Muitas vezes, tais ataques indiretos são tão pungentes e evidentes que parecem apontar com o dedo os objetos contra os quais os mal-intencionados dirigem os seus tiros, ainda que os não nomeiem”.

Deputado paraibano “peitou” o imperador que se utilizava de fake news

Um dos argumentos mais recorrentes dos aliados de Dom Pedro I no Senado foi a Revolução Francesa, de 1789, marcada tanto pela convulsão social quanto pelo guilhotinamento do rei e pela derrubada do absolutismo monárquico. Apoiados nesse episódio, os senadores governistas sugeriram que a Lei de Imprensa punisse não só a palavra escrita, mas também a falada. Cayru continuou:

“O abuso nas palavras é a maior arma dos traidores. A horrída prova se viu na Revolução da França tanto pela devassidão dos impressos malignos como pela verbal propagação de doutrinas subversivas em clubes, corpos de guarda, sociedades e até pelas inflamatórias pregações dos saltimbancos. Guardemo-nos dos horrores dos que, com gritarias, açulavam [incitavam] a plebe na França a enforcar nas lanternas das ruas, apelidando “aristocratas”, as pessoas mais distintas por seus títulos e serviços à nação. Para que fazermos ilusão, se este mesmo mal está entre nós e sobre nós?”.

Para os senadores da oposição, esse discurso do medo era balela.

“Não tem paridade o exemplo. Será o mesmo entre nós, uma nação pacífica, que uma nação revoltosa que não conhece lei, mas só o impulso do seu delírio em fermentação?”, rebateu o senador Borges (PE). “Digo que, em tal caso [sendo as falas enquadradas na Lei de Imprensa, eu ficarei tremendo e não falarei mais, porque de minhas simples palavras se pode interpretar mal. Eu figuro um exemplo: se eu estiver fazendo um elogio a um ministro e der uma risada sardônica, será delito?”.

A imprensa no Primeiro Reinado era muito diferente da imprensa de hoje. Os jornais se dedicavam menos a noticiar acontecimentos e mais a defender causas. A historiadora Tássia Toffoli Nunes, autora de uma dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo (USP) sobre a liberdade de imprensa naquele tempo, explica:

“Os jornais foram espaços que as elites criaram para expor suas ideias políticas. Certas publicações faziam a defesa do governo; outras, a crítica. Para usar uma expressão da atualidade, o que se dava por meio da imprensa era uma guerra de narrativas. Sendo uma guerra, muito do que se publicava, claro, não era verdade. E não existiam jornais grandes, consolidados, profissionais. Eles normalmente rodavam algumas edições e desapareciam, sendo logo substituídos por novos títulos”.

Dom Pedro I se preocupava com os jornais oposicionistas porque sabia que, mesmo a população sendo majoritariamente iletrada, a imprensa tinha, sim, influência sobre a sociedade. Foi por essa razão que, durante os três séculos do período colonial, Portugal jamais autorizou que se instalassem tipografias ou circulassem jornais no Brasil. A imprensa só foi permitida em 1808, quando Dom João VI transferiu a sede do governo português de Lisboa para o Rio de Janeiro. Jornais e panfletos, de fato, acabaram sendo importantes na disseminação das ideias que levaram à Independência.

Ciente dessa influência, o soberano adotou a estratégia de apoiar jornais governistas que se contrapassem às “folhas incendiárias”. Na Assembleia



Charge francesa trata da briga de Dom Pedro I com o irmão Dom Miguel pelo trono português

Constituinte de 1823, o deputado Carneiro da Cunha (PB) acusou Dom Pedro I de pedir aos presidentes (governadores) das províncias que assinassem e distribuissem nas repartições públicas o jornal O Regulador Brasileiro, escancaradamente pró-imperador.

Numa das edições, o jornal procurou criminalizar o mundo da política afirmando que, para o bem do Brasil, o Parlamento a ser criado pela Constituição não deveria ser autônomo, mas, sim, obediente ao monarca, uma vez que este seria o único capaz de fazer frente aos “abusos” dos legisladores.

Em 1829, o senador Borges disse que, a mando do governo, dois jornais publicavam fake news contra os parlamentares da oposição:

“Toda esta cidade [Rio de Janeiro] sabe como têm sido tratados os membros do Corpo Legislativo. E não vimos essa Gazeta do Brasil, que não teve outra tarefa mais que injuriá-los? E, se ela acabou, não vão aparecendo já certas alegorias nessa outra gazeta intitulada O Analista, que coincide com a primeira, porque admite injúrias muito palpáveis, apesar de se não publicarem os nomes das pessoas a quem são dirigidas?”

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

O “doisladismo” da mídia dá ao DJ Ivis o espaço que ele não merece

Até poucos dias atrás, eu não sabia quem era o DJ Ivis. Bastou uma simples pesquisa na Internet, porém, para descobrir que ele era um produtor musical e compositor em ascensão, conhecido por difundir o ritmo “pisadinha” pelo Brasil. No campo pessoal, porém, ele é apenas mais um agressor de mulheres. Isso mesmo! Está nas redes sociais, nos sites, nos blogs e nas conversas tête-à-tête: DJ Ivis é mais um homem acusado de agredir fisicamente a (agora) ex-mulher – se alguém tiver estômago para conferir (ou rever) as cenas terríveis, há vários vídeos compartilhados por aí.

Na cobertura do fato, no entanto, boa parte da mídia derrapou. Imaginando estar fazendo tudo certo, muitos coleguinhas pecaram pelo preciosismo de “ouvir os dois lados”, conforme ensinam os manuais de redação. Ao tratar de forma objetiva os relatos dos envolvidos na história (vítima X agressor), os jornalistas praticaram o chamado “doisladismo”: buscaram o equilíbrio e a imparcialidade, mesmo abordando fontes com pesos diversos.

Foi o caso do portal UOL, que trouxe em manchete: “DJ Ivis dá socos e chutes na mulher em vídeo; músico fala em chantagem”. A linguista Jana Viscardi comentou

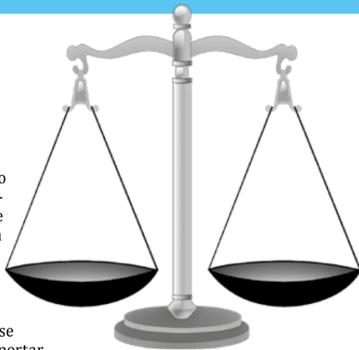
sobre o tema no Instagram, ao fazer um alerta sobre a importância da linguagem ao se comunicar fatos. “Observe que, embora esteja se apontando que ele deu socos e chutes na esposa, a manchete finaliza destacando a ‘versão’ do DJ sobre o ocorrido”. Para a especialista, essa não foi a primeira matéria, nem será a última, que traz algum tipo de justificativa para episódios de violência contra a mulher.

“Segue me causando consternação que jornalistas e editores achem plausível trazer ‘os dois lados’ nessa lógica absurda. Falo em dois lados porque busco aqui entender essa escolha editorial. Jornais que estão o tempo todo tentando dizer que são imparciais, acabam por usar essa explicação para trazer a fala de todas as partes envolvidas”, destaca Viscardi. E continua: “No entanto, não é de qualquer jeito que se faz isso. Há que se saber como concatenar as ideias. Não é possível que, diante de tanta violência, coloque-se lado a lado a violência cometida e a vitimização do agressor, que não teria ‘nenhuma’ justificativa para fazer o que fez”, arremata. Na ilusão dos jornalistas de ouvir os dois lados de um fato, DJ Ivis teve espaço maior do que merecia.

Alguns especialistas defendem que os

jornalistas precisam tomar partido e vestir a causa da parcialidade ativa vista perante questões complexas e inaceitáveis, como violência contra mulher, antissemitismo, racismo etc. Na Alemanha, por exemplo, um estudo mostrou que 21 jornalistas indicaram que sua concepção de papel, normalmente passiva, se tornou mais intervencionista ao reportar sobre antissemitismo. Tal papel mais ativo, de acordo com Philip Baugt, foi desempenhado por meio de uma alta frequência de reportagens sobre “incidentes antissemitas, pesquisa intensiva sobre os antecedentes motivacionais da violência antissemita e altos níveis de reflexão sobre suas escolhas de palavras e os efeitos potenciais da cobertura da mídia sobre a opinião pública, a comunidade judaica e potenciais imitadores da violência”.

Já a jornalista Geneva Overholse é radical e propõe a morte do “doisladismo” no artigo “Death to bothsidesism”. Ela defende que é necessário acabar com tal prática, pois a imparcialidade da mídia colabora para que “as pessoas pensem que não há nada sólido que possam acreditar”. Para Overholse, as distorções em nome do equilíbrio são



grandes e têm causado muitos prejuízos. O fato é que nem sempre a objetividade serve ao jornalismo. Às vezes, nossa teimosia em dar o mesmo espaço aos dois lados só colabora para a manutenção do establishment (com o patriarcado aí incluído).

Em tempo: às vésperas das eleições de 2018, O Estadão também se valeu do “doisladismo” e publicou o editorial “Uma escolha muito difícil”, tratando dos candidatos à presidência da República que disputavam o segundo turno. De um lado, um professor e ex-ministro da Educação; do outro, um capitão reformado misógino e defensor de tortura. Postulantes com pesos, essências e histórias diferentes, mas que o jornal avaliou como de igual impacto para o país. Deu no que deu.

Tocando em frente

Professor Francelino Soares



francelino-soares@bol.com.br

Os Gêneros Rítmicos – A Guarânia

Quando se fala em Paraguai, certamente, o que primeiro vem à mente de quem gosta de História é a tal de Guerra do Paraguai que descamba para o tema da Tríplice Aliança. Por mais elementar que seja um compêndio escolar, ele sempre trará informações esclarecedoras sobre como o Brasil fez parte, junto com a Argentina e com o Uruguai, de uma aliança, no sentido de destituir do poder paraguaio o ditador Francisco Solano Lopez que, com interesses invasivos naqueles dois países, Argentina e Uruguai, também adentrou o Mato Grosso, sob a alegação dos prejuízos que aquela então província brasileira vinha causando aos interesses agropecuários dos nossos irmãos guaranis, quando, na realidade o que havia na mente do ditador era um interesse expansionista, de vez que, para isso, ele havia dotado o seu país do aparato militar mais poderoso da América do Sul. Foi uma guerra que durou cerca de seis anos (1864-1870) e causou a morte de cerca de trezentos mil paraguaios.

A catástrofe militar não impediu, no entanto, que, mesmo perdendo cerca de 140 mil quilômetros para Argentina e Brasil, o Paraguai, tempos depois, nos servisse de inspiração musical para, a partir dos sons lamuriosos, dolentes e apaixonados da guarânia, nos servisse de inspiração para a absorção do que hoje se alastrou no nosso mundo musical, com a vestimenta de música de raiz, música sertaneja, moda de viola, moda caipira, moda “campera”, toada, rasqueado e já com penetração no hoje

chamado “sertanejo universitário”.

O ritmo paraguaio da guarânia, que hoje busca o reconhecimento como Patrimônio Imortal da Humanidade, advém da antiga polca paraguaia, conhecida como porahéi que, inspirada em elementos da cultura guarani, valoriza a vida campestre, vestindo-a de um tom apaixonado, traduzido na doçência de sua melodia lenta e chorosa, com tons melancólicos, e na temática do amor saudosista não concretizado e com alguma incursão pela temática de questões sociais.

A sua criação é atribuída a José Asunción Flores, compositor que nos legou a sua inesquecível ‘Índia’, em 1926, com letra original de Manuel Ortiz Guerrero, e uma versão nacional de outro pioneiro da música sertaneja, José Fortuna. No país vizinho, a música foi oficializada, em 1944, como uma espécie de “canção nacional”, sendo cognominada de símbolo cultural do Paraguai, e está incorporada ao folclore guarani.

No Brasil, o ritmo penetrou pelas fronteiras Paraguai/Mato Grosso pelas mãos e pela viola de Raul Torres (1906-1970) que, junto com Ariovaldo Pires, Mário Zan e Nhô Pai (João Alves dos Santos), popularizaram-no, fazendo substituírem-se a harpa e a guitarra paraguaia, respectivamente, pelo nosso violão, “em casamento” com a viola sertaneja. É evidente que Raul Torres foi um constante peregrino em terras paraguaias, onde esteve em 1930, 1939/1940, em busca de “inspiração”. Deste, conhecemos, além de dezenas de composi-

ções/gravações, o seu grande hit: ‘Colcha de Retalhos’, gravação de 1959, com Cascatinha & Inhana.

Mas, foi a dupla Cascatinha & Inhana, batizada de “Os Sábios do Sertão”, que alavancou o gosto nacional pela guarânia, a partir de 1955, quando a sua versão para ‘Índia’ (Todamérica – TA-6, 78 rpm) vendeu cerca de trezentas mil cópias, um número inimaginável para a época.

São inúmeras as duplas que incorporaram aos seus repertórios o estilo guarânia que, como já falado, assumiu um tom de música sertaneja. Então, vejamos apenas alguns: Raul Torres e Zé Rico, Tonico & Tinoco, Irmãos Galvão, Duo Ciriema, Duo Irmãs Celeste, Alvarenga & Ranchinho, Zé Carreiro & Zé Carreirinho, Tião Carreiro & Pardinho, Palmeira & Biá, Chitãozinho & Xororó, Leandro & Leonardo, Christian & Ralf, Pena Branca & Xavantinho, Teodoro & Sampaio, Vieira & Vieirainha, Serinha & Zé do Rancho, Zilo & Zalo, Rick & Renner... Merecem as “honras da casa” artistas que se consagraram no gênero: Mário Zan, Bob Nelson, Luiz Vieira, Carmen Silva, Sérgio Reis, Rolando Boldrin, Almir Sater, Renato Teixeira, Inezita Barroso, Alcides Gerardi, Orlando Dias... Até, entre os “modernos”, vamos encontrar adeistas à guarânia: Agnaldo Timóteo, Ângela Maria, Nara Leão, Caetano, Bethânia, Gal, sem esquecer a “brasiguiana” Perla, e até Roberto Carlos que, em 2006, chegou a gravar a guarânia

‘Índia’, como tema da personagem Serena, na novela ‘Alma Gêmea’.

Em se falando de repertório, poder-se-iam elencar algumas das mais famosas guarânias de que temos conhecimento, como sugestão de um *play-list* para o gênero: ‘Chalanga’ (Mário Zan), ‘Índia’, ‘Asunción’, ‘Recordações de Ipacará’, ‘Meu Primeiro Amor’, ‘Noites do Paraguai’, ‘Flor do Cafezal’, ‘Quero beijar-te as mãos’, ‘Colcha de Retalhos’, ‘Anahy’ (estas duas com Cascatinha & Inhana), ‘Guarânia da Lua Nova’ (Luiz Vieira), ‘O Menino da Porteira’, ‘Cabecinha no Ombro’, ‘Boneca Cobiçada’, ‘A Majestade o Sabiá’, ‘Fio de Cabelo’, ‘Beijinho Doce’... (estas últimas, com os mais variados intérpretes).

A importância deste gênero musical pode ser avaliada pelo aproveitamento da temática em dissertações e teses de mestrado e doutorado pelo Brasil afora.



COM O CHEF **WALTER ULYSSES**

Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de tevê e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

@walterulysses
chefwalterulysses@hotmail.es

Linha direta com o cliente!

Notei que algumas empresas que voltaram para o novo normal estão perdidas ainda e perdendo sua linha com seus clientes. Achando que podem estar em todas as plataformas de aplicativos gastronômicos, além de ter um programa robô que faça o pedido e ainda ter um WhatsApp para atender aos pedidos.

E não é bem assim que a coisa anda. Ou você resolve o problema do pedido do cliente ou vai complicar os pedidos no meio de campo. Essa semana recebi uma mensagem de uma pessoa falando de um episódio que aconteceu com um estabelecimento bem famoso que se denomina de comida "rápida e prática". Na sua rede social do Instagram, que tinha o contato direto de um WhatsApp para fazer o pedido, essa pessoa clicou e mandou a mensagem, escrevendo por várias vezes e nada de receber a resposta.

Essa mesma pessoa desistiu de esperar a resposta e foi em outra empresa e fez o pedido direto de um aplicativo de comida. Depois de quase 25 minutos foi que a

empresa, que não respondeu ao WhatsApp, que mandou uma mensagem.

Agora você veja qual o tipo de treinamento que as empresas estão dando aos funcionários para efetuar os pedidos e atender a demanda dentro do estabelecimento, sem imaginar o tempo que esse alinhamento chegaria até o cliente!

E sabe qual foi a resposta do funcionário? Estava tirando um pedido de um outro cliente por isso que demorei a responder.

Aí eu pergunto: em época de dificuldade, de momento tão difícil, de fecha-abre nessa pandemia onde muitas empresas fecharam as portas e muitas outras nem abriram ainda, será que vale a pena fazer um cliente esperar do outro lado 25 minutos para atender com uma resposta esfarrapada? Os tempos hoje estão mudando, já é uma nova era onde todos vão passar por dificuldades, tanto o grande quanto o pequeno, isso se não tivermos um momento de uma nova piora no vírus e tenha que parar tudo novamente.

Como eu falo sempre, e há algumas semanas não podemos retornar errando, perdendo clientes que são novos, tentando fazer com uma pior qualidade, ou colocando a culpa no boy que fez o delivery.

Não é tempo de errar nem tentar algo diferente no que você já tem. Nesta nova era, nós não teremos que matar um leão por dia, e sim uma alcateia inteira.

A coisa não é para amadores e iniciantes, não espere que seu barco afunde com essas pequenas falhas que fazem muita diferença, a propaganda boca a boca é antiga mais ainda existe e está hoje mais em moda do que nunca.

Procure ajuda de profissionais em consultoria em gastronomia, marketing digital, marketing, assessores de imprensa... seja humilde e não deixe suas portas fecharem. Seu investimento hoje será o sucesso se permanecer no meio deste novo momento que não sabemos quando vai acabar, não espere o fracasso bater à sua porta e ser engolido por apenas um leão.



Fotos: Walter Ulysses

PRATO DO DIA

Sandubão Ulysses

Ingredientes

- 1 pão tipo italiano
- 4 fatias de queijo de manteiga
- 2 fatias de mortadela
- 1 ovo de galinha de capoeira
- 1 colher de nata
- Sal e pimenta do reino a gosto
- Manteiga da terra

Modo de preparo:

- Corte o pão ao meio e passe a nata dando um leve toque de sal e pimenta do reino.
- Em seguida frite o ovo sem quebrar a gema, em fogo baixo pegue a manteiga que colocou para fritar e vá regando sobre a gema deixando em ponto mole ou ao seu gosto, coloque por cima do ovo as fatias de queijo e dê uma leve abafada com uma tampa para derreter o queijo, desligue o fogo e monte.
- Coloque as fatias da mortadela no pão partido e o ovo com o queijo, e ficará igual a fotografia!



QUENTINHAS

Esta semana mandei algumas mensagens para pizzarias no Instagram e ao mesmo tempo telefonei para algumas delas. A minha maior surpresa é que nem uma que liguei atendeu o telefone lá informado, e as que mandei mensagens no Instagram só responderam dois dias depois. Isso é muito grave. Vocês abram os olhos!

No Bairro dos Ipês agora tem um local a la boteco da terrinha já conhecido no Bairro dos Estados: é o Espetinho do Nego, que é coisa de louco, mas louco que gosta de comida boa. Tem um escondidinho de carne de sol, um rubacão delicioso, além de várias variedades de espetinho de você começar a comer com os olhos, e o pão de alho com carne de sol dentro! Não vou nem falar mais, confira o Instagram @espetinhodonego. O contato: (83) 98191-0690.

Foto: Instagram

PITADAS A GOSTO



Galinha caipira, galinha de capoeira ou caneludo são, na culinária brasileira, o termo usado para se referir ao galináceo doméstico criado solto em quintais, fazendas e sítios, em contraste com o de criação industrial ou de granja. Tal iguaria aparece como receita tradicional da culinária nordestina como também mineira e da maioria dos outros estados brasileiros.

Relata-se que os vaqueiros e tropeiros comiam apenas carne de sol e farinha durante suas viagens e, ao retornar para casa, ansiavam por algo diferente.

Assim, as famílias preparavam o frango caipira ou galinha a cabidela acompanhado de pirão, arroz branco e feijão tropeiro. Outros autores afirmam que a galinha caipira com quiabo e angu, herança indígena, era usada para alimentar escravos.

Sexo e sexualidade

Diferentes, mas caminhando juntos

Alexsandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Tão antigo quanto a humanidade e inerente à própria condição do homem e da mulher. Assim é a sexualidade nas vozes de sexólogos, ginecologistas e psicólogos, referindo-se ao ato em si, e não ao termo usado pela sociedade para designar o gênero: masculino e feminino – baseado nas distinções anatômicas e biológicas de cada ser. É justamente sobre a prática do sexo, que integra a amplitude da sexualidade que se pode pensar partindo dos diversos papéis que ele assumiu ao longo dos tempos, discutindo os tabus e outros aspectos que permeia o tema.

Antes, porém, é preciso entender qual a diferença entre sexo e sexualidade, algo que está interligado, mas que tem significado distinto. Segundo a psicóloga clínica cognitivo-comportamental Laís Loureiro, apesar de muitas pessoas entenderem que são palavras sinônimas, definir o termo não é tão simples quanto parece. “De uma forma mais objetiva, podemos entender que sexo se refere à anatomia do corpo humano, ou seja, está relacionado à definição dos órgãos genitais, masculino ou feminino, ou também pode ser compreendido como uma relação sexual”.

Já a sexualidade, continua Laís, “está ligada a tudo aquilo que as pessoas são capazes de sentir e expressar, faz parte da personalidade, envolve sentimentos, comportamentos e identidades associadas ao sexo”.

A ginecologista e sexóloga Wanicleide Leite complementa esse raciocínio e afirma que o sexo “é o ato, o encontro carnal, com o objetivo de procriar ou de sentir prazer. A sexualidade é uma energia de vida, que determina a forma de viver, interfere no comportamento, cultura, sociedade e religião”.

Já o psicólogo clínico e psicoterapeuta sexual Deusdedit de Lima declarou que muitas vezes as duas palavras são usadas de forma distorcida. A sexualidade, segundo ele, abrange vários aspectos da vida do indivíduo como pensamentos, desejo, afeto, erotismo, prazer, carinhos, fantasias, intimidade, desejo, crenças e comportamento que vão sendo aprendidos desde a infância.

“Esse tema gera curiosidade, mas ainda é tabu, porque muitas pessoas não gostam de falar. Os pais, por sua vez, não sabem como falar, e os filhos aprendem mais fora do ambiente familiar. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais, históricos, religiosos, éticos e morais”, salientou Lima.

Podemos entender que a sexualidade envolve tudo o que é emocional e que funciona como uma espécie de “combustível”, antecedendo o encontro carnal, que é o sexo. É ela que contribui para as escolhas de relação afetiva e objetos de desejo. Partindo desse entendimento, sexo e sexualidade são coisas diferentes, mas andam juntas.

É importante frisar que, ao longo da história, o sexo tomou conotações políticas, sociais, econômicas e religiosas. Assumiu outras finalidades, que vão além da procriação e da obtenção do prazer. Segundo o psicólogo e psicoterapeuta Deusdedit de Lima, na Grécia Antiga – até o século V (de 4000 a.C. a 476) – a mulher era educada para a submissão, para ser mãe, e o homem era considerado um ser superior, com direito a educação formal, e com poder de comandar a família. Assim, o casamento tinha fins econômicos e, sobretudo para a mulher, o propósito era a procriação.

“Virgindade não era um assunto questionado. Para os gregos, a mulher pertencia sempre a um homem. Era sujeita inicialmente à autoridade paterna ou de um parente próximo, até ser submetida à autoridade de um esposo por meio de um casamento arranjado; não tinha direito à educação formal”, frisou Lima.

“Podemos dizer que, o sexo é tão antigo quanto a própria humanidade. Sem sexo não teríamos história, aliás nós nem existiríamos”

Laís Loureiro



Uma sociedade machista, preconceituosa e discriminadora

Nessa época, o filósofo Aristóteles percebeu uma sociedade machista, preconceituosa e discriminadora com as mulheres, mostrando que seu único espaço era o cativo doméstico, tendo de ser obediente a qualquer situação que lhe era imposta. “Na Grécia Antiga, havia uma completa dissociação entre o sexo-reprodução e o sexo-prazer. Esse ocorria por volta dos trinta anos para os homens e dos vinte, para as mulheres. Eram casamentos arranjados e, na maior parte das vezes, os noivos se conheciam no dia das núpcias”, afirmou Lima.

Ao voltarmos o foco para a Roma antiga (até o século V a.C.), a situação era diferente. O patriarca romano foi uma das figuras mais poderosas já conhecidas na história. Ele decidia com quem os filhos deveriam casar-se e poderia matar ou vender membros da família como escravo. Mas o sexo, embora ainda estivesse ligado a função reprodutora, era visto como coisa natural, e aprovada pelos “deuses”. Por exemplo, eram três os deuses que supervisionavam a noite de núpcias: Virgínienses, Subigus e Prema. “O grande deus da fertilidade, Príapo, também era muito estimado. Eram comuns bolos e pães com formas de genitália na Roma”, citou o psicólogo.

De acordo com ele, os jovens romanos tinham melhor oportunidade do que os gregos para encontrar, no casamento, uma união de amor e prazer. A tradição sustentava que todas as pessoas deveriam casar-se e havia uma tributação de impostos para os solteiros.

Já a Idade Média – do século V ao XV (de 476 a 1453) –, Deusdedit de Lima explicou que foi um tempo caracterizado pela existência do vazio de conhecimento, cheio de ignorância. A imagem da mulher era atribuída à figura de pecadora; e a do homem associada ao papel de seguidor

dos ideais da Igreja. “O casamento era visto como uma bênção de Deus. Na época, o Cristianismo criou um tabu em volta da menstruação, um fator biológico que para a Igreja gera a impureza da mulher. O casal que mantivesse relação sexual durante o fluxo menstrual era punido com a morte”, destacou Lima.

Ainda nesse período, Deusdedit declarou que, conforme o “doutor da Igreja Católica, Santo Agostinho, a sexualidade é uma qualidade má, fruto do pecado do homem, visto que a finalidade do casamento é a procriação, e todo ato sexual é pecaminoso fora desse propósito”.

Arma de dominação

A prática sexual tornou-se também uma espécie de “arma” de dominação, como exemplifica o escritor Cláudio Blanc, em uma ‘Uma Breve História do Sexo’. Da Pré-História até o início da Antiguidade, o ato era realizado como manifestação de culto religioso, e os templos eram mantidos por “sacerdotisas-prostitutas”.

Na Era Vitoriana (Rainha Vitória – Inglaterra, século XIX), Blanc cita que a prática sexual era encarada como um instrumento de dominação, daí vem a explicação pela qual instituições religiosas e governamentais tentaram cercar o comportamento sexual da população, a partir da imposição de regras e construção de tabus.

Já a liberação sexual da década de 1960 é um exemplo de que o sexo adquiriu conotações políticas, tornando-se um forte elemento de afirmação

de identidade social. Dentro deste contexto histórico, a psicóloga Laís Loureiro afirmou que o sexo sofre alterações e influências das necessidades humanas, sociais, culturais e psicológicas. “A forma como as civilizações entendiam e lidavam com comportamentos, valores e normas ligados ao sexo nunca foram iguais e, tampouco, constantes, evoluiu com o tempo. Podemos dizer que, o sexo é tão antigo quanto a própria humanidade. Sem sexo não teríamos história, aliás nós nem existiríamos”.

A psicóloga acrescentou que, desde os tempos remotos, já era notório que cada religião e cultura determinavam a forma como o sexo iria ser praticado, e o sentido dele na vida das pessoas. Com o passar do tempo, e consequentemente a evolução da sociedade, as atribuições do sexo foram sendo “reconfiguradas”. E apesar de ainda hoje sofrer influências de áreas como a religião e a cultura, as pessoas criaram novas formas de comportar-se sexualmente. “Podemos dizer que o sexo antes era praticamente visto como obtenção de prazer ou obrigação moral, um dever. Hoje, ele recebe diversas atribuições, expressando a liberdade de expressão e sentimento das pessoas”, declarou Laís.

“Os pais não sabem como falar e os filhos aprendem mais fora do ambiente familiar. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, culturais, históricos, religiosos, éticos e morais”

Deusdedit de Lima



Uma necessidade de bem-estar e tranquilidade

Alexandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Independentemente da finalidade, das influências externas, da psiquê que envolve os atores dessa prática, a psicóloga cognitivo-comportamental Aracelly Marques salienta que o sexo é uma necessidade básica do ser humano, tal como alimentação, excreção e sono. "O organismo adulto necessita de sexo para a homeostase, ou seja, equilibrar hormônios necessários para a sensação de bem-estar e tranquilidade. Cada indivíduo tem níveis de necessidades diferentes", ressaltou Aracelly.

O psicólogo clínico e psicoterapeuta Deusdedit de Lima também ressalta a importância do sexo na vida do homem e da mulher. Segundo ele, a função sexual é regulada por estímulos externos e as motivações internas. Na hora do prazer, os hormônios dopamina, endorfina, serotonina e ocitocina são responsáveis por uma série de sensações, como satisfação, bem-estar e relaxamento. "A ocitocina ficou conhecida também como o hormônio que promove sentimentos de amor e união social. A ausência do prazer sexual poderá desencadear problemas como ansiedade, mau humor, insatisfação, frustração, insônia e outros problemas", salientou Lima.

Paradigmas

Mesmo sendo algo natural, o tema e a forma como se vê o sexo está envolto em tabus. A psicóloga cognitivo-comportamental Aracelly Marques acredita que essa realidade tem interferência da Igreja, com suas regras e dogmas. Não é raro observar que, para alguns grupos sociais, o assunto pode trazer constrangimento, um sentido proibitivo e até um certo incômodo. Um exemplo disso é que em rodas de amigos ou conversas públicas, as genitálias do homem e da mulher comumente recebem "apelidos".

"Sou adepta aos nomes originais. Apelidos são formas de disfarçar e tratar as partes íntimas como 'coisas ou nomes feios'", declarou Aracelly. De acordo com ela, a sociedade vive um movimento social de naturalização do sexo, deixando de lado o teor proibitivo, feio ou pecaminoso. Para Aracelly, esse é o caminho para a educação, sobretudo dos jovens. "Apesar de o sexo ser algo natural, ele é íntimo. Precisamos falar sobre o tema para entendermos bem, sem transformar em algo explícito ou vulgar, respeitando o público que irá ter acesso", enfocou.

“O organismo adulto necessita de sexo para a homeostase, ou seja, equilibrar hormônios necessários para a sensação de bem-estar e tranquilidade. Cada indivíduo tem níveis de necessidades diferentes”

Aracelly Marques



A psicóloga clínica cognitivo-comportamental Laís Loureiro, que atua com enfoque em 'Terapia da Aceitação e Compromisso', frisou que atualmente, mesmo sendo vivido de formas mais liberais, o sexo não deixou de ser algo íntimo, pois está associado à criação e personalidade de cada um. Os ideais antigos ainda influenciam de certo modo para que esse tabu permaneça. Quando o tema é tratado em público, Laís conta que "as pessoas se chocam porque aprenderam que é um assunto individual, particular. Associam isso à falta de respeito onde atinge a moral".

Ela acrescentou que, mesmo no século XXI, momento pelo qual o indivíduo enfrenta as questões sociais de frente, permitindo-se viver a sexualidade da forma que lhe convém, ainda há limites e preconceitos sobre o assunto. "As pessoas estão cada vez mais quebrando paradigmas e tabus, buscando algo que as faça se sentir pertencentes e aceitas. O que servia antigamente já não serve mais, por isso a evolução até para os nomes dos órgãos sexuais. Uma tentativa de dar mais significado a sua própria realidade", salientou Loureiro.



“Sexo é o ato, o encontro carnal, com o objetivo de procriar ou de sentir prazer. A sexualidade é uma energia de vida, que determina a forma de viver, interfere no comportamento, cultura, sociedade e religião”

Wanicleide Leite



Erotismo versus saúde física e mental

Os recursos eróticos para a incitação do prazer momentâneo, aquele em que não há necessidade do envolvimento sentimental, são inúmeros. Vão desde vídeos e "brinquedos" eróticos oferecidos em lojas físicas e virtuais, revistas pornográficas e conteúdos lançados abertamente na Internet. E o que não falta é público para consumir esses atrativos. Uma prova disso é o faturamento do setor que chegou a R\$ 1,7 bilhão em 2019, segundo a Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual (Abeme).

Mas a discussão sobre como esse mercado interfere nas relações sexuais do indivíduo, sobretudo naqueles que estão em formação, como os adolescentes, é grande. A polêmica existe porque, segundo especialistas, esse conteúdo estabelece parâmetros equivocados do corpo masculino e feminino, as imagens reproduzem estereótipos e criam expectativas até inalcançáveis na vida real.

A psicóloga cognitivo-comportamental Aracelly Marques afirmou que o material pornô distorce panoramas sexuais saudáveis. Porém, o acesso é fácil e comum. "Muitas vezes são a única fonte que adolescentes encontram para conhecer esse universo, mas então o conhece de forma anormal e pejorativa",

lamentou, acrescentando que essa é uma indústria comercial que não favorece a educação sexual.

O psicólogo e psicoterapeuta Deusdedit de Lima explicou que, em uma linguagem simples, a pornografia está relacionada ao "conteúdo sexual, que retrata situações que envolvem o ato sexual, inclusive com conteúdo erótico. E o objetivo é estimular a excitação sexual.

Segundo ele, pode-se imaginar três dimensões das atitudes em relação à pornografia: a pornografia como meio de aprimoramento sexual, como algo para adicionar sabor às vidas sexuais das pessoas ou para ajudar a melhorar o relacionamento do casal; a pornografia como uma questão moral; e, por último, poder falar sobre pornografia com os amigos como um "clima social".

Com relação à pornografia relacionada a fins comerciais e industriais, ele frisou que se deve ter o cuidado com o uso excessivo desse material, para evitar possível prejuízo à saúde física e mental, e desenvolvimento de um vício e seus efeitos. "Ou seja, só sentir estímulo através do material pornográfico. A satisfação sexual é um dos aspectos considerados necessários para a qualidade de vida", destacou.

Fatores externos refletem na satisfação plena

O sexo biológico não define como o indivíduo vai vivenciar sua sexualidade. Segundo a psicóloga Laís Loureiro, a sexualidade faz parte da condição humana, porém, se modifica ao longo dos anos. Pode sofrer influência de aspectos culturais, religiosos, da forma como a pessoa foi educada pela família, entre outros. Mas "o fato de nascermos com um determinado sexo biológico, não é suficiente para determinar a maneira como iremos sentir, expressar e viver nossa sexualidade".

Já a psicóloga Aracelly Marques reforça que, via de regra, todo ser humano tem sexualidade. "Mas como toda regra tem exceção, também existem pessoas cuja sexualidade está

adormecida por algum motivo", completou.

Ela destacou que já se nasce com algum esboço de sexualidade, que não está necessariamente ligado à genitália. É na adolescência que ela se desenvolve no formato de busca pelo prazer em si e no outro. "Nessa fase é onde se amadurece e se busca definir as preferências".

Aliás, a busca pelo prazer pleno, pela realização sexual, é algo almejado por muitos, mas isso não significa dizer que é fácil alcançá-lo. Segundo Aracelly, a satisfação plena inclui intimidade, prazer e também a participação do parceiro. "Infelizmente, devido aos tabus, as pessoas vivem sem tal satisfação, então a sensação é de falta".

Caminhos da sexualidade

Como o sexo influencia o dia a dia das pessoas

Carol Cassoli
Especial para A União

Fundamental. É assim que grande parte da população compreende a atividade sexual na vida do ser humano. Há quem diga que o sexo deixa as pessoas mais felizes, há quem defenda que é por meio dele que as pessoas ficam mais bem dispostas e até mesmo existem aqueles que acreditam que o sexo é capaz de tornar a vida mais saudável. E, de fato, a interação sexual é capaz de tudo isso mesmo. Isso porque, quando os seres humanos praticam sexo, algumas substâncias – como a ocitocina e a endorfina – são liberadas na corrente sanguínea e aumentam a sensação de bem-estar dos indivíduos. É por isso que manter uma vida sexual ativa reflete positivamente na rotina das pessoas.

Segundo a psicoterapeuta e sexóloga, Bruna Coelho, o sexo é fruto do desejo sexual e esse, por sua vez, acontece de maneira diferente para homens e mulheres. “Existem diferenças marcantes entre a manifestação do desejo sexual feminino e masculino”. A sexóloga explica que os papéis sociais desempenhados pelas mulheres, por exemplo, têm impacto direto na libido feminina.

“Para que a gente consiga se manter interessado no sexo é importante se atentar a alguns fatores que dizem respeito à nossa constituição, não somente fisiológica, mas também psicológica e comportamental”. Bruna explica que existem modelos de resposta sexual. Um mais antigo, linear, em que a excitação era seguida da prática sexual e acabava com o orgasmo. E outro circular, que passou a ser adotado como modelo para as respostas femininas.

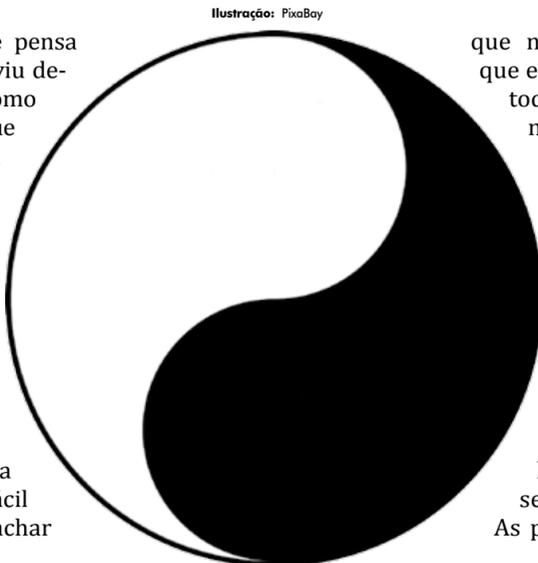
“O primeiro modelo foi repensado, porque existem diferenças expressivas na resposta sexual feminina. O modelo circular foi proposto para explicar que, para as mulheres, é necessário ter motivos que as estimulem a sentir atração por alguém”. Bruna destaca que, nesse último modelo, o desejo é espontâneo e não repentino, como costuma ser nos homens.

De acordo com a sexóloga, se as pessoas conseguirem ponderar que cada indivíduo reage de uma forma aos estímulos do dia a dia, é possível que a atividade sexual perdure por toda a vida. “Por isso que é importante cuidar da nossa sexualidade; ela tem total relação com a nossa qualidade de vida”. Bruna observa que, com o envelhecimento, por exemplo, a baixa hormonal pode ser uma condição desagregadora ao interesse da pessoa por sexo. Nesse caso, é importante procurar um profissional que seja capaz de auxiliar na reestruturação da aptidão sexual.

Para Nancy Costa, por exemplo, sexo é vida. E a terceira idade é, na verdade, a primeira: a época em que é possível curtir a vida sem medo do que os outros dirão. Aos 64 anos, a cabeleireira aposentada é sinô-

nimo de longevidade e pensa nos tempos em que se viu desabrochar para o sexo como uma época boa, mas que já passou. O tempo dela é hoje.

“O sexo para o idoso é se sentir vivo”. Nancy lamenta que a população despreze tanto os idosos e lembra que eles também são gente e têm os mesmos desejos que todas as outras pessoas. A idosa enfatiza que, na juventude, é fácil cair na armadilha de achar



que nunca envelhecerá; mas que este momento chega para todos e que, por mais que não pareça, há muita atividade sexual entre idosos sim. “Cada pessoa tem um gosto diferente, nem todo mundo pensa igual. Ser diferente é normal”, constata.

E mesmo que ainda sofra com o desdém dos mais novos, a cabeleireira não se abala: “Ninguém tem que se sentir menosprezado. As pessoas têm que se sen-

tir poderosas, têm que amar, curtir a vida”. Bem resolvida, Nancy não quer saber de preconceito. Ter prazer é natural e, para ela, não há quem diga o contrário. “Levante sua cabeça e vá curtir sua vida”, aconselha a todos que, de alguma forma, fogem ao padrão da sociedade.

Mas se ser diferente é normal, por que o Observatório de Mortes Violentas LGBTI+ no Brasil aponta que a sexualidade ainda é motivo para a morte de, aproximadamente, uma pessoa por dia? Apesar de os tempos serem outros, o preconceito contra sexualidades com configurações diferentes do padrão heterossexual ainda faz parte do cotidiano e, hoje, mais do que nunca, precisa ser nomeado: LGBTfobia.

Segundo dados da Fundação Perseu Abramo, é na escola que nasce o preconceito. Nesse espaço, 13% dos estudantes brasileiros sofrem a primeira manifestação de homofobia de suas vidas. “Pra falar a verdade, eu ainda não sei definir cem por cento a minha sexualidade e gênero”, aos 21 anos, Micael Batista ainda busca entender sua configuração no mundo, mas, para ele, uma coisa é fato: o jovem faz parte da comunidade LGBTQIA+ (sigla utilizada para representar a complexidade das mais de 52 definições existentes para gênero e sexualidade).

“Sei que desde muito novo descobri que me sentia atraído por pessoas do mesmo gênero”. O estudante relata que, muito antes de questionar sua sexualidade, já entendeu que a perseguição começa na escola. “Eu era mais delicado que os outros meninos e, devido a isso, era constantemente ridicularizado por eles”. A lista de xingamentos direcionados ao estudante é extensa e termos como “bichinha” ou “viado” fazem parte dos mais marcantes.

“O preconceito me seguiu em diversos momentos na escola. Lembro de uma menina dizendo que não queria sentar na minha cadeira porque não queria ser ‘contaminada’”. Micael já foi vítima de inúmeras manifestações homofóbicas em ambiente escolar e, por ter nascido em uma família com fortes tradições religiosas, também foi vítima de preconceito em casa.

“Para mim, na maioria dos casos, as pessoas são homofóbicas porque aprendem que qualquer coisa que foge ao ‘sistema’ (sic) é errada ou inferior”. Micael se refere ao sistema que padroniza a população com base na heterossexualidade e cisgeneridade. “Por mais que tenha muitos amigos legais que me aceitam, esse tipo de coisa fica com a gente por um longo tempo”. O jovem aprendeu que a melhor alternativa para driblar o mecanismo de categorização social é o diálogo e é por meio dele que tenta explicar para as pessoas um pouco da complexidade das relações afetivas. “Tento levar a vida sem muito ódio no coração apesar de estar sempre rodeado pela homofobia. E espero que, através do diálogo, possamos criar pontes”, afirma.



Liberdade sexual e o prazer de ter desejos

Parte do complexo universo sexual, Mi Ackerman desempenha serviços como camgirl – uma espécie de stripper virtual ou modelo de webcam – e, por trabalhar imersa em conteúdos voltados a sexo e sexualidade, possui opiniões precisas sobre o delicado véu que se derruba sobre o tema no Brasil.

Para Mi, o desenvolvimento pleno da sexualidade, por exemplo, está diretamente atrelado à liberdade de poder comunicar ao parceiro o que desperta ou não seus desejos. “Não existe liberdade sexual. Esse assunto é tratado de forma extremamente superficial e as pessoas se sentem envergonhadas de seus desejos, das coisas que as estimulam e de sua própria sexualidade”, a modelo de webcam observa que fetiches não são bem vistos nos relacionamentos tradicionais e, por isso, grande parte de seus clientes a procura para descarregar suas aspirações mais profundas.

Bruna Coelho lembra que a sexualidade é mais complexa do que as pessoas costumam imaginar: “A gente acha que sexualidade é um termo simples de definir. Muitas pessoas acham que sexualidade tem a ver com o coito, só que a sexualidade é uma coisa muito mais ampla”. A sexóloga explica que o conceito de sexualidade é reconhecido pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma energia; algo que vai muito além dos limites da prática sexual.

Para Micael, por exemplo, o assunto é mais difícil de explicar do que de viver: “Eu acredito que a sexualidade é algo natural e mais fluido do que as pessoas pensam”. Se-



gundo Micael, as pessoas são levadas a pensar que não existe singularidade no plural e isso enquadra todos em um mesmo estilo de vida.

Na opinião da camgirl, a vergonha é um dos maiores problemas nos relacionamentos e isso se potencializa com a chegada da velhice. “Fazem com que você se envergonhe do seu prazer... E a pessoa não está fazendo nada demais. É só um orgasmo”, completa.

Em acordo com Mi Ackerman, a coach em sexualidade e dona de sexshop Renata Soares, afirma que, ainda hoje, o sexo é permeado por tabus e que a sociedade precisa aprender a lidar com isso para atingir a plenitude sexual. Durante os atendimentos em sua loja, a sexcoach ajuda seus clientes a se autoconhecerem e, por meio disso, buscarem o prazer completo. Para ela, o primeiro tabu que deve ser desmistificado sob os lençóis da sociedade é a masturbação.

“Para as pessoas é super tranquilo que os homens se masturbem, mas as mulheres, não. É o corpo delas e elas precisam se conhecer para que, quando estiverem em um relacionamento, saibam dizer do que gostam. Isso não é feio”. Renata conta que muitas das mulheres que frequentam seu sexshop chegam à loja dizendo que têm relações com outras pessoas, mas que nunca chegaram ao orgasmo. “São pessoas que sentem tesão e não sentem prazer, por quê? Porque não conhecem o próprio corpo”, a sexcoach defende que o toque é o primeiro e principal artefato para o desenvolvimento da sexualidade de uma pessoa.

Sexualidade “mapeia” as zonas erógenas

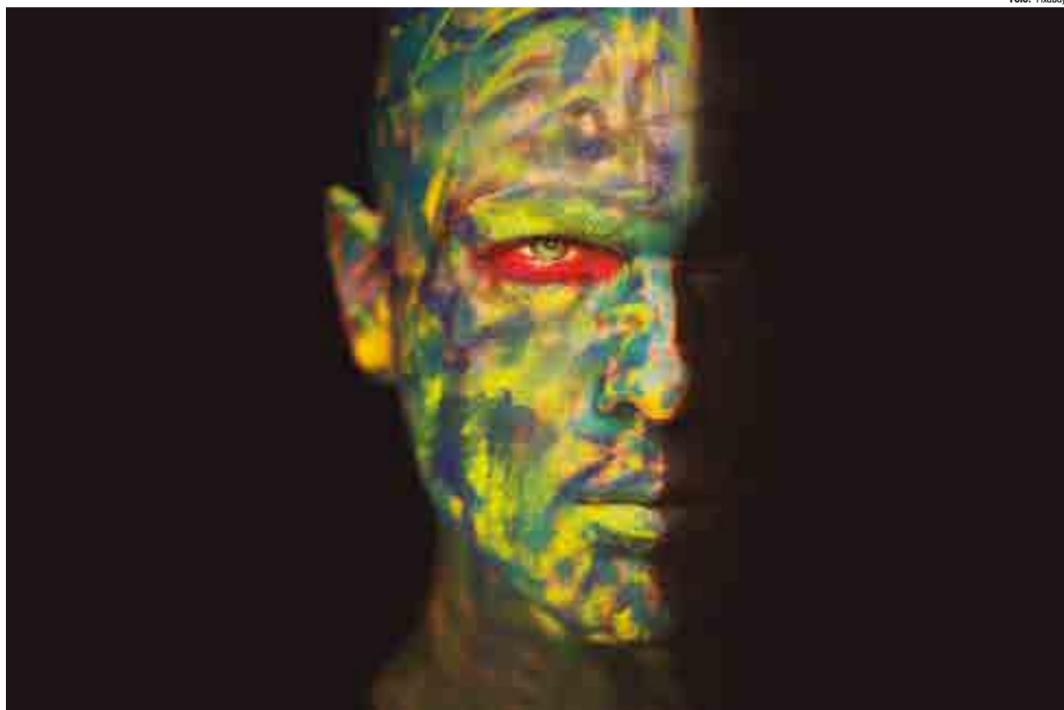
Carol Cassoli
Especial para A União

Apesar do que é evidente, de que o contato ser indispensável para um bom resultado na hora de exercer a sexualidade, esse não é o único fator para que a relação sexual seja memorável. Para isso, é preciso entender que cada indivíduo possui seus próprios gatilhos sensoriais e responde de maneiras diferentes ao contato físico. É por isso que nem todo mundo se excita ao ser tocado em uma zona tida como erógena (ou estimulante), por exemplo.

Mesmo assim, as especialistas apontam para a existência de áreas mais sensíveis que, devido a presença de um grande número de terminações nervosas, estimulam o desenvolvimento de inúmeras sensações prazerosas e que, conseqüentemente, podem

deixar o sexo mais interessante. Dentre as zonas erógenas mais famosas estão o pescoço, o abdômen, as orelhas, as coxas, os seios e até mesmo os pés.

Pensando nisso, a camgirl Mi Ackerman destaca que o orgasmo é muito importante, mas que, em busca do fim, as pessoas não devem se esquecer de aproveitar o começo e o meio também: “O orgasmo é sim necessário, principalmente para mulheres, que são tão preteridas ao longo da vida sexual, mas é deprimente ver como as pessoas estão sempre desesperadas para atingi-lo e acabam se esquecendo da experiência”. Mi faz parte da geração que acha “cringe” (ou fora de moda) focar o sexo apenas no orgasmo e acredita que o que vale é a experiência. “Se o processo for bom, talvez o fato de você não gozar não seja tão importante”, declara.



Tão normal quanto beber água

Renata Soares, dona de um sexshop, relata que está acostumada a viver rodeada pelos mais variados produtos e objetos eróticos e, por isso, a volúpia humana não a surpreende: “Nada é anormal. A pessoa pode chegar cheia de vergonha aqui na loja pedindo qualquer coisa que, para mim, está tudo bem. Tudo é permitido quando há consenso. Eu deixo as pessoas bem à vontade”.

“O cotidiano no sexshop é bem diversificado. Para algumas pessoas, sexshop é sinônimo de pênis de borracha... Mas, não. Esse é um ambiente para casados, solteiros e vende de tudo, de decoração de ambiente a velas e géis estimulantes”. A sexcoach destaca que sexo é tão normal quanto beber água.

A sexóloga Bianca Coelho concorda. Na opinião da profissional, sexo só é um problema se a frequência for anormal: “Para avaliar o que é normal do que é patológico, nos baseamos em pesquisas de comportamento sexual”.

Segundo a especialista, o “normal” é tomado por base pela con-

dução da maior parte dos indivíduos. Portanto, o “anormal” nada mais é que qualquer comportamento que destoe distintamente do padrão.

“Devemos entender que o sexo normal é aquele que satisfaz plenamente a pessoa. Se foge ao controle pessoal, podemos considerar algo insatisfatório”. Bianca afirma que a atividade sexual só é reprovável se gerar sofrimento às pessoas.

A sexóloga explica as características que permitem identificar a hiperssexualidade (ninfomania ou satiromania) entre as pessoas. Para a especialista, ter fantasias sexuais muito intensas, deixar o sexo afetar o cotidiano ou mesmo descontar em sexo o estresse do dia a dia podem ser indícios de atitudes relacionadas à hiperssexualidade. E, nesse contexto, é necessário compreender a variabilidade de comportamentos sexuais: “Existem pessoas que escolhem ter vários parceiros e isso não é um problema. O problema é perder o controle”.

“

As fêmeas são mais seletivas e também possuem o cuidado parental

Mundo animal: a defesa da espécie por meio do jogo da sedução

Se por um lado a sexualidade é tão complexa diante da racionalidade humana, por outro é na irracionalidade animal que mora o verdadeiro significado de liberdade sexual. A bióloga marinha Karina Masseur explica que os valores socioculturais dos seres humanos são responsáveis por bagunçar alguns comportamentos sexuais, principalmente optativos. “Nós humanos somos a única espécie do planeta que pode, por exemplo, fazer sexo por uma escolha natural ou renunciar a reprodução”, observa.

Em uma explicação bem semelhante à da sexóloga Bruna Coelho, Karina descreve que, assim como nos seres humanos, o acasalamento de animais depende de uma série de variáveis (chamadas de dimorfismo sexual). E alguns dos fatores mais comuns são força, tamanho e beleza. “Por regra geral, as fêmeas são mais seletivas e também são as que possuem o cuidado parental. Em algumas espécies a coloração é uma das principais características para a seleção”, explica.

Mas, apesar de observar um padrão comportamental na seleção de parceiros em todo o reino animal, Karina garante que é no fundo do mar que se escondem os melhores hábitos de flerte: “Devo dizer que os animais marinhos têm vidas sexuais muito mais emocionantes do que as nossas!”.

O primeiro exemplo da bióloga são os corais, que se adaptaram evolutivamente para sobreviver por meio de duas formas de reprodução: a sexuada (que ocorre quando dois indivíduos estão envolvidos no processo) e a assexuada (uma espécie de clonagem do progenitor).

“No caso dos tubarões, focas, leões marinhos, lobos-marinho e morsas, por exemplo, o comportamento sexual é bem agressivo”, se-

gundo a bióloga. Até mesmo o ato sexual desses animais é preocupante para quem observa de fora.

“Alguns pesquisadores relatam já terem presenciado cenas muito picantes debaixo do mar”. Karina conta que no caso da “lagosta golden shower”, por exemplo, a fêmea encanta o macho mais agressivo e urina nele para amansá-lo. “Os esguichos ficam debaixo dos olhos. Depois desse feito, ela volta para a toca, onde os dois vivem juntos por uma semana antes de realmente transar”. A bióloga marinha explica ainda que, durante esse tempo, eles se tocam com as antenas e pernas (repletas de células receptoras semelhantes às papilas gustativas) e se “lambem com os pés”.

Ainda segundo Karina, o cavalo marinho é uma das maiores peculiaridades reprodutivas desse grupo. O animal possui gravidez reversa e intriga grande parte das pessoas, porque são os machos que engravidam: “Os cavalos marinhos não realizam a cópula, apenas fazem a transferência dos ovos da fêmea para o macho, que são fecundados na bolsa incubadora”.

Na análise da bióloga, o comportamento sexual marinho é muito variado e eficaz, pois, até agora, garantiu a perpetuação de várias espécies. “Sexo com parentes, com animais muito jovens ou orgias podem surpreender as pessoas, mas são estratégias de reprodução no mar”, constata.

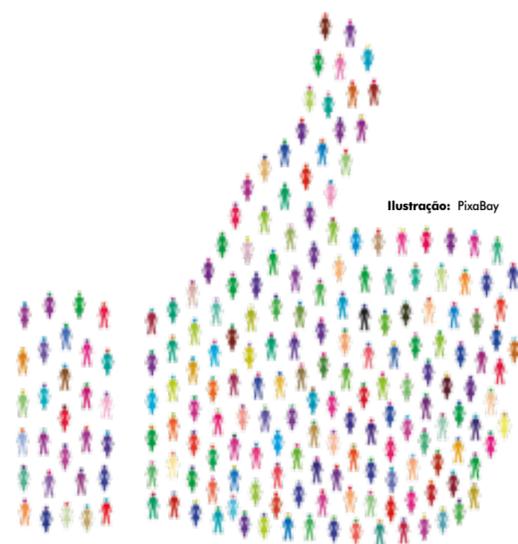


Ilustração: PixaBoy